



EXAME NACIONAL REFORMISTA

CONHECENDO O LIVRO DO APOCALIPSE

PARTE 1



DEPARTAMENTO DE
JOVENS DAS UNIÕES
NORTE E SUL BRASILEIRAS

Conhecendo o livro do Apocalipse (parte 1)

OBJETIVOS

- 1) DESTACAR A IMPORTÂNCIA DE CONHECER NOSSA DOUTRINA
- 2) ESCLARECER SOBRE A SOLENIDADE DO TEMPO EM QUE VIVEMOS E NOSSO PAPEL HOJE NO GRANDE CONFLITO
- 3) CONFIRMAR NOSSA IDENTIDADE PROFÉTICA COMO ADVENTISTAS REFORMADORES

PROCEDIMENTOS

O que é?

É o desafio de levar todos os jovens e adultos (membros ou interessados) a estudar o conteúdo completo deste livreto

Onde?

Você pode estudar no conforto da sua casa, no quarto, num parque, com amigos, ou da forma que achar melhor.

Quem?

Membros e interessados devem participar; inclusive, deve ser feito um esforço coletivo para que todos os jovens estejam envolvidos.

Como?

De uma forma espiritual, dinâmica e bem objetiva.

EXPEDIENTE:

Direção geral: Joel Ramos da Silva
Gerente financeiro: Elson Wittmann Agoeiro
Gerente de redação, copidesque e revisão: Dorval Fagundes
Produção textual (autoria): Alexandre de Araújo,
Rodney Martins e Reginaldo Castro
Projeto gráfico: Emerson Freire
Impresso nas oficinas gráficas das Edições Vida Plena

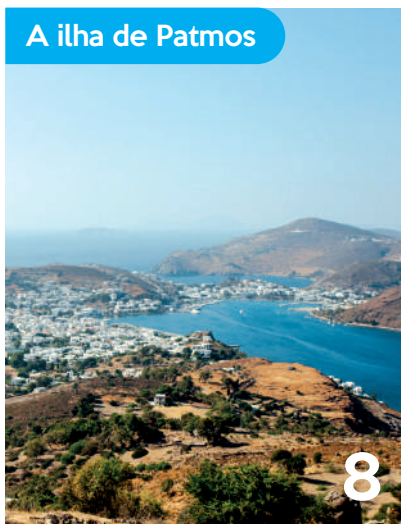
Conhecendo o livro do Apocalipse (parte 1)

Introdução



4

A ilha de Patmos



8

Capítulo 1 —
Apresentação, autoria
e detalhes (1:1-8)



10

Capítulo 2 —
Promessas
aos vencedores
(1:9-3:22)



18



Capítulo 3 — A obra de Deus pela salvação da humanidade (4:1-8:1)



38

Capítulo 4 — O selamento do povo de Deus e a grande multidão



54

Capítulo 5 — O juízo de Deus contra os opressores de Seu povo (8:2-9:21)

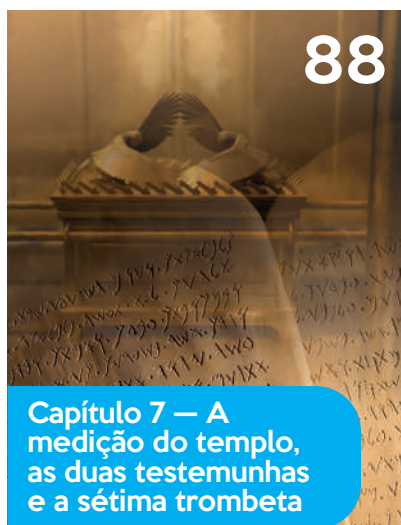


68

Capítulo 6 — O anjo com o livrinho na mão



82



88

Capítulo 7 — A medição do templo, as duas testemunhas e a sétima trombeta

Conhecendo o livro

A mídia usa a palavra *Apocalipse* como sinônimo de *exterminio*. Para os meios de comunicação, a palavra está associada a uma tragédia mundial que quase exterminaria a vida no planeta. Afirmar que o tema desse livro trata de esperança soa estranho para o cidadão comum. Mas é isso mesmo. O último livro da Bíblia, longe de falar de ameaças globais, indica que um dia as calamidades terminarão e que Deus erradicará o mal do universo.

Um grupo de seminaristas se reuniu para jogar basquete na quadra de uma escola pública próxima do estabelecimento onde estudavam. Enquanto os rapazes se divertiam, o idoso zelador do lugar aguardava lendo a Bíblia. Um dos alunos perguntou-lhe:

- O que o senhor está lendo?
- O livro do Apocalipse — respondeu o idoso.
- Mas o senhor entende o que lê? — insistiu o rapaz.
- Oh, sim! — disse o zelador com convicção. — É claro que entendo.
- E qual é o significado? — perguntou curioso o seminarista.
- Significa que Jesus irá vencer. — disse sabiamente o idoso.

Com certeza esse senhor entendeu a mensagem do Apocalipse. Apesar de usar muitas imagens simbólicas difíceis de interpretar, o livro da “*Revelação de Jesus Cristo*” deixa muito claro que Deus não criou o mundo e o abandonou à própria sorte. Apesar de vivermos num mundo ímpio e cruel, que ataca os seguidores de Cristo, no fim o bem vai vencer e o mal será derrotado.

Quem escreveu o livro do Apocalipse?

Existem evidências externas e internas no livro do Apocalipse que revelam sua autoria. O próprio autor se identifica como João (cap. 1:1; 1:4; 22:8). As igrejas da Ásia o conheciam muito bem porque ele se apresentou como “*irmão e companheiro de vocês no sofrimento, no Reino e na perseverança em Jesus*” (cap. 1:9). Como o escritor não faz nenhuma outra referência a si mesmo, entende-se que era bem conhecido pelos leitores. Mas a que João o texto se refere? O Novo Testamento cita várias pessoas com esse nome. Pela leitura do livro percebemos que era um judeu piedoso que conhecia muito bem o Antigo Testamento. Ao longo do livro ele faz mais de 400 referências diretas e indiretas a essa porção da Palavra de Deus.



A primeira geração de líderes da igreja depois da morte dos apóstolos, afirma que o autor do Apocalipse era João, “o *discípulo amado*”. Eusébio de Cesareia, que viveu no tempo do imperador Constantino, conta que “é tradição que [...] o apóstolo e evangelista João [...] foi condenado a habitar a ilha de Patmos por ter dado testemunho do Verbo de Deus”.

No segundo século, vários escritores cristãos atribuem a autoria do Apocalipse a João. Justino Mártir (100-165 d.C.) disse que o autor do livro foi João, “um dos apóstolos de Cristo”. Melitão (100-180 d.C.), bispo de Sardes, escreveu um comentário sobre Apocalipse que acabou se extraviando, do qual só temos referências em outros autores. Ele confirma a autoria de João. A mesma opinião tinha Irineu (130-202 d.C.), bispo de Esmirna. Ele foi discípulo de Policarpo que, por sua vez, tinha sido discípulo do apóstolo João. Por fim, Papias, que faleceu em 130 d.C., conheceu pessoalmente o apóstolo João e disse que foi ele quem escreveu o livro do Apocalipse. São afirmações de pessoas que receberam em primeira mão esses dados. Podemos concluir que “nenhum outro livro do Novo Testamento tem uma tradição mais forte ou mais antiga sobre sua autoria do que o de Apocalipse”.

Local

João afirma que escreveu esse livro enquanto estava prisioneiro na “*ilha de Patmos por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus*” (cap. 1:9). A ilha de origem vulcânica fica na costa da atual Turquia, no mar Egeu.

Com a morte do imperador, os presos políticos — tais como João — ganhavam a liberdade. Assim, Eusébio conta que “o apóstolo João, voltando de seu desterro na ilha [de Patmos], retirou-se para viver em Éfeso, segundo relata a tradição de nossos antigos”. Ali escreveu ainda o evangelho que leva o seu nome e as três cartas universais.

Data

A tradição afirma que o autor escreveu o livro do Apocalipse na última década do primeiro século. O exílio de João teria acontecido enquanto Domiciano era imperador de Roma (81-96 d.C.). O apóstolo teria vivido um ano e meio na ilha de Patmos até que, segundo Irineu, no livro *Contra as heresias*, a morte do imperador o anistiou.

Métodos de interpretação

Houve época em que grandes expoentes da teologia protestante não se aventuravam a comentar o livro do Apocalipse. Calvino e Lutero escreveram muito, mas nunca tentaram analisar o último livro da Bíblia. Hoje a situação mudou.

Se você entrar numa livreria evangélica e pedir um comentário do livro do Apocalipse, se surpreenderá com a variedade de interpretações que existem dele. Nenhum livro da Bíblia possui tantas abordagens de interpretação quanto o Apocalipse. Em teologia, os métodos para interpretar profecia se chamam *Escolas de interpretação profética*. Vamos destacar pelo menos quatro delas:

Escola preterista — É muito comum entre os eruditos e pesquisadores. Ela afirma que as previsões de João se cumpriram na própria época do apóstolo. Para os defensores dessa corrente, o livro foi escrito para *mostrar* que, apesar de os cristãos daquele tempo estarem na iminência de serem perseguidos pelo Império Romano, Deus puniu aquele mundo tenebroso e protegeu Seu povo. Seus intérpretes identificam a primeira besta de Apocalipse 13 como sendo o imperador Nero.

Escola futurista — A linha de interpretação futurista ganhou espaço no mundo evangélico no fim do século 19 e se tornou muito popular entre eles. Segundo ela, a partir do capítulo 4 do Apocalipse as profecias se cumprirão numa época próxima à do arrebatamento da igreja e do reinado do Anticristo. Eles procuram interpretar as profecias pela forma mais literal possível.

Escola idealista — Segue de perto a preterista. Defende que o livro descreve os problemas que a igreja sofreu durante o primeiro século da era cristã, mas crê que João usa figuras e imagens para animar o povo de Deus sob perseguição. O autor usa símbolos vivos para demonstrar que Deus está no controle da situação e que no fim o bem vai triunfar sobre o mal. Assim, as profecias não teriam cumprimento nem no passado e nem no futuro, mas conteriam mensagens especiais para todas as épocas. O importante é analisar as lições encontradas no texto bíblico.

Escola historicista — Foi muito popular no meio cristão até a metade do século 19. Entende que o livro narra eventos históricos desde o tempo de João até a volta de Jesus. Enquanto algumas profecias se aplicam ao passado, outras estão se cumprindo hoje e existe um grupo delas que se cumprirá no futuro. Segundo Ranko Stefanovic, “os eventos em si são reais, mas foram retratados em linguagem simbólica.” Essa é a escola de interpretação adotada pelo movimento adventista.

É fácil perceber que tanto a escola preterista quanto a futurista dizem que o Apocalipse não tem relevância para as gerações que viveram depois do tempo de João e antes da última geração. O estudo do conteúdo do livro deixa claro que nenhuma delas aborda corretamente o texto. O Apocalipse se apresenta como um escrito profético (Apocalipse 1:3; 22:7 e 10). Como conclui Stefanovic: “Qualquer método interpretativo que negue a natureza preditiva do Apocalipse não faz justiça às afirmações óbvias do próprio livro”.

“Esses problemas apontam para o historicismo como a única abordagem adequada para a interpretação profética. O historicismo entende que alguns acontecimentos preditos no Apocalipse ocorreram no passado e que outros se



cumprirão no futuro, bem como nos séculos entre os dois extremos. Esse método também reconhece as aplicações espirituais da mensagem do livro. Essa abordagem inclusiva torna razoável concluir que a interpretação historicista é a mais eficiente para descobrir a relevância da mensagem do Apocalipse para todas as gerações até o fim dos tempos.”

A estrutura do Apocalipse

Para entender como João estruturou o Apocalipse, é preciso destacar a relação do livro com o santuário celestial. O profeta faz referências ao santuário celestial (cap. 11:19; 15:5 e 6; 16:1) e ao mobiliário que existe nele. João diz que viu Jesus andando entre os sete castiçais (cap. 1:12 e 13) e um anjo carregando o incensário de ouro (cap. 8:3). Por fim, afirma ter visto a arca da aliança do santuário celestial (cap. 11:19).

Levando em conta a relação do livro com o santuário, podemos dividir o Apocalipse em duas partes. A primeira se relaciona com o primeiro compartimento do santuário, o lugar santo, e a segunda com o lugar santíssimo, o segundo compartimento. O ponto de transição do livro seria Apocalipse 11:19, que afirma: *“Então foi aberto o santuário de Deus no Céu, e ali foi vista a arca da Sua aliança. Houve relâmpagos, vozes, trovões, um terremoto e um grande temporal de granizo”*.

Depois de Apocalipse 11:19, a atenção do profeta se concentra nos eventos relacionados à segunda fase da ministração de Cristo no santuário. O primeiro anjo traz o evangelho eterno e adverte que chegou o tempo do juízo: *“Temam a Deus e glorifiquem-nO, pois chegou a hora do Seu juízo”* (Apocalipse 14:7).

Além dessa estrutura básica, é possível perceber que o livro do Apocalipse se compõe de sete grandes visões. Cada uma delas é marcada por uma cena que ocorre no santuário celestial. Há um progresso na exposição. Começa com Jesus sendo ungido como sacerdote (caps. 4 e 5) e caminha para o fim da expiação e do juízo no lugar santíssimo. Podemos chamar de estrutura *Menorah* (refere-se ao castiçal de sete braços encontrado no tabernáculo do deserto).

Na primeira visão, João vê Cristo andando entre os castiçais, no lugar santo, e enviando mensagens às sete igrejas da Ásia. A segunda descreve a entronização de Cristo assim que ascendeu ao Céu e foi investido de autoridade sacerdotal (caps. 4 e 5). Essa visão está relacionada aos sete selos (caps. 6 e 8:1). A terceira cena descreve a obra de intercessão no santuário, seguida pelas sete trombetas (Apocalipse 8:2 até 11:18). A quarta descreve o grande conflito. Ela começa pela abertura da obra de Cristo no lugar santíssimo (Apocalipse 11:19) e avança descrevendo a luta dos três poderes malignos contra Jesus, Satanás (cap. 12), a besta (Apocalipse 13:1-10) e o falso profeta (Apocalipse 13:11-18).

Por fim, João descreve o grupo que vence essa trindade satânica (Apocalipse 14). A quinta visão narra o fim do juízo investigativo e das sete pragas (Apoca-

lipse 15 e 16). A sexta cena descreve a queda dos inimigos de Deus e a ceia do Cordeiro (Apocalipse, caps. 17 a 19). A última visão começa pela queda do falso profeta, seguida pelo fim da besta (Apocalipse 19:20) e a prisão de Satanás (Apocalipse 20:2 e 3). Observe que Deus elimina os inimigos de Seu povo na ordem inversa em que surgiram. A visão se encerra com a descida da Nova Jerusalém e com os salvos morando com Deus pela eternidade (Apocalipse 21). As três primeiras visões estão relacionadas com o lugar santo, e as três seguintes com o santíssimo. A sétima descreve o tempo da eliminação do mal.

Cada uma dessas visões se relaciona com os sábados cerimoniais citados em Levítico 23. A estrutura do livro segue a ordem cronológica da comemoração desses feriados religiosos. João nos convida a ler cada ciclo profético sob a pers-

A ilha de Patmos

"Patmos é uma pequena ilha do mar Egeu, na costa da atual Turquia. Fica a cerca de 90 km a sudeste das ruínas da cidade de Éfeso.

"A pequena ilha tem a forma de uma ferradura ou de lua crescente, com as extremidades voltadas em direção ao continente. Tem cerca de 15 km (na parte mais comprida, no sentido norte-sul) por 10 km (na parte mais larga, de leste a oeste), e a área é de 35 km². É uma ilha irregular no formato. Se fosse regular, teria cerca de 160 km²). É apenas uma das muitas ilhas que existem na costa da Ásia Menor. Sua fama vem do fato de que foi o local das revelações descritas pelo apóstolo João no livro do Apocalipse. O ponto mais alto é o Monte do Profeta Elias, com pouco mais de 250 metros acima do nível do mar.

"Na antiguidade, a ilha tinha três portos. Hoje só um deles está em uso, o Scala. É um porto abrigado do vento. Os navios costumam ancorar na enseada e barcos pequenos levam as pessoas e as mercadorias para a praia. A população atual da ilha é de pouco mais de três mil habitantes (censo de 2011).

"A ilha é acidentada, na maior parte coberta por rochas. O solo é árido, cheio de rachaduras e escabroso. É de origem vulcânica, mas a produção agrícola não atende às necessidades locais. É preciso importar alimento de outras ilhas próximas. Poços e fontes encontrados ao longo da ilha atendem à demanda por água.

"Existem evidências de que no passado havia palmeiras ali; por isso a ilha era chamada de Palmosa. Hoje há alguns pinheiros, oliveiras e árvores frutíferas. A principal atividade econômica da população local é a pesca de esponjas. Outros cultivam uvas, cereais e verduras. Criam-se cabras na ilha, e muitas mulheres se dedicam à tecelagem.



pectiva de uma festa judaica, de rituais que derramam significados simbólicos sobre a história. As referidas festas são:

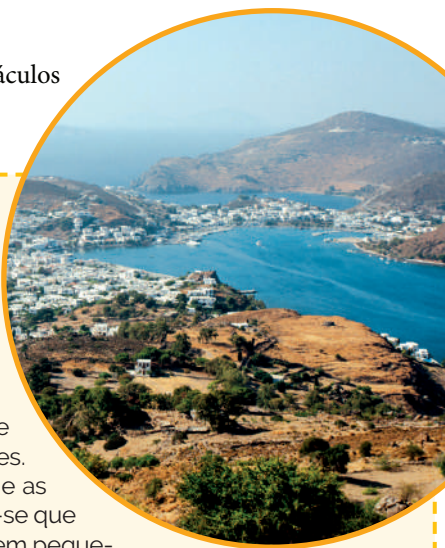
- O sábado da Lei moral (*Shabbat*);
- A Páscoa (*Pessach*);
- O Pentecostes (*Shabuot*);
- A Festa das Trombetas (ou Festa do Ano-Novo) (*Rosh Hashaná*);
- O Dia da Expição (*Yom Kippur*) e
- A Festa das Cabanas ou dos Tabernáculos (*Sukkot*).

"A ilha já pertenceu à Turquia, depois à Itália, e após a Segunda Guerra Mundial passou para o domínio grego.


"A vida ali é muito tranquila. O turismo é outra importante fonte de renda. Os turistas que a visitam costumam lotar hotéis e restaurantes. Existem algumas lojas. As ruas são irregulares e as casas são brancas, com telhado plano. Calcula-se que haja cerca de 400 igrejas e capelas, algumas bem pequenas. No fim do século 11 construiu-se um mosteiro no lugar, administrado pela Igreja Ortodoxa Grega. Existe uma estrada ingreme, onde passam ônibus e táxis, que saem do porto Scala e vão até o mosteiro. Na metade do caminho fica a caverna do Apocalipse. Ela é do tamanho de um quarto pequeno. A tradição local afirma que esse era o lugar onde João vivia enquanto estava isolado em Patmos. No teto da caverna há três fendas que, segundo os monges, foram causadas pelo terremoto que ocorreu quando o Senhor disse: 'Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim'.

"Outra tradição afirma que uma saliência numa das paredes serviu de escrivaninha para João escrever o Apocalipse. As paredes são pintadas com sete painéis onde estão escritas as promessas às sete igrejas. Na entrada da caverna há uma placa onde se lê: 'Quão terrível é este lugar! É a Casa de Deus, a porta do Céus!' (Gênesis 28:17). Jacó disse essas palavras, mas os monges consideram o lugar onde João recebeu as revelações registradas no Apocalipse como também sendo 'a porta dos Céus'."

Fonte: SDA Bible Commentary, vol. 7, pp. 65-67.



Capítulo 1



Apresentação, autoria e detalhes (1:1-8)



Depois de conhecer o cenário da ilha de Patmos e a contextualização histórica do livro profético que traz uma das maiores revelações do maior personagem da história humana — Jesus Cristo —, devemos mergulhar no conteúdo norteado pela teologia, história e profecia.

Essa jornada irá nos levar ao passado, ao presente e ao futuro. Nessas três dimensões percorreremos os eventos mais importantes da história humana com mensagens repletas de graça, esperança e salvação.

O Apocalipse é um livro selado?

■ *“Revelação de Jesus Cristo, que Deus Lhe concedeu para mostrar a Seus servos os acontecimentos que em breve devem se realizar, e que Ele, por intermédio do Seu anjo, expressou ao Seu servo João, o qual comprovou tudo quanto viu da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus Cristo” (Apocalipse 1:1 e 2).*

O significado etimológico da palavra *Apocalipse* deve ser analisado em sua estrutura: “*Apo*” significa “de dentro para fora”, e “*Kalupsis*” cobertura ou véu. Portanto, “*Apokalupsis*” significa revelar, descobrir ou tirar o véu que oculta algo.

“Revelação de Jesus Cristo”

Mas o que o livro do Apocalipse revela? Jesus Cristo! Ele não é a revelação do Apocalipse, mas é o Apocalipse que O revela. Estudando atentamente esse livro, encontraremos Jesus em todas as páginas. Cristo é o centro e a circunferência do Apocalipse.

Ao ler e estudar o livro, não podemos esquecer que seu autor é o próprio discípulo amado. Ele viu e testificou não apenas em Patmos, mas pessoalmente. João viu, viveu e tocou o Senhor Jesus em Sua peregrinação. O profeta de Patmos é o mesmo que muitas vezes se reclinava em Seu peito. Viajaram e navegaram juntos pelo Mar da Galileia, comeram juntos, conviveram por três anos e meio. João foi o único discípulo a permanecer ao pé da cruz. Viu o corpo de Jesus ferido pelos nossos pecados. Comprovou que Jesus havia ressuscitado e foi testemunha ocular da ascensão do Salvador. Agora João recebe uma nova REVELAÇÃO da parte de Deus!

■ *“Bem-aventurado aquele que lê e bem-aventurados os que ouvem as palavras desta profecia e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo” (Apocalipse 1:3).*

Essa revelação traz uma bem-aventurança aos que leem, ouvem e guardam as palavras registradas no Apocalipse. Para que sejamos bem-aventurados, devemos adotar essas três atitudes; porém, mui-

Capítulo 1

tas vezes não as cumprimos porque não queremos encontrá-las; e não as queremos encontrar porque não desejamos guardá-las. Contudo, bem-aventurado o que as lê, ouve e guarda.

“Sede não apenas leitores da Bíblia, mas ferventes estudiosos dela, para que possais saber o que Deus requer de vós. Necessitais do conhecimento experimental de como fazer a Sua vontade.” — *Conselhos sobre educação*, p. 147.

Há um tesouro teológico de inestimável valor em nossas mãos. Temos à disposição os maiores ensinamentos dos patriarcas, profetas e reis acerca de nossa salvação. Os ensinamentos apostólicos, paulinos, petrinus, joaninos, bem como o de nosso Senhor Jesus, seguem franqueados gratuitamente a cada um de nós.

Por isso podemos alcançar a bem-aventurança ao receber conhecimento, orientação, direção, aconselhamento e consolo para nossa salvação.

“Ouvir a Palavra de Deus é um privilégio; obedecê-la é um dever. Não há autêntico cristianismo naquele que ouve e esquece, ou naquele que deliberadamente desobedece. Todo privilégio vai acompanhado de uma responsabilidade; e o privilégio de ouvir leva consigo a responsabilidade de escutar, lembrar e obedecer.” (Barclay, 1972).

■ “João, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça a vós e paz da parte daquele que é, e que era e que há de vir, e da dos sete espíritos que estão diante do Seu trono” (Apocalipse 1:4).

Quem são os destinatários do Apocalipse? Jesus Cristo direcionou Sua revelação a um grupo específico e seletivo. Não, absolutamente, mas endereçou-a à humanidade como um patrimônio histórico, profético e escatológico.

“Os nomes das sete igrejas são símbolos da igreja em diferentes períodos da era cristã. O número sete indica plenitude e simboliza o fato de que as mensagens se estendem até o fim do tempo, enquanto os símbolos usados revelam o estado da igreja nos diversos períodos da história do mundo.” — *Atos dos apóstolos*, p. 301.

As sete igrejas da Ásia mencionadas nos três primeiros capítulos representam sete períodos de uma mesma igreja, a igreja de Deus na Terra; prometem-se a esses períodos dois elementos essenciais para nossa redenção: a graça e a paz. Essa expressão apostólica, paulina, petrina — e aqui joanina — está saturada de significado, pois revela os fundamentos da salvação. *Graça e paz*: uma não pode existir sem a outra. A graça revela o preço da salvação, e a paz é seu fruto. A graça é a causa da salvação; a paz será sempre seu resultado.

As mensagens às sete igrejas não são apenas episódios pretéritos, mas ecoam através da neblina dos séculos. Nosso maior equívoco é imaginar tais verdades como ocorrências ligadas ao passado ou unicamente aos que viveram nos respectivos sete períodos.



A igreja está no centro do plano de salvação. Deus se propôs edificá-la numa comunidade nova e redimida. Todavia, o que é a igreja? Existem mais de cem referências da palavra *igreja* no Novo Testamento; porém, em nenhuma delas encontramos referência a um prédio ou templo, mas sempre a pessoas.

Antes de analisar as sete igrejas do Apocalipse, precisamos refinar nosso conceito etimológico de igreja, pois jamais entenderemos o significado das sete igrejas antes de compreender e definir o termo.

Duas definições etimológicas para a palavra *igreja* merecem destaque. Do idioma grego, “*ekklesia*” é formada por dois radicais: “*ek*” (“para fora”) e “*kle-sia*” (“chamados”). Temos aqui a primeira definição para *igreja*: “*chamados para fora*”. A segunda e não menos importante é outra derivação do grego: “*Kurios*”, que significa “Senhor”. No inglês, a palavra *igreja* se apresenta como “*church*”; no escocês, “*kirk*”, e em alemão, “*kirche*”. Todas elas representam “*aqueles que pertencem ao Kurios*”, aqueles que pertencem ao Senhor e foram chamados para sair; sair da bolha social, fora de nosso egocentrismo.

Essas duas características são as únicas que representam genuinamente uma igreja, sua missão e sua identidade. Tudo o mais é apenas representação humana e antropocêntrica. É urgente a necessidade de reformular o conceito de igreja em nosso meio.

“A aceitação de teorias novas e a filiação a uma igreja não produzem em ninguém vida nova, embora a igreja a que se una esteja estabelecida sobre o alicerce verdadeiro. A ligação a uma igreja não substitui a conversão. A aceitação do credo de uma igreja não tem valor algum para quem quer que seja se o coração não estiver verdadeiramente transformado. [...] Precisamos ter mais do que uma crença intelectual na verdade.” — *Evangelismo*, p. 290.

Há muitas pessoas que entram para a igreja, mas não nascem de novo. Podem fazer parte da igreja na Terra, mas não da igreja no Céu. Têm o nome registrado no rol de membros da igreja, mas não no livro da vida. Estar na igreja é necessário, mas não suficiente. É preciso estar tanto em Cristo quanto na igreja. Não basta a adesão; é necessário conversão. Precisamos ser batizados pela água, mas antes de tudo pelo Espírito Santo. É muito bom ser filho de crentes, mas muito melhor é ser filho de Deus. Não deve haver um abismo entre nossa teologia e nossa vida.

Após aprimorarmos o conceito de igreja, podemos avançar na análise exegética das sete igrejas do Apocalipse. O número sete (7 igrejas, 7 cartas, 7 selos, 7 trombetas, 7º dia, 7 sinais no Céu, 7 taças da ira de Deus e 7 visões finais) indica perfeição, faz parte da extensa numerologia bíblica e apocalíptica. O número doze (12 tribos de Israel, 12 apóstolos e 12 portas da cidade santa) indica permanência e escolha. O número quarenta (40 dias do dilúvio, 40 dias de Moisés no monte, 40 dias espiando a terra de Canaã, 40 anos de peregrinação pelo deserto,

Capítulo 1

40 dias em que Jesus permaneceu no deserto e 40 dias na Terra antes de Sua ascensão) aponta para o tempo de Deus, para a comunhão com o Senhor.

Concluimos que os destinatários das sete cartas às igrejas estão presentes nos sete períodos de uma mesma igreja desde os dias da igreja primitiva até a volta de Cristo. Mas quem é o remetente da carta?

■ *“E da parte de Jesus Cristo, que é a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Príncipe dos reis da Terra. Aquele que nos ama, e pelo Seu sangue nos libertou dos nossos pecados, e nos fez reino, sacerdotes para Deus, Seu Pai, a Ele seja glória e domínio pelos séculos dos séculos. Amém”* (Apocalipse 1:5 e 6).

Jesus é a revelação do Apocalipse porque é Ele quem testemunha. Ele é a Testemunha Fiel e Verdadeira, Aquele que nos ama. Nessa passagem apocalíptica Jesus é chamado de primogênito, mas não no sentido de ter sido criado ou ter tido um início. Jesus é o primogênito no sentido de preeminência, não em origem, mas em supremacia! Essa expressão é muito utilizada nas Escrituras para revelar primazia, excelência e superioridade. Podemos relembrar pelo menos três exemplos bíblicos:

Salmos 89:20 e 27. Davi, mesmo sendo o caçula, foi mencionado como primogênito;

Já em Êxodo 4:22, Israel também é citado como primogênito, e

Em Números 8:18, embora Levi fosse o terceiro filho, é referido como o primogênito.

Jesus está acima de Roma e dos imperadores, Ele está acima das maiores nações e reis da Terra; acima dos líderes mundiais que ostentam riqueza e poder. Como Rei dos reis, veio estabelecer o Seu reino que jamais terá fim.

■ *“Eis que vem com as nuvens, e todo olho O verá, até mesmo aqueles que O passaram; e todas as tribos da Terra se lamentarão sobre Ele. Sim. Amém”* (Apocalipse 1:7).

O livro do Apocalipse é puramente adventista. A segunda vinda de Cristo será:

- **Profética:** todas as profecias messiânicas apontam para Seu triunfo, ainda que revelem Seu sofrimento;
- **Histórica:** o primeiro advento de Jesus dividiu a história universal em antes e depois de Cristo. Seu segundo advento é o único capaz de dividir novamente a história;
- **Literar:** será o maior evento literal e simultâneo na história das nações. Será um acontecimento nítido, evidente e único;
- **Visível:** “[...] todo olho O verá, até mesmo aqueles que O traspassaram, e todas as tribos da Terra se lamentarão por causa dEle” (Apocalipse 1:7);



A segunda vinda de Cristo, visível e literal



- **Universal:** todas as nações, tribos, línguas e povos estarão diante dEle;
- **Escatológica:** o estudo final do destino do homem e deste mundo aponta para a segunda vinda de Jesus como a consumação de Sua obra de redenção;
- **Corpórea:** virá pessoalmente em Seu corpo humano e divino, tangível e concreto;
- **Breve:** no sentido profético, estamos muito próximos desse acontecimento;
- **Insuperável:** episódio algum em todo o universo irá superar esse evento que marcará a história universal.

■ *“Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, Aquele que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso” (Apocalipse 1:8).*

Onde começa e onde termina o cristianismo? As duas letras do alfabeto grego revelam a resposta a essa pergunta. Jesus é o Alfa e o Ômega do cristianismo, Ele detém o controle total sobre a história e sobre o destino do mundo. Seus atributos são eternos.

■ *“Eu, João, irmão vosso e companheiro convosco na aflição, no reino, e na perseverança em Jesus, estava na ilha chamada Patmos por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (Apocalipse 1:9).*

Capítulo 1

Preso por causa da Palavra de Deus

Embora prisioneiro de Roma, João se considerava mesmo era um prisioneiro de Cristo, encarcerado por causa da Palavra de Deus. Estava na prisão em Patmos, uma pequena ilha rochosa do mar Egeu, não por causa da palavra de Domiciano, mas por causa da palavra e do testemunho de Jesus. O apóstolo do amor, transformado e fortalecido pela graça, estava disposto a viver e morrer por Jesus.

Foi Domiciano que ordenou que o idoso João fosse jogado num caldeirão de óleo fervente. O historiador Tertuliano narrou essa história um século depois. Diversos teólogos e líderes cristãos narraram e relembaram essa história ao longo dos séculos. A seguir, acompanhe a narrativa do ponto de vista de uma escritora do século 19:

“João foi lançado dentro de um caldeirão de óleo fervente; mas o Senhor preservou a vida de Seu fiel servo da mesma maneira como preservara a dos três hebreus na fornalha ardente. Ao serem pronunciadas as palavras: ‘Assim pereçam todos os que creem nesse enganador, Jesus Cristo de Nazaré’, João declarou: ‘Meu Mestre Se submeteu pacientemente a tudo quanto Satanás e seus anjos puderam inventar para humilhá-LO e torturá-LO. Ele deu a vida para salvar o mundo. Considero uma honra o ser-me permitido sofrer por Seu amor. Sou um homem pecador e fraco. Cristo era santo, inocente, incontaminado. Não pecou nem se achou engano em Sua boca.’ Essas palavras exerceram sua influência, e João foi retirado do caldeirão pelos mesmos homens que ali o haviam lançado.” — *Atos dos apóstolos*, p. 580.

Os destinatários do livro de Apocalipse

Esse livro profético foi destinado não apenas aos seus primeiros leitores, mas a todos os homens que viveriam nas eras sucessivas entre a primeira e a segunda vinda de Cristo.

■ “[...] que dizia: O que vês, escreve-o num livro, e envia-o às sete igrejas: a Éfeso, a Esmirna, a Pérgamo, a Tiatira, a Sardes, a Filadélfia e a Laodiceia. E voltei-me para ver quem falava comigo. E, ao voltar-me, vi sete castiçais de ouro, e no meio dos castiçais um semelhante a Filho de Homem, vestido de uma roupa talar, e cingido à altura do peito com um cinto de ouro; e a Sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve; e os Seus olhos como chama de fogo; e os Seus pés semelhantes a latão reluzente que fora refinado numa fornalha; e a Sua voz como a voz de muitas águas” (Apocalipse 1:11-15).

João vê uma figura divina que é, ao mesmo tempo, humana. Seus olhos são como labaredas de fogo, aquecendo os corações; Seus pés eram fortes e firmes como bronze, e Sua voz tão alta como quando as fortes ondas do mar Egeu batiam contra os rochedos da ilha de Patmos. As vestes (1:13) puras representam Seu caráter e Seu ministério. Seus cabelos brancos (1:14) indicam Sua divindade, santidade e eternidade. Os olhos (1:14) falam da Sua onisciência, que a tudo vê



e conhece. Seus pés (1:15), como o bronze reluzente, transmite a ideia de força, juízo e estabilidade. Todos esses elementos revelam Jesus como Senhor e Salvador da humanidade.

Sua voz (1:15) fala do poder irresistível de Sua Palavra e do Seu juízo. A mão direita (1:16) assinala que o controle pleno e absoluto do governo deste mundo está com Ele.

Ao contemplar Seu rosto (1:16), João vê um Cristo vitorioso e triunfante, não mais um servo perseguido, preso, esbofeteado, com o rosto cuspidado, mas o Cristo cheio de glória. A luz do Sol supera o brilho dos sete castiçais.

■ *“Tinha Ele na Sua destra sete estrelas; e da Sua boca saía uma aguda espada de dois gumes; e o Seu rosto era como o Sol, quando resplandece na sua força. Quando O vi, caí a Seus pés como morto; e Ele pôs sobre mim a Sua destra, dizendo: ‘Não temas; Eu Sou o primeiro e o último, e o que vivo; fui morto, mas eis aqui estou vivo pelos séculos dos séculos; e tenho as chaves da morte e do hades’” (Apocalipse 1:16-18).*

A reação de João diante do Cristo vencedor e glorioso foi cair-Lhe aos pés. Nossa atitude deveria ser idêntica à do profeta de Patmos diante das demonstrações do amor de Deus e das revelações que temos recebido de Jesus em Sua Palavra. Jesus é digno não apenas de nossa admiração, mas de nossa adoração.

As sete igrejas da Ásia

Todas as cartas seguem um padrão estabelecido pelo próprio Cristo. A Testemunha Fiel e Verdadeira inicia suas cartas com um elogio, seguido de reprovação e advertência, e sempre as encerra com uma promessa. Todas as sete cartas foram endereçadas aos respectivos anjos dos períodos de cada igreja. Eles são os mensageiros e líderes presentes em cada período das igrejas. Mensageiros literais da época receberam cartas de verdade, os quais, por sua vez, transmitiram-nas aos crentes das sete igrejas da Ásia Menor no primeiro século da era cristã. Tais mensagens também tinham seu cunho escatológico e profético para a igreja de Deus desde os dias da igreja primitiva até a segunda volta de Cristo. Portanto, devemos entender que essas cartas tiveram um papel local, mas também universal.

Como estão as sete igrejas da Ásia Menor hoje em dia?

Em ruínas. E por quê? Porque não deram ouvidos ao que o Espírito diz às igrejas. Ouvir o Espírito Santo não é apenas uma escolha, mas uma necessidade, pois é através dEle que se pode manter acesa a chama do cristianismo. Das sete igrejas descritas no Apocalipse, apenas duas não receberam censuras da Testemunha Fiel e Verdadeira: Esmirna e Filadélfia. Quatro períodos da igreja receberam elogios e censuras: Éfeso, Pérgamo, Tiatira e Sardes. Para o período de Laodiceia não há elogios, apenas censuras. ■

Capítulo 2



Promessas aos vencedores

(1:9-3:22)



John Stott afirma que as “promessas de Deus são como beijos que asseguram Seu amor”. Ao analisar as mensagens dirigidas aos sete períodos da igreja de Deus através dos séculos, devemos ter sempre em mente as promessas de Deus para cada época das igrejas. Tais promessas, embora condicionais, revelam o grande amor da Testemunha Fiel e Verdadeira pela Sua igreja em todas as eras. São promessas extensivas a todos nós que vivemos no sétimo e último período das sete igrejas do Apocalipse.

■ Primeira promessa à igreja em Éfeso (“desejável”)

Sinopse:

- **Contexto histórico e cronológico:** O período se estendeu do ano 27 ao ano 100, e durou cerca de 73 anos.
- É o período da igreja primitiva.
- **Palavra-chave:** “Triunfo!”

Esse foi o período mais promissor, em que a igreja colheu os triunfos do evangelho pelo trabalho que realizou na era apostólica. O ano 27 marcou o início do primeiro período das sete igrejas, e o evento principal desse ano foi o batismo de Cristo. O ano 100 marcou o término do período de Éfeso com a morte de João, o profeta do Apocalipse.

Éfeso era a capital da Ásia Menor e a maior cidade da costa oeste da região, destacando-se como um centro de comércio marítimo, rodoviário e militar da região, com uma próspera comunidade urbana. Seu nome significa *desejável*. A cidade de Éfeso era célebre por abrigar o templo de Ártemis, que foi construído por volta de 550 a.C. e é considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo. Éfeso também é conhecida por possuir um grande cemitério de gladiadores.

De acordo com a tradição histórica, João era pastor da igreja em Éfeso. Ele foi o último representante vivo do colégio apostólico.

A mensagem a Éfeso

■ “Ao anjo da igreja em Éfeso escreve: ‘Assim declara Aquele que tem as sete estrelas na mão direita e anda no meio dos sete castiçais de ouro: Conheço as tuas obras, tanto o teu trabalho árduo como a tua perseverança, e que não podes tolerar pessoas más, e que puseste à prova aqueles que a si mesmos se declaram apóstolos, mas não são, e descobriste que eram impostores. Tens perseverado e suportado sofrimentos de toda espécie por causa do meu Nome, e não te deixaste desfalecer’” (Apocalipse 2:1-3).

Capítulo 2

A expressão “*Conheço as tuas obras*” se repete em todas as cartas dirigidas aos sete períodos da igreja. Aquilo que a sociedade, familiares e amigos não sabem, Jesus diz: “*Eu conheço*”. Ninguém pode permanecer invisível Àquele cujos olhos são como chama de fogo. Jesus conhecia as obras, o trabalho árduo, a perseverança e a intolerância aos maus e impostores, ou seja, dos que se diziam apóstolos e não o eram. A igreja em Éfeso possui marcas de uma igreja viva, de uma igreja disposta a sofrer por amor a Cristo. Entretanto, desde os dias de João muitos cínicos têm se levantado de dentro da igreja com a falsa e pretensa nomeação apostólica. Esses é que eram os *impostores*.

A advertência

■ “*Entretanto, tenho contra ti o fato de que abandonaste o teu primeiro amor. Recorda-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras. Porquanto, se não te arrependeres, em breve virei contra ti e tirarei o teu castiçal do seu lugar*” (Apocalipse 2:4 e 5).

O que significa perder o primeiro amor? O maior pecado de Éfeso talvez seja também o nosso maior pecado. Quantos de nós temos deixado o primeiro amor? Todavia, o que significa perder o primeiro amor? Na igreja em Éfeso os falsos apóstolos e profetas, assim como as heresias e falsos ensinamentos, duravam muito pouco. Foi um período rico em dons espirituais. Mas o que lhe faltava? Era o essencial para o genuíno cristianismo: o amor. Podemos correr o risco de apresentar a verdade e perder a piedade. Quando perdemos o amor, perdemos todos os elementos necessários para nossa vida devocional. Nesse período, seus membros perderam o amor que tinham uns pelos outros e por Cristo.

Quais são as consequências do abandono do primeiro amor? A remoção do castiçal, que significa a remoção da presença de Cristo da história da igreja. O castiçal era a única fonte de luz no santuário terrestre. Cristo é, também, a única fonte de luz para a igreja em todas as eras. Sem Ele, toda igreja estará em trevas.

■ “*Tens, contudo, a teu favor que odeias as práticas dos nicolaítas, as quais Eu também odeio*” (Apocalipse 2:6 e 7).

Cristo odeia a heresia pregada e propagada pelos nicolaítas. Ele apenas os nomeia, mas não os define. A tradição identifica Nicolau, prosélito de Antioquia, como o fundador dessa heresia.

O que sabemos é que os nicolaítas formaram uma seita gnóstica e herética que pregava a liberdade da carne e afirmava que Cristo não era divino. O gnosticismo é um conjunto de crenças de natureza filosófica e religiosa cujo princípio básico é a ideia de que há em cada humano uma essência imortal que transcende o próprio ser.



A promessa para o primeiro período da igreja (Éfeso)

■ *“Quem tem ouvidos, compreenda o que o Espírito declara às igrejas: ‘Ao vencedor darei o direito de comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus’”* (Apocalipse 2:7).

Nossa fé não deve se basear em sentimentos, mas nas promessas de Deus. Elas ultrapassam os limites do tempo e nos remetem à eternidade, ao paraíso restaurado de Deus na nova Terra, onde a árvore da vida nos alimentará com o fruto da vida eterna. Entretanto, vida eterna é conhecer a Deus e a Jesus Cristo. Viver no paraíso é fruir e desfrutar da comunhão com o Senhor do paraíso. O Céu só é Céu porque Jesus está ali!

“O Céu é onde Cristo está. O Céu não seria Céu para os que amam a Cristo se Ele não estivesse ali.” — *Manuscrito 41*, 1897.

Segunda promessa à igreja em Esmirna (“Perfume suave, mirra”)

Sinopse:

Contexto histórico e cronológico: período compreendido entre os anos 100 e 323, com 223 anos de duração;

Período de aflição, perseguição e intolerância contra o povo de Deus;

Palavra-chave: “Aceitação”.

O significado de Esmirna é *“perfume suave ou mirra”*. Mirra, por sua vez, é uma planta aromática e medicinal com diversas propriedades terapêuticas. Esse período da igreja de Deus cobriu os acontecimentos entre a morte do apóstolo João, no ano 100, e o Edito de Milão em 313.

Esmirna, atualmente chamada Ismir, existe há milhares de anos e pertence ao território turco. É uma das cidades mais antigas da bacia do Mediterrâneo. A cidade original compartilhava com Troia a cultura mais importante da Anatólia.

A mensagem a Esmirna

Para esse período não há censuras da parte de Jesus, a Testemunha Fiel e Verdadeira. Em Esmirna havia uma igreja fiel e Jesus não lhe apresentou censura alguma, mas só promessas!

■ *“Ao anjo da igreja em Esmirna escreve: ‘Aquele que é o primeiro e o último, que foi morto e ressuscitado, faz as seguintes afirmações: Conheço as tuas aflições e a tua pobreza; contudo, tu és rico! Conheço a blasfêmia dos que se dizem judeus, mas não são, pelo contrário, são sinagoga de Satanás’”* (Apocalipse 2:8-10).

Inúmeros mártires renderam a vida nesse período da igreja. Policarpo, bispo de Esmirna, foi o mais conhecido deles. O diagnóstico preciso que Jesus faz

Capítulo 2

desse período descreve uma igreja pobre do ponto de vista humano, mas rica para com Deus, pois o conceito divino de riqueza é muito diferente do conceito humano. Essa mensagem esclarece que o importante não é o que os homens pensam acerca de nós, mas o que Jesus vê em nós. Podemos ser ricos para com os homens, mas, por outro lado, pobres para com Deus. Muitos podem ser financeiramente ricos, mas espiritualmente miseráveis.

Esse engano é narrado pela Testemunha Fiel e Verdadeira através da *“blasfêmia dos que se dizem cristãos e não o são”*. Para que uma instituição religiosa e eclesiástica possa ser rotulada de *“sinagoga de Satanás”*, basta que a hipocrisia seja uma marca predominante e presente na vida dos membros.

O encorajamento à igreja em Esmirna

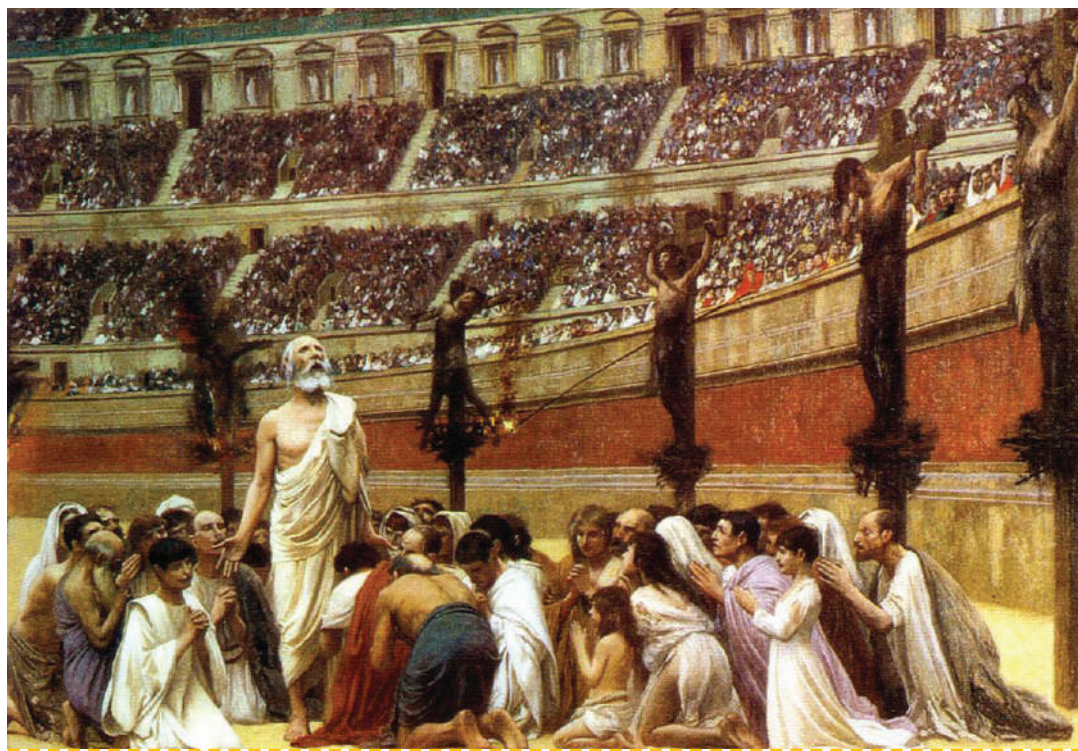
■ *“Não temas nada do que estais prestes a sofrer! Eis que o diabo está para lançar alguns de vós na prisão a fim de que sejais provados, e sofrereis perseguição durante dez dias. Sê fiel até a morte e Eu te darei a coroa da vida!”* (Apocalipse 2:10).

Agora a Testemunha Fiel e verdadeira prepara a igreja em Esmirna para as tribulações do período, que se condensam numa perseguição que duraria dez dias proféticos, ou seja, dez anos literais. Os imperadores romanos Trajano (98-117 d.C.), Adriano (117-138) e Marco Aurélio (161-180) perseguiram de maneira esporádica a igreja nesse período, mas foi nos dias de Diocleciano (303-313) que a perseguição se tornou implacável e ferrenha contra os cristãos. O paganismo temia que, se o evangelho triunfasse, seus templos e altares desapareceriam. Por isso deflagrou uma terrível perseguição com o objetivo de destruir o cristianismo; e embora tenha sido grande o sofrimento nessa época, o encorajamento foi maior. A Testemunha Fiel e Verdadeira afirmou aos fiéis: *“Sê fiel até a morte, e Eu te darei a coroa da vida.”*

A promessa para o segundo período da igreja em Esmirna

■ *“Aquele que tem ouvidos, compreenda o que o Espírito revela às igrejas: ‘O vencedor de maneira alguma sofrerá a punição da segunda morte’”* (Apocalipse 2:11).

Por que a segunda morte é tão terrível e assustadora? Porque é definitiva e eterna, e marcará a aniquilação da existência. Infelizmente os homens temem mais a primeira do que a segunda morte, mas se esquecem de que há esperança para a primeira, que é o Cristo ressurreto. Na lápide do cristão, em seu epitáfio, não deveria estar inscrito: *“Descanse em paz!”*, mas *“Christus Victor”*, ou seja, *“Cristo Vencedor”*!



■ Terceira promessa à igreja em Pérgamo (“elevação, exaltação”)

Sinopse:

Contexto histórico e cronológico: período compreendido entre os anos 313 e 538, com aproximadamente 215 anos de extensão;

A ameaça do paganismo contra o cristianismo;

Palavra-chave: “Secularização” (mundanismo).

Pérgamo é uma antiga cidade grega que se situava na Mísia, a noroeste da Anatólia, a mais de 20 km do Mar Egeu numa colina isolada do vale do rio Cai-cos. Hoje em dia localiza-se na região norte e oeste da moderna cidade de Bergama, na Turquia. Em Pérgamo havia uma biblioteca com um acervo de mais de 200 mil pergaminhos, rivalizando em importância apenas com a famosa biblioteca de Alexandria, no Egito.

É interessante assinalar que a palavra “*pergaminho*” deriva do nome da cidade, que é Pérgamo. Os estudiosos de Pérgamo inventaram o pergaminho, e o produziam com couro alisado e encerado para que se pudesse escrever sobre sua superfície. O pergaminho utilizado pelos gregos e romanos, e o papiro pelos egípcios, coexistiram por séculos.

Capítulo 2

O terceiro período das sete igrejas descrito por João é o da igreja em Pérgamo, iniciado com o Edito de Milão em 313, que passou a ser conhecido como “o edito da tolerância”, quando o Império Romano adotou uma posição neutra para com o credo religioso, eliminando a perseguição imposta pelo governo civil. Esse período durou cerca de 225 anos, concluindo-se em 538, quando o imperador romano Justiniano determinou que o papa Virgílio se tornasse o cabeça da santa igreja, elevando-o à autoridade máxima do poder civil e eclesiástico.

Constantino tentou reunificar o reino ao transferir a capital do Império Romano para Constantinopla, no oriente. A conversão nominal de Constantino ao cristianismo ocorreu em 321. Logo após sua vitória contra Magêncio e o início da retomada de algumas regiões do ocidente, Constantino publicou o Edito de Milão, no qual constava que o Império Romano tomou uma posição de neutralidade para com o credo religioso cristão, acabando com todo massacre oficialmente aprovado. O documento devolveu aos cristãos os lugares de culto e as propriedades que tinham sido confiscadas pelo imperador Diocleciano.

A mensagem a Pérgamo

■ “Ao anjo da igreja em Pérgamo escreva: Estas são as palavras dAquele que tem a espada afiada de dois gumes” (Apocalipse 2:12).

A espada afiada de dois gumes é uma significativa representação de Sua Palavra. “Pois a Palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e intenções do coração” (Hebreus 4:12).

A advertência contra a igreja em Pérgamo

■ “Conheço o lugar em que vives, onde se encontra o trono de Satanás” (Apocalipse 2:13).

Em Pérgamo havia dois santuários famosos: os templos dedicados a Zeus e a Esculápio. O de Zeus marcava a vitória de Pérgamo contra os bárbaros. Por volta de 240 a.C. os habitantes de Pérgamo haviam alcançado grande vitória contra os invasores gálatas (ou galos), povos considerados “bárbaros” ou selvagens. Essa vitória foi atribuída a Zeus, o deus grego do trovão e da chuva, o senhor do monte Olimpo. O segundo templo pagão em Pérgamo foi consagrado a Esculápio, o deus curandeiro. Na antiguidade, seus templos sempre ficavam próximos de hospitais. Atualmente a medicina e suas diversas ramificações homenageiam esse deus grego em escolas e universidades, em estampas de jalecos, em convites e fachadas. Neles se vê o bastão de Esculápio.

Muitas pessoas, provenientes de todas as partes do mundo, iam a Pérgamo, ao templo de Esculápio, em busca de cura para doenças. Por isso, em Pérgamo se



situava o “trono de Satanás”, pois onde quer que o ser humano ou o paganismo seja exaltado, Satanás reina através de dois elementos: o antropocentrismo (o ser humano no centro de tudo) e a idolatria.

■ *“Eu sei as tuas obras, e onde habitas, que é onde está o trono de Satanás; e reténs o Meu nome e não negaste a Minha fé, ainda nos dias de Antipas, Minha fiel testemunha, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita. Mas umas poucas coisas tenho contra ti, porque tens lá os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel para que comessem dos sacrifícios da idolatria e se prostituíssem. Assim, tens também os que seguem a doutrina dos nicolaítas, o que Eu aborreço”* (Apocalipse 2:13-15).

O texto menciona vários elementos e símbolos proféticos que se referem à grande corrupção desse período:

- *O martírio de Antipas* (“em lugar de pai”) — Morto por negar adoração ao imperador romano Diocleciano. Segundo a tradição, Antipas foi carbonizado dentro de um boi de bronze;
- *A doutrina de Balaão* — Com o propósito de dividir e arruinar a igreja;
- *A recorrente doutrina dos nicolaítas* — Seita herética presente em Éfeso e Pérgamo, que negava a divindade de Cristo. O gnosticismo, filho legítimo dos nicolaítas, preconizava que, para derrotar Satanás era necessário entrar em sua fortaleza. Cristo, a Testemunha Fiel e Verdadeira afirma odiar a heresia pregada e propagada pelos nicolaítas. Cristo novamente os nomeia, mas não os define. A tradição identifica Nicolau, prosélito de Antioquia, como o fundador dessa heresia.

Promessa para o terceiro período da igreja em Pérgamo

Jesus dirige Suas promessas a todas as igrejas. Lembre-se de que as promessas de Deus são beijos que asseguram Seu amor.

■ *“Diante do exposto, arrepende-te! Caso contrário, logo virei contra ti e contra eles pelejarei com a espada da Minha boca. Quem tem ouvidos, compreenda o que o Espírito revela às igrejas: ‘Ao vencedor proporcionarei do maná escondido, bem como lhe darei uma pedra branca, e sobre essa pedra branca estará grafado um novo nome, o qual ninguém conhece, a não ser aquele que o recebe’”* (Apocalipse 2:16 e 17).

O maná escondido se refere ao banquete eterno que teremos no Céu. Essa palavra é uma espada contra os inimigos de Deus, mas é alimento para Seus filhos, o qual desce do Céu como um mantimento celestial. O termo “escondido” significa separado, guardado para uma classe especial: os redimidos do Senhor. Podemos receber o maná hoje por meio da Palavra divina, que nos revela Jesus, a última Palavra de Deus. Ele é o Verbo e a Palavra.

Capítulo 2

No mundo antigo, era costume entre os pagãos utilizar amuletos e objetos, como joias e pedras preciosas, de modo a atrair sorte. Eram símbolos supersticiosos. A pedra branca citada nesses versículos ilustra que nossa confiança não está em amuletos humanos, mas unicamente na Palavra de Deus. O novo nome simboliza uma mudança, uma regeneração, uma nova fase em nossa existência. Abraão, Sara, Jacó, Barnabé e Saulo tiveram o próprio nome modificado em importantes fases da vida. Tais mudanças marcavam a transição para uma nova fase na vida desses patriarcas e apóstolos. Do mesmo modo, também teremos um novo nome quando estivermos na presença do Senhor!

■ Quarta promessa à igreja em Tiatira (“sacrifício, contrição”)

Sinopse:

Contexto histórico e cronológico: período compreendido entre os anos 538 e 1798, somando 1 260 anos.

Maior período em anos e com o maior conteúdo de acontecimentos.

Idade das trevas.

Palavra-chave: “Consagração”.

Atualmente Tiatira é uma cidade turca chamada Akhisar. No passado foi um importante centro comercial da Ásia Menor, na fronteira entre a Lídia e a Mísia. Tiatira era famosa pelo comércio e pela produção de têxteis. De acordo com o livro de Atos, uma das comerciantes de roupas da cidade era uma mulher chamada Lídia, que conduzia negócios em lugares tão distantes quanto Filipos (Atos 16:14). Na antiguidade, a cidade era conhecida pelas suas muitas associações comerciais.

A mais longa das sete cartas é a que se dirige à menos importante das sete cidades. Assim como o conteúdo da carta é o maior entre as sete igrejas, o intervalo de tempo desse período também é o maior: 1 260 anos.

Tiatira significa “*sacrifício, contrição*”. O início do período, no ano 538, marcou a promulgação do decreto de Justiniano, imperador de Roma Oriental, que determinou que o bispo de Roma, o papa Virgílio, deveria ser o “Cabeça da Santa Igreja”. O término do período ocorreu em 10 de fevereiro de 1798, quando Berthier, general das forças revolucionárias francesas, invadiu Roma e prendeu o papa Pio VI, retirando-lhe os poderes e levando-o ao exílio. Foi na noite de 20 de fevereiro de 1798 que Pio VI foi levado primeiramente a Siena e em seguida a Florença. No final de março de 1799, sofrendo de grave enfermidade, foi levado às pressas a Parma e finalmente para Valença, onde sucumbiu. Foi primeiramente enterrado em Valença, mas seus restos mortais foram transferidos para a Catedral de São Pedro em Roma, em 17 de fevereiro de 1802.



A mensagem a Tiatira

■ “Ao anjo da igreja em Tiatira escreve: Assim declara o Filho de Deus, cujos olhos são como chama de fogo e os pés como bronze reluzente: Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu ministério, a tua perseverança, bem como sei que estais servindo muito mais agora do que no princípio” (Apocalipse 2:18 e 19).

É impossível esconder algo dAquele cujos olhos são como chama de fogo. Jesus conhecia a fé, o ministério, a perseverança e o serviço da igreja em Tiatira assim como também conhece nossa fé, ministério, perseverança e serviço.

Será que Jesus tem uma **opinião** ou **diagnóstico** a nosso respeito? A diferença entre opinião e diagnóstico é que a primeira palavra se fundamenta em evidências exteriores, enquanto o diagnóstico é o resultado de um exame detalhado, minucioso, cheio de conclusões assertivas, concretas e reais. Jesus não tem uma mera opinião a nosso respeito, mas é o único que possui o genuíno diagnóstico de nossa vida.

Ao contrário do período em Éfeso, Tiatira não perdeu o primeiro amor. A perda do primeiro amor, embora comum, pode ser evitável como foi nessa era da igreja de Deus. Em Tiatira havia “sacrifício e contrição”, não meritórios, é claro, mas como frutos da salvação em Cristo.

Foi nesse período da igreja de Deus que grandes reformadores surgiram para combater as heresias presentes nesse tempo: John Wycliffe, John Huss, Martinho Lutero e João Calvino, entre outros. Esse foi um momento de grandes pregadores para pequenas congregações. Hoje, por outro lado, temos grandes congregações com pequenos pregadores. Outro ponto a se destacar nesse período da Idade Média é que o povo tinha tempo, mas não possuía a Bíblia. Hoje o povo possui a Bíblia, mas alega ter falta de tempo.

A advertência contra a igreja em Tiatira

■ “No entanto, tenho contra ti o fato de que toleras Jezabel, aquela mulher que se diz profetisa, porém, com seus ensinamentos induz os Meus servos à imoralidade sexual e a comerem alimentos sacrificados aos ídolos. Concedi-lhe tempo para que se arrependesse da sua prostituição, mas ela não quer arrepender-se. Portanto, eis que a farei adoecer e enviarei grande aflição sobre aqueles que com ela cometem adultério, a não ser que se arrependam das suas más ações” (Apocalipse 2:20-22).

À medida que a descrição das igrejas prossegue, a decadência moral e espiritual delas também aumenta em proporção. A degradação começa em Éfeso e alcança seu clímax em Laodiceia.

Precursora de todo engano e ódio contra o povo de Deus, Jezabel é a mãe espiritual de todos os que seguem doutrinas idólatras, pagãs, libertinas e antibíblicas (1 Reis 16:31). A ímpia Jezabel é um símbolo apropriado para representar

Capítulo 2

a decadência moral e espiritual promovida pelo império papal na Idade Média. A expressão do vers. 20, “*toleras Jezabel*”, é uma referência às doutrinas criadas nesse período em Tiatira, entre as quais a imortalidade da alma, o inferno, o purgatório e a santificação do domingo. Assim como Jezabel perseguiu os profetas de Deus (1 Reis 18:4), o império papal perseguiu e martirizou milhares de fiéis durante 1 260 anos.

■ “*Todavia, aos demais que estão em Tiatira e que não seguem a doutrina dessa mulher, e não aprenderam, como eles costumam falar, os profundos segredos de Satanás, afirmo: ‘Não colocarei outra carga sobre vós! Tão-somente apegai-vos com firmeza ao que tendes, até que Eu venha’*” (Apocalipse 2:24 e 25).

Num mesmo período e numa mesma igreja havia cristãos fiéis e infiéis. Triste paradoxo: cristãos alimentados pela mesma fonte, ouvindo a mesma mensagem, mas diferentes na essência. Talvez o cenário em Tiatira se repita hoje. Numa mesma igreja há penitentes e impenitentes, santos e profanos.

Promessa para o quarto período da igreja em Tiatira

■ “*Ao vencedor, aquele que permanecer nas Minhas obras até o fim, Eu lhe darei autoridade sobre as nações. Ele as governará com cetro de ferro e as reduzirá a pedaços como se fossem vasos de barro. Eu lhe concederei autoridade semelhante à que recebi de Meu Pai. Também lhe darei a Estrela da Manhã. Aquele que tem ouvidos, compreenda o que o Espírito revela às igrejas!*” (Apocalipse 2:26-29).

Quem é a Estrela da Manhã? Jesus Cristo, a Luz do Mundo (João 8:12), a única esperança para as igrejas em todas as fases. Ele é o Alfa e o Ômega (Apocalipse 1:8), o portador da espada de dois gumes (Apocalipse 1:16), o que tem os sete espíritos (Apocalipse 5:6), as sete estrelas (Apocalipse 1:16) e a Chave de Davi (Apocalipse 3:7), que também é a Testemunha Fiel e Verdadeira (Apocalipse 3:14), e agora é descrito como a Estrela da Manhã (Apocalipse 2:28).

Diante de Jesus, a neutralidade é impossível: ou O aceitamos ou O rejeitamos. Ele viveu, morreu e ressurgiu para que fôssemos dEle hoje e eternamente.

Quinta promessa à igreja em Sardes (“remanescente”)

Sinopse:

Contexto histórico e cronológico: período compreendido entre os anos 1798 e 1833, tendo durado 35 anos.

A ameaça do paganismo ao cristianismo.

Nessa fase, o povo teve acesso novamente às Escrituras.

Palavra-chave: “Fidelidade”.



Reformador John Huss a caminho do martírio



Nos tempos do Novo Testamento, Sardes era uma das cidades lendárias da Ásia Menor, onde hoje é a Turquia. Sua fama e riqueza eram nacionalmente conhecidas. Nos tempos antigos, o rio Pactolus arrastava fragmentos de ouro.

A mensagem a Sardes

■ “Ao anjo da igreja em Sardes escreve: ‘Assim declara Aquele que tem os sete espíritos de Deus e as estrelas: Conheço as tuas obras, que tens fama de estar vivo, mas de fato, estás morto. Sê alerta! E fortalece o que ainda resta e estava prestes a morrer; porque não tenho encontrado integridade em tuas obras diante do Meu Deus. Portanto, lembra-te daquilo que tens recebido e ouvido; obedece e arrepende-te. Porquanto se não estiveres vigilante, virei como um ladrão, e tu não saberás em que hora virei contra ti’” (Apocalipse 3:1-3).

A expressão “sete espíritos” revela o poder do Espírito Santo numa atuação multiplicada por sete, o que indica perfeição e plenitude de Sua Pessoa e obra. Havia sete igrejas na Ásia, mas, no entanto, o Espírito Santo operou com o ápice de Sua presença e poder em cada uma delas. Os sete espíritos apresentam a universalidade da presença do Espírito Santo. É Ele quem internaliza e universaliza

Capítulo 2

a presença de Cristo no coração de homens e mulheres, mantendo acesa a chama do cristianismo há cerca de dois mil anos.

A advertência contra a igreja em Sardes

Sardes era uma igreja sem vida, ou seja, uma igreja morta. Apenas a reputação humana e social não é suficiente quando existe outra realidade.

A morte da igreja no período de Sardes não foi institucional, mas espiritual. Ela existia para a sociedade de sua época, tinha um imóvel, possuía endereço ou talvez um registro físico de sua existência, mas para Deus estava morta. Era como se não existisse. Sua inatividade e secularismo transformaram Sardes num mausoléu.

O Novo Testamento, especialmente as epístolas paulinas, relacionam frequentemente o pecado com a morte, assim como a possibilidade de estar biologicamente vivo e, ao mesmo tempo, espiritualmente morto. Aqui percebemos o caráter universal da mensagem das sete igrejas do Apocalipse porque muitas advertências da Testemunha Fiel e Verdadeira se encaixam perfeitamente em muitos de nós, professos cristãos.

“Muitos que se acham destituídos de vida espiritual têm os seus nomes nos registros da igreja, mas não estão inscritos no livro da vida do Cordeiro. Eles podem estar ligados à igreja, mas não estão unidos ao Senhor. Podem ser diligentes na realização de um certo conjunto de deveres, e ser considerados como pessoas que vivem; muitos, porém, se encontram entre os que têm nome de que vivem, e estão mortos (Apocalipse 3:1).” — *The SDA Bible Commentary*, vol. 4, pp. 1165 e 1166.

Não temos indícios nem provas de heresias significativas em Sardes, mas uma terrível letargia espiritual penetrou na igreja desse período, levando-a a um estado de falência espiritual.

■ *“Contudo, tens em Sardes algumas pessoas que não contaminaram suas vestes; elas caminharão comigo, vestidas de branco, pois são dignas”* (Apocalipse 3:4).

Em Sardes havia um remanescente fiel, um raio de esperança em meio às trevas. O período de Sardes se caracterizou pelo retorno das Escrituras ao povo. Com a queda do império papal em 1798, data que encerrou os 1 260 anos de sua supremacia, homens fiéis novamente empunharam a Palavra de Deus. Entre eles destacamos Guilherme Miller, Carlos Fitch, José Bates, entre outros. Miller trouxe ao mundo a primeira mensagem angélica presente no evangelho eterno (Apocalipse 14:6 e 7), dando início ao movimento adventista na América do Norte.



A promessa para o quinto período da igreja em Sardes

■ “Assim, o vencedor andar^á trajado com vestes brancas, e de modo algum apagarei o seu nome do livro da vida; pelo contrário, reconhecerei o seu nome na presença do Meu Pai e dos Seus anjos. Aquele que tem ouvidos, compreenda o que o Espírito revela às igrejas” (Apocalipse 3:5 e 6).

A promessa da Testemunha Fiel e Verdadeira a esse período está contida numa trilogia:

- Serão vestidos com túnicas brancas;
- Seus nomes não serão apagados do livro da vida, e
- Jesus Cristo confessará seus nomes perante o Pai e os anjos.

Na antiguidade os registros reais dos súditos de um reino qualquer eram preservados em livros, nos quais se anotava o nome de cada cidadão. Se alguém cometia um crime contra o Estado, era apagado do livro tal como ocorria na morte física. Mas a promessa a Sardes se estende a todos nós: “de modo algum apagarei o seu nome do livro da vida”.

■ Sexta promessa à igreja em Filadélfia (“amor fraternal”)

Sinopse:

Contexto histórico e cronológico: período compreendido entre os anos 1833 e 1844, com duração de 11 anos.

Palavra-chave: “Amor”.

É o menor de todos os períodos, com apenas 11 anos. Deus não apresentou censura nem condenação alguma contra esse período da igreja divina. Nessa época se cumpriu a profecia de Isaías 22:22, que diz: “Porei sobre os seus ombros a chave da Casa de Davi: o que ele abrir ninguém terá o poder de fechar e o que ele fechar ninguém será capaz de abrir”. Nesse período é que Cristo, tendo a “chave de Davi”, fechou a porta do lugar santo e abriu a do santíssimo do santuário celestial.

Philadelphos vem do grego e significa “Philein” (amor) + “adelfos” (irmãos).

Filadélfia era a mais jovem das sete cidades apontadas. Colonos provenientes de Pérgamo, sob o reinado de Átalo II (entre os anos 159 e 138 a.C.) é que a fundaram. *Philadelphos* significa “aquele que ama ao irmão”. Tal era o amor de Átalo por seu irmão Eumenes, que tinha o apelido “o *philadelphos*”, e é por uma referência a essa circunstância que a cidade de Filadélfia recebeu esse nome.

Se há uma palavra verdadeiramente mal compreendida pela humanidade, é esta: “AMOR”. Seu sentido foi atacado e deturpado. As línguas modernas geralmente usam uma só palavra para representar o amor em suas diversas manifestações.

Capítulo 2

tações. Entretanto, os gregos identificavam pelo menos seis diferentes manifestações de amor:

- **Eros** — Era uma homenagem ao deus grego da fertilidade, e representava a ideia de paixão e desejo sexual. O culto a Hera, regado pelas mais vis orgias e devassidão, marcava a sociedade grega da época. Hoje a mídia ainda cultua Eros por meio de novelas, sites, filmes e redes sociais promovendo a pornografia e a devassidão. Entretanto, quando regido por Deus e dentro dos limites do casamento e da santificação divina, o amor Eros pode fazer parte do relacionamento conjugal saudável e equilibrado;
- **Philia** — A segunda variedade de amor era *Philia*, que se aproximava da amizade. O termo “*Filadélfia*” (amor fraternal) deriva dessa palavra;
- **Ludus** — Era a ideia grega do amor brincalhão, do carinho entre amigos. A palavra *lúdico* deriva de *ludus*, ou seja, atividade lúdica;
- **Pragma** — Outro amor grego era *pragma*, ou amor maduro, prático. É o tipo de amor que se desenvolve nos casamentos de longa data em que se estabelecem compromissos para ajudar a manutenção do relacionamento ao longo do tempo, incluindo paciência e tolerância recíprocas;
- **Philautia** — É um tipo de amor-próprio, egoísmo, presunção, vaidade. Hoje, na geração dos excessos, talvez a mais “*narcisista*” da história universal, esse tipo de “*amor*” tem ampla aplicação. Na biografia mitológica de Narciso encontramos um jovem grego sendo atraído e traído pela própria beleza refletida na superfície de um lago, que o levou à morte por afogamento;
- **Ágape** — O sexto tipo de amor qualificado pelos gregos era o *ágape* ou altruísta. A palavra *ágape* mais tarde foi traduzida para o latim como *caritas*, que é a origem da nossa palavra *caridade*. Esse é o amor que revela a fonte do amor verdadeiro, o coração de Deus. O mundo precisa desse amor, pois vivemos numa sociedade em que os cães são tratados como crianças, e, por sua vez, as crianças são tratadas como cães. Por todos os lados percebemos as características marcantes da ausência do amor *ágape*.

A mensagem a Filadélfia

“Ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: ‘Assim declara Aquele que é santo e verdadeiro, que possui a chave de Davi. O que Ele abre ninguém consegue fechar, e o que Ele fecha ninguém pode abrir: Conheço as tuas obras. Eis que tenho colocado diante de ti uma porta aberta que ninguém consegue fechar; tens pouca força, mas obedeste à Minha Palavra e não negaste o Meu nome’” (Apocalipse 3:7 e 8).

Nessa passagem, nosso Senhor Jesus recebe três títulos importantes: (1) Santo, (2) Verdadeiro e (3) Portador da Chave de Davi. Tais referências apontam não somente à Sua obra, mas também à Sua divindade.



As mensagens dirigidas às sete igrejas encerram preciosas lições, entre as quais podemos destacar que Filadélfia era uma igreja fraca perante os homens, mas forte para com Deus. A mensagem a essa igreja quebra e estilhaça paradigmas humanos, pois havia pouca força nela e, mesmo assim, Deus a tornou uma igreja forte.

Todavia, de onde vinha essa força? De uma porta aberta por Deus, a qual ninguém podia fechar, e de uma porta fechada por Deus que ninguém podia abrir. Que portas são essas? As portas do santuário celestial. Em 1844, Cristo fechou a porta do lugar santo e abriu a do santíssimo, e nenhum poder no Céu ou na Terra pode alterar essa condição.

A marcante ausência de advertência contra a igreja em Filadélfia

Não há nenhuma censura, nenhuma advertência à igreja em Filadélfia, assim como não houve para o período em Esmirna. Quatro períodos das igrejas da Ásia receberam elogios e censuras: Éfeso, Pérgamo, Tiatira e Sardes. O período de Laodiceia não recebeu elogios, mas só reprimendas.

A promessa para o sexto período da igreja em Filadélfia

■ *“Eis que venho sem demora! Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa. Farei do vencedor uma coluna no templo do Meu Deus, de onde jamais sairá. Escreverei nele o nome do Meu Deus e o nome da cidade do Meu Deus, a nova Jerusalém que desce do Céu da parte do Meu Deus; e igualmente escreverei nele o Meu novo nome. Aquele que tem ouvidos, compreenda o que o Espírito revela às igrejas”* (Apocalipse 3:11-13).

As promessas dadas à igreja em Filadélfia são maravilhosas, e entre elas se destacam:

- A recompensa da coroa da vida eterna;
- Fazer de alguém uma coluna no templo de Deus;
- Receber o novo nome de Deus, da cidade divina e o novo nome de Jesus Cristo.

Somos uma geração privilegiada, pois vivemos entre os dois maiores eventos da história universal, o primeiro e o segundo advento de Jesus. Essa esperança encheu o coração dos crentes em Filadélfia e deve preencher o nosso também. *“Eis que venho sem demora”* (Apocalipse 3:11).

Capítulo 2

Sétima promessa à igreja em Laodiceia (“povo do juízo”)

Sinopse:

Contexto histórico e cronológico: período compreendido entre o ano de 1844 e a segunda vinda de Jesus.

Laos = povo / *Dike* = juízo. “Povo do juízo, povo do julgamento”.

Palavra-chave: “Juízo”.

A cidade de Laodiceia se situava no oeste da Ásia Menor, na Frígia, às margens do rio Lycos. Havia na Ásia três cidades às margens do rio Lycos: Colossos, Laodiceia e Hierápolis.

Fundada por Antíoco II (261-241 a.C.) em homenagem à sua irmã e esposa Laodice, Laodiceia recebia água por aquedutos que a conduziam das fontes termais ao sul da cidade. Por ser quente, a água ficava morna durante o trajeto até Laodiceia. Ao mesmo tempo, duas cidades vizinhas a Laodiceia eram famosas por suas águas quentes e frias: Colossos (água fria) e Hierápolis (quente).

Laodiceia era uma das cidades mais ricas do mundo da época, que foi destruída por um terremoto no ano 60. O imperador romano ofereceu ajuda, mas os orgulhosos habitantes de Laodiceia a recusaram. A autossuficiência dos laodiceanos é que recusou a ajuda imperial, pois se achavam ricos e enriquecidos, não tendo falta de nada. Para a igreja que tinha a mais elevada autoestima da Ásia Menor, Jesus não tem sequer um elogio. Laodiceia possui essa triste característica, de ser a única igreja sobre a qual o Cristo ressuscitado não podia dizer nada de bom. Entendamos o motivo.

A mensagem a Laodiceia

■ “Ao anjo em Laodiceia escreve: Assim declara o Amém, a Testemunha Fiel e Verdadeira, o Soberano da criação de Deus” (Apocalipse 3:14).

Nosso Jesus Se identifica como o “Amém” e como a “Testemunha Fiel e Verdadeira”. “Em verdade, em verdade vos digo” (João 1:51; João 3:3, 5 e 11 etc.) é uma expressão que aparece assim no texto original: “Amém, Amém, vos digo”. O que isso significa? Sendo o “Amém”, Ele é a última, absoluta e definitiva Palavra de Deus. Sendo a “Testemunha Fiel e Verdadeira”, Ele Se revela como o único a testemunhar fiel e verdadeiramente a nosso respeito. A Cristo pertence o verdadeiro diagnóstico acerca de todas as igrejas em todos os sete períodos apocalípticos.

A advertência contra a igreja em Laodiceia

■ “Conheço as tuas obras, sei que não és frio nem quente. Antes fosses frio ou quente! E, por este motivo, porque és morno, não és frio nem quente, estou a ponto de vomitar-te da Minha boca” (Apocalipse 3:15 e 16).



Laodiceia é uma igreja que recebeu a mais drástica condenação. Não há palavra de louvor a ela dirigida, nada nela que possa justificá-la. Sua condição de neutralidade e indiferença é sem precedentes.

■ *“E ainda dizes: ‘Estou rico, conquistei muitas riquezas e não preciso de mais nada’. Contudo, não reconheces que és miserável, digno de compaixão, pobre, cego e que está nu!” (Apocalipse 3:17).*

Esmirna era uma igreja pobre, mas Deus a considerava rica. Filadélfia era uma igreja fraca, mas Deus a tornou forte. Laodiceia se achava rica, mas aos olhos de Deus era miserável, pobre, cega e nua. Laodiceia se orgulhava de suas riquezas financeiras, naturais, acadêmicas, sociais e culturais. Podemos listar tais riquezas na seguinte ordem:

- Em Laodiceia havia um importante centro bancário e financeiro na Ásia Menor;
- Possuía um grande centro industrial de vestuário. As ovelhas que pastavam nos arredores de Laodiceia eram famosas no mundo inteiro por sua lã suave, de cor violeta escura;
- Laodiceia abrigava uma escola de medicina que se destacava pela especialidade oftalmológica. Os médicos laodiceanos produziam um excelente colírio para tratamento oftalmológico, cujo elemento principal era um pó frígido.

Entretanto, apesar desse pó ser um ótimo remédio para a vista, os laodiceanos eram cegos. Mesmo possuindo a lã mais famosa do Império Romano, andavam nus. A maior tragédia de Laodiceia era que havia se convencido da própria riqueza e estava cega à sua terrível condição de pobreza.

Falando da indigesta mas necessária mensagem a Laodiceia, Ellen White comenta sobre a importante e atual denúncia da Testemunha Fiel e Verdadeira:

“Essa mensagem é enviada à igreja da atualidade. Exorto a nossos membros de igreja que leiam todo o terceiro capítulo de Apocalipse, e que lhe deem uma aplicação. A mensagem à igreja de Laodiceia se aplica especialmente ao povo de Deus hoje. É uma mensagem para os cristãos de nome que estão regressando ao mundo, pois se parecem tanto com o mundo que não se pode ver a diferença.” — *The Review and Herald*, 20 de agosto de 1903.

“A mensagem à igreja de Laodiceia é aplicável à nossa condição. Quão claramente é pintada a situação dos que julgam ter toda a verdade, que se orgulham no conhecimento da Palavra de Deus ao passo que seu poder santificador não foi sentido em sua vida! Falta em seu coração o fervor do amor de Deus, mas é esse mesmo fervor de amor que torna o povo de Deus a luz do mundo.” — *Fé e obras*, pp. 82 e 83.

“Muitos são laodiceanos que vivem num estado de autoengano espiritual. Vestem-se com as roupas da própria justiça, imaginam que são ricos e estão en-

Capítulo 2

riquecidos e que de nada necessitam quando [o que] precisam [é] aprender de Jesus diariamente, de Sua humildade e mansidão, do contrário se encontrariam em falência e toda a sua vida seria uma mentira.” — Carta 66, 1894.

Embora seu estado seja desesperador, a mensagem a Laodiceia possui um caráter prático, repleto de esperança. Aquele que anda entre os sete castiçais traz a solução, o remédio e o tratamento para esses iludidos crentes nas seguintes palavras:

■ *“Portanto, ofereço-te este conselho: Adquire de Mim ouro refinado no fogo, a fim de que te enriqueças; roupas brancas, para que possas cobrir tua vergonhosa nudez; e compra o melhor colírio para que, ao ungir os teus olhos, possas enxergar claramente. Eu repreendo e corrijo a todos quantos amo: sê, pois, diligente e arrepende-te”* (Apocalipse 3:18 e 19).

A promessa para o sétimo período da igreja em Laodiceia

“Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo. Ao vencedor, Eu lhe concederei que se assente comigo no Meu trono, assim como Eu venci e Me assentei com Meu Pai no Seu trono. Aquele que tem ouvidos, compreenda o que o Espírito revela às igrejas!” (Apocalipse 3:20-22).

Ouvir, abrir e cear

Laodiceia é a única entre as sete igrejas que deixou Jesus do lado de fora. De acordo com essa promessa, três coisas são necessárias para que Cristo obtenha total, pleno e absoluto controle de nossa vida:

- *Ouvir a batida na porta do coração* — Ouvir envolve estudo, pesquisa e leitura da Palavra de Deus;
- *Abrir a porta do coração* — Essa atitude significa rendição, aceitação plena e absoluta do controle e direção de nosso Senhor, e
- *Cear com o Senhor Jesus* — Essa terceira e última atitude representa comunhão, experiência pessoal e relacionamento pessoal, não virtual.

Esse é o desafio à igreja de Laodiceia. Se Jesus dirige o universo, será o melhor guia de nossa vida. O destino do mundo está nas mãos dEle, a história universal está sob Seu controle. Contudo, almeja dirigir nossa história e determinar nosso destino.

Talvez haja uma porta fechada que precisa ser aberta. Jesus está do lado de fora ou do lado de dentro dessa porta? Nada substituirá a abertura, pois é impossível adorar Jesus pelo buraco da fechadura. Não basta passar nossos dízimos, ofertas ou qualquer serviço por debaixo da porta. Cristo não deve ser mantido à distância, do lado de fora. Ele é o Dono da casa e nós é que somos inquilinos,



**Ouvir envolve
estudo, pesquisa
e leitura da
Palavra de Deus**

mas mesmo sendo o proprietário, Ele não força entrada, só bate com insistência. E quem deve abrir? Nós, é claro.

Porém, aqui reside um fato irrefutável: *Por que abrimos?* Porque Ele bateu; caso contrário nunca teríamos aberto a porta. Agora mesmo Ele continua a bater. Sendo assim, não resista à Sua voz! Ele o chama pelo nome e pede entrada. Abrir a porta significa estabelecer um relacionamento constante, vivo, e construir uma experiência pessoal com Jesus.

Não se esqueça: abrir a porta do coração trará consequências imediatas, pois quando Ele entra, o pecado sai. De que lado da porta Ele está? Certifique-se agora! Ele tem de entrar como Senhor e Salvador. Deve ser o Senhor da casa. Deve administrar, dirigir, conduzir a moradia e seu proprietário até que Ele venha! ■

Capítulo 3

A obra de Deus pela salvação da humanidade (4:1-8:1)





O pentágono é a sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, localizado no condado de Arlington, no Estado da Virgínia, EUA. O Pentágono é um dos maiores edifícios de escritórios do mundo, com cerca de 600 000 m², dos quais 340 000 m² são usados como escritórios. Cerca de 23 mil funcionários, entre militares e civis, e aproximadamente três mil equipes de apoio trabalham no local. O prédio possui cinco lados, cinco andares acima do solo, dois pisos subterrâneos e cinco corredores em anel por andar, com um total de 28,2 km de extensão.

Podemos afirmar que essa é uma das maiores e mais importantes bases de controle do mundo. Contudo, há outra sala de comando infinitamente maior e mais significativa, cuja sede é o trono de Deus, de onde parte o controle do universo como um todo.

João, o profeta de Patmos, viu esse cenário celestial de onde parte a escrita e a interpretação da história.

■ *“Depois destas coisas, olhei, e eis que estava uma porta aberta no Céu; e a primeira voz, que como de trombeta ouvira falar comigo, disse: Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer. E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no Céu, e Um assentado sobre o trono. E o que estava assentado era, na aparência, semelhante à pedra de jaspe e de sardônica; e o arco celeste estava ao redor do trono e era semelhante à esmeralda. E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestes brancas; e tinham sobre a cabeça coroas de ouro. E do trono saíam relâmpagos, e trovões, e vozes; e diante do trono ardiam sete lâmpadas de fogo, as quais são os sete Espíritos de Deus. E havia diante do trono um como mar de vidro, semelhante ao cristal, e, no meio do trono e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos por diante e por detrás. E o primeiro animal era semelhante a um leão; e o segundo animal, semelhante a um bezerro; e tinha o terceiro animal o rosto como de homem; e o quarto animal era semelhante a uma águia voando. E os quatro animais tinham, cada um, respectivamente, seis asas e, ao redor e por dentro, estavam cheios de olhos; e não descansam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, que era, e que é, e que há de vir. E, quando os animais davam glória, e honra, e ações de graças ao que estava assentado sobre o trono, ao que vive para todo o sempre, os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante do que estava assentado sobre o trono, adoravam o que vive para todo o sempre e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo: Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder, porque Tu criaste todas as coisas, e por Tua vontade são e foram criadas” (Apocalipse 4:1-11).*

Os versículos supracitados explicam que a perspectiva apocalíptica traz uma revelação do Céu que se conecta à história humana. Não podemos saber nada acerca do futuro se Deus não nos revelar.

Capítulo 3

Há no Apocalipse três importantes portas: a primeira é a da oportunidade, descrita em Apocalipse 3:8; a segunda é a porta do coração humano, que aparece no capítulo 3:20, e a terceira é a da revelação, registrada no capítulo 4:1. É por essa última porta que João recebe o chamado para conhecer o futuro.

É de extrema importância destacar os passos dessa revelação:

- João viu o trono de Deus no Céu (Apocalipse 4:2), um lugar de honra, autoridade, juízo e soberania;
- João viu Deus sentado sobre o trono (Apocalipse 4:2). Sem encontrar palavras adequadas para descrevê-LO, João Lhe registra a glória e o esplendor;
- João descreve as características do trono de Deus (Apocalipse 4:3-7).

Os 24 anciãos representam a igreja em sua totalidade e em sua redenção. Vários teólogos afirmam que a doxologia presente em Apocalipse capítulo 4 revela Jesus em quatro dimensões, assim como os evangelhos também O revelam em quatro dimensões. O leão representa Jesus como rei (Mateus). O novilhinho O aponta como um servo (Marcos). O homem O revela como o ser humano perfeito (Lucas) e a águia O representa como Aquele que veio do Céu e retornou ao Céu (João).

Esses aspectos revelam tanto a humanidade quanto a divindade de Cristo. O Filho de Deus é adorado assim como o Pai e o Espírito Santo o são. Esses três poderes máximos do universo determinam e controlam a história global. Tudo acontece pelas ordens divinas expedidas do trono de Deus, Ele está no controle de tudo.

“O universo na Bíblia não é geocêntrico nem heliocêntrico, mas teocêntrico.”
— William Hendriksen.

A compatibilidade entre profecia e história

O Apocalipse é uma das mais claras e evidentes provas de que há genuína compatibilidade entre a profecia e o cumprimento da história.

■ “Então, observei na mão direita dAquele que está assentado no trono um livro em forma de rolo, escrito de ambos os lados e selado com sete selos. Vi, também, um anjo forte, que proclamava em grande voz: ‘Quem é digno de abrir o livro e de lhe romper os selos?’ No entanto, não havia ninguém, nem no Céu, nem na Terra nem debaixo da terra, que pudesse abrir o livro, ou ao menos olhar para ele. E eu chorava muito porque não se encontrou ninguém que fosse digno de abrir o livro e de olhar para ele” (Apocalipse 5:1-5).

O rolo selado indica o plano oculto e ainda não cumprido de Deus, e caso esse livro permanecesse selado, os propósitos divinos não se cumpririam. João se angustia e se entristece diante de tal cena. Não se encontrou ninguém digno



no Céu: Gabriel, serafins, querubins, anjos, Moisés, Elias, nenhum dos 24 anciãos, nem os quatro seres viventes. Ninguém no Céu ou na Terra era digno para dirigir a história. Sozinha, a humanidade está à deriva. Não pode ir a lugar algum. Sem Deus o destino humano é o caos e a desordem. O homem nunca será senhor de seu próprio destino.

A impotência do apóstolo João é um espelho da nossa, e o que resta para muitos é apenas chorar.

■ *“E vi na destra do que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos. E vi um anjo forte, bradando com grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de desatar os seus selos? E ninguém no Céu, nem na Terra, nem debaixo da terra podia abrir o livro nem olhar para ele. E eu chorava muito porque ninguém fora achado digno de abrir o livro, nem de o ler, nem de olhar para ele. E disse-me um dos anciãos: Não chores; eis aqui o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, que venceu para abrir o livro e desatar os seus sete selos. E olhei, e eis que estava no meio do trono e dos quatro animais viventes e entre os anciãos um Cordeiro, como havendo sido morto, e tinha sete pontas e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados a toda a Terra. E veio e tomou o livro da destra do que estava assentado no trono. E, havendo tomado o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo todos eles harpas e salvas de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos. E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir os seus selos, porque foste morto e com o Teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação; e para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a Terra. E olhei e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número deles milhões de milhões e milhares de milhares, que com grande voz diziam: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças. E ouvi a toda criatura que está no Céu, e na Terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono e ao Cordeiro sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre. E os quatro animais diziam: Amém! E os vinte e quatro anciãos prostraram-se e adoraram ao que vive para todo o sempre”* (Apocalipse 5:1-14).

Uma voz ecoa no Céu dizendo: “Não chores!”. Esse consolo vem do Leão da Tribo de Judá, a Raiz de Davi, Jesus Cristo, nosso Senhor. Nossa consolação está firmada em Sua vida, morte e ressurgimento. Sua coroação é descrita neste capítulo apocalíptico. Ele é Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Jesus tem em mãos o livro da história universal. Se Ele controla a história do universo, é óbvio que pode controlar a nossa história também. Tudo o que somos e temos Lhe pertencem. A Ele sejam o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória, o louvor e toda adoração, e um dia, quando estivermos nos lugares celestiais, seremos eternamente gratos a Jesus Cristo, pois Ele é o único capaz de nos levar aos altos Céus!

Capítulo 3

O Cordeiro que foi morto, Jesus, o único que podia abrir o livro



Há pelo menos três motivos que tornam Jesus digno de desvendar, interpretar e controlar a história:

- Ele é onisciente: é cheio de olhos, o que nos indica a perfeita sabedoria;
- É onipotente: tem sete chifres indicando um perfeito poder;
- É onipresente: os sete espíritos enviados a toda a Terra revelam uma presença constante em todos os lugares possíveis.

Esses motivos revelam três atributos exclusivos de Deus que estão presentes em Jesus e Lhe são inerentes. O trono de Deus é a sala de controle do universo. O Deus que está no trono do universo tem um propósito para a história, tornando-a repleta de sentido e propósito. Nossa história não está entregue ao acaso, mas está nas mãos de Deus.



Os sete selos:

Ao iniciar o estudo dos sete selos do Apocalipse, precisamos descobrir o significado de cada um e a que eventos da história eles apontam.

Os sete selos formam parte da cadeia escatológica apocalíptica dos eventos ocorridos desde a fundação da igreja apostólica até a segunda vinda de Jesus.

Se compararmos muito atentamente as descrições das sete igrejas com a dos sete selos, perceberemos que Deus repetiu os mesmos eventos históricos e proféticos ao profeta João visando ampliar a revelação do Apocalipse ao povo de Deus através da neblina dos tempos.

Na antiguidade, todos os livros eram enrolados e selados. Os sete selos simbolizam os acontecimentos históricos interpretados e controlados por Cristo, e o rompimento dos selos equivale a desvendar e interpretar a história universal.

A profecia sempre foi o termômetro da história, e Jesus é o centro dela. Ele é o Senhor da história.

■ O primeiro selo — o cavalo branco

■ *“Observei quando o Cordeiro abriu o primeiro dos sete selos. Em seguida, ouvi um dos seres viventes exclamar com voz de trovão: ‘Vem!’. Olhei, e diante de mim estava um cavalo branco, e seu cavaleiro empunhava um arco, e foi-lhe outorgada uma coroa; e ele cavalgava altaneiramente, como vencedor, determinado a vencer”* (Apocalipse 6:1 e 2).

É digno de nota que cada cavalo descrito no Apocalipse estava sob a orientação de um dos quatro seres viventes. Ao abrir-se o primeiro selo, João viu um cavalo branco com um cavaleiro empunhando um arco, e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vencendo e para vencer. Esse período representa as conquistas e triunfos do evangelho durante a época da igreja primitiva no primeiro século. Começando no ano 27, essa fase se estende até a morte de João, o último representante do colégio apostólico, no ano 100. O período durou cerca de 73 anos.

A cor branca é símbolo de pureza de fé, ou seja, era uma igreja vitoriosa pela justiça de Cristo. O arco representa a conquista, e a coroa é símbolo de vitória. Nessa fase inicial, Deus preparou Sua igreja para que se expandisse de um movimento local até atingir uma comunidade internacional. Os passos divinos para o desenvolvimento da igreja primitiva estão claramente registrados no livro bíblico dos Atos dos apóstolos.

Esses foram os acontecimentos iniciais após a abertura do primeiro selo, o qual também representa a primeira das sete igrejas da Ásia Menor — Éfeso.

Capítulo 3

■ Segundo, terceiro e quarto selos — os cavalos vermelho, preto e amarelo

■ “Quando Ele abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente bradar: ‘Vem!’. Então, partiu outra cavalgadura, um cavalo vermelho; e ao seu cavaleiro foi concedido o poder de tirar a paz da Terra, de modo que os homens matassem uns aos outros. E lhes foi entregue também uma grande espada” (Apocalipse 6:1 e 2).

O segundo selo é representado na profecia como um cavalo vermelho montado por um cavaleiro de espada em punho. Tal período marcou as terríveis perseguições do Império Romano contra os cristãos do ano 100 ao 313, quando surgiu o Editto de Milão, promulgado pelo imperador Constantino, que permitiu o livre exercício da religião por parte do império.

■ Acompanhe a abertura do terceiro selo

■ “Quando o Cordeiro abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente convocar: ‘Vem!’. Então, reparei e eis um cavalo preto e o seu cavaleiro ostentava na mão uma balança. Então, ouvi o que parecia uma voz grave, vinda dentre os quatro seres viventes, exclamando: ‘Um quilo de trigo por um denário, e três quilos de cevada também por um denário, mas não destruas o azeite e o vinho!’” (Apocalipse 6:5 e 6).

O terceiro ser vivente presencia o Cordeiro de Deus abrindo o terceiro selo. O cavalo preto era montado por um homem que segurava uma balança. A cor preta simboliza a corrupção característica do período, que se estendeu de 323 a 538, ou seja, aproximadamente 215 anos. A balança nas mãos do cavaleiro representava a união do poder civil com o poder religioso. Esse fenômeno se desenvolveu logo após a conversão aparente de Constantino e a promulgação do Editto de Milão em 313, que declarava a neutralidade do Império Romano em relação ao credo religioso, encerrando oficialmente toda perseguição estatal, de modo particular contra o cristianismo. O editto foi emitido pelo tetrarca ocidental Constantino, o grande, e por Licínio, o tetrarca oriental.

O imperador Constantino se converteu formalmente em 323, o que marcou o início do período do terceiro selo, representado pelo cavalo preto. Com que rapidez a obra da corrupção progride!

A concessão do domínio universal à supremacia do papa foi dada por Justiniano I, imperador romano do oriente, que sonhava unir o ocidente ao oriente por meio da religião. Seu programa político pode ser sintetizado numa breve fórmula: ‘Um Estado, uma lei, uma igreja’. Por isso, em 533 ele promulgou um decreto transformando o bispo de Roma no cabeça universal da igreja. No entanto, esse decreto só passou a operar em definitivo no ano 538.

Tal documento abriu caminho para a unificação dos poderes civil e religioso, fornecendo o exercício da autoridade judicial à igreja.



O quilo de trigo valendo um denário e os três quilos de cevada por um denário representam a escassez de recursos, pois a cevada atingiria o mesmo custo da ração de um escravo. É que um denário valia o salário diário de um trabalhador da época. Além disso, trigo é símbolo de pão, que por sua vez é símbolo da Palavra de Cristo (Mateus 4:4; Deuteronômio 8:3). Trigo e cevada são cereais bem semelhantes, mas não idênticos. O trigo representa a pura verdade do evangelho, enquanto a cevada significa as tradições e os erros que penetraram na igreja. A grande diferença de preço sugere que a verdadeira doutrina se tornou rara, mas a doutrina “batizada” com erros era fácil de se achar.

A advertência para não danificar o azeite e o vinho simboliza a supervalorização das necessidades materiais da vida em detrimento das riquezas celestiais. O azeite representa o Espírito Santo, e o vinho é uma figura apropriada para o sangue de Jesus.

Um dos maiores desafios da Igreja Romana contra Deus foi a tentativa de mudar os princípios da Lei divina, especialmente ao tentar invalidar o quarto mandamento — a santificação do sábado, o memorial da criação, instituído por Deus no Éden e escrito com fogo sobre a pedra pelo próprio dedo de Deus.

Em 325, o Primeiro Concílio de Niceia confirmou o primeiro dia da semana (domingo) como dia de descanso cristão, e o Concílio de Laodiceia aboliu a guarda do sábado em 364. Assim, o poder romano unido ao Estado tentou mudar e abolir a eterna Lei de Deus.

O tempo decorrido entre o reinado de Constantino e o estabelecimento do papado em 538 pode ser com razão considerado como a época em que os mais obscuros erros e as mais grosseiras superstições religiosas se levantaram na igreja.

“Em seu Sermão do Arado, Latimer, o grande reformador inglês, afirmou: ‘Onde reside o diabo, [...] fora com os livros e venham as velas; fora com as Bíblias e venham os rosários; fora com a luz do evangelho e venha a luz das velas, sim, ao meio-dia; [...] abaixo a cruz de Cristo, viva o purgatório limpa-bolsas; [...] fora com o vestir os nus, os pobres e os inválidos, e viva o cobrir de imagens e festivos ornamentos o pau e a pedra; [...] venham as tradições dos homens e suas leis, abaixo com as tradições de Deus e Sua santíssima Palavra. [...] Quem dera fossem nossos prelados tão diligentes em semear a boa doutrina como Satanás o é em semear o joio ou cizânia!’” — *O grande conflito*, p. 248.

Maria Tudor, rainha da Inglaterra, mandou queimar Latimer como herege numa fogueira em 1555 devido às ideias religiosas que defendia.

Assim, as ações humanas representadas pela “*balança na mão do cavaleiro*” realizariam as maiores injustiças da história nesse período do terceiro selo.

Capítulo 3

■ Análise da abertura do quarto selo:

■ “Quando o Cordeiro abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizendo: ‘Vem!’ E olhei, e eis um cavalo amarelo e o seu cavaleiro, sendo este chamado Morte; e o Inferno o estava seguindo, e foi-lhes dada autoridade sobre a quarta parte da Terra para matar à espada, pela fome, com a mortandade e por meio das feras da Terra” (Apocalipse 6:7 e 8).

O trabalho em conjunto prossegue: o Cordeiro abre o selo e o quarto ser vivente narra os acontecimentos dessa fase. É notável a cor desse cavalo. A palavra original indica a “*cor pálida ou amarelada*” que se vê em plantas murchas ou doentes. Esse símbolo deve representar uma situação muito estranha na professa igreja de Deus. A mortalidade é tão grande durante esse período que a ilustração utilizada é a de um cavalo chamado “*Morte*” arrastando numa coleira ou corrente o inferno (o Hades, a sepultura).

Não há como se enganar na localização desse período. Refere-se ao tempo em que o império papal exerceu um domínio perseguidor sem restrições, começando em 538 e se estendendo à época em que os reformadores começaram a expor as corrupções do sistema eclesiástico (por volta do século 16).

A voz do quarto ser vivente afirma que “*foi-lhes dada autoridade*”, isto é, que o cavalo amarelo, o papado, recebeu a capacidade de perseguir a quarta parte da Terra, que pode significar a extensão do território controlado pela Igreja Católica à época.

Nessa perseguição, as principais armas opressoras do papismo foram a espada, a fome e a morte. As “*feras da Terra*” significam os meios pelos quais levou à morte milhões de mártires.

O intervalo de tempo abrangido por esse período foi de quase mil anos. Começou em 538, ano em que o decreto de Justiniano, imperador romano do oriente, entrou em vigor, o qual declarou o bispo de Roma, o papa Virgílio, como o cabeça da igreja. O poder papal seguiu sem ser ameaçado até que Deus levantou homens que se opuseram, com o risco da própria vida, ao terrível poder opressor de Roma papal no século 16.

Os arautos da verdade se ergueram em diversos países. Os valdenses na França, Wycliffe e Tyndale na Inglaterra, João Huss e Jerônimo na Boêmia, Zwínglio e Oecolompadius na Suíça, João Calvino, Lefèvre e Luís de Berquim na França, João Knox, Olavo e Lourenço Petri na Escócia e Felipe Melâncton na Alemanha, dentre outros.

“O meio-dia do papado foi a meia-noite do mundo.” — *História do protestantismo*, de Wylie.

No século 14, John Wycliffe foi reconhecido como o arauto da Reforma não somente para a Inglaterra, mas para toda a cristandade. Wycliffe foi considerado



a “*estrela da manhã da Reforma*”. Porém, foi nos séculos 15 e 16 que a Reforma Protestante atingiu o seu clímax. Os períodos do quarto e do quinto selos foram os que mais retrataram profeticamente esses acontecimentos. A época da supremacia papal recebe destaque especial nos livros proféticos do profeta Daniel e do Apocalipse por marcar profundamente a história universal na prática dos maiores crimes contra a vida, contra a verdade e contra a verdadeira religião.

Quando tudo parecia perdido, um homem leu à luz de velas: “*O justo viverá pela fé!*”. Esse homem foi Martinho Lutero. Ele desferiu o maior de todos os golpes contra o império papal. Ao romper com Roma e afixar suas 95 teses na porta da catedral do Castelo de Wittenberg em 31 de agosto de 1517, abalou os alicerces de um poder opressor e milenar. Desafiou sozinho o maior de todos os impérios da época. Entretanto, a maior colaboração de Lutero ao cristianismo foi a tradução da Bíblia sagrada dos idiomas originais para o alemão. Com esse grandioso gesto, Lutero rompia definitivamente com a Santa Sé e suas abominações.

Deus também tocou no coração de príncipes, reis e monarcas para se oporem ao poder representado pelo cavalo amarelo do quarto selo.

Nascido em 10 de novembro de 1483 no antigo Império Romano Germânico, Martinho Lutero, filho de camponeses, tornou-se monge agostiniano aos 22 anos de idade e entrou para o mosteiro em Erfurt. Dois anos depois foi consagrado à ordem dos Agostinianos. Nem Lutero nem qualquer outra pessoa sabia o que esse evento significaria para ele, para a igreja e para o mundo.



Capítulo 3

No século 16, enquanto o papa Leão X construía a Basílica de São Pedro, seu emissário João Tetzel foi à Alemanha vender indulgências, que ofereciam às almas contribuintes uma redução das penas no purgatório. Convencido pelas Escrituras de que o tráfico de indulgências desviava o povo da verdade por lhes oferecer falsas esperanças, Lutero decidiu enfrentar aquele abuso, e no dia 31 de outubro de 1517 pregou na porta da igreja de Wittenberg as famosas Noventa e Cinco Teses contra a venda de indulgências. As teses combateram o pretenso poder da igreja de ser a mediadora entre o homem e Deus e vender algo que a Bíblia garantia gratuitamente: o perdão dos pecados.

Lutero não temia nada a não ser a Deus, e não reconhecia nenhum outro fundamento senão as Escrituras. Ele escapou do martírio, mas honrou a todos os seus irmãos que depuseram a vida pela verdade e tiveram seu testemunho imortalizado na abertura do próximo selo — o quinto.

“A Reforma não terminou com Lutero, como muitos supõem. Continuará até ao fim da história deste mundo. Lutero teve grande obra a fazer, transmitindo a outros a luz que Deus permitira brilhar sobre ele; contudo, não recebeu toda a luz que deveria ser dada ao mundo. Desde aquele tempo até hoje, nova luz tem estado continuamente a resplandecer sobre as Escrituras, e novas verdades se têm desvendado constantemente.” — *O grande conflito*, p. 149.

Recordando os cinco fundamentos (ou “solas”) da Reforma Protestante:

Os “Cinco Solas” são frases latinas que definiram os princípios fundamentais da Reforma Protestante em contradição com os ensinamentos da Igreja Católica Apostólica Romana.

A palavra latina “*sola*” significa “*somente*” em português.

1. *Sola fide* (somente pela fé);
2. *Sola Scriptura* (somente pela Escritura);
3. *Solus Christus* (somente por Cristo);
4. *Sola gratia* (somente pela graça);
5. *Soli Deo gloria* (glória somente a Deus).

■ O quinto selo

O Cordeiro abriu o quinto selo, e estes foram os acontecimentos registrados pelo vidente de Patmos:

■ “Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da Palavra de Deus e por causa do testemunho que



sustentavam. Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a Terra? Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram” (Apocalipse 6:9-11).

Na época do Antigo Testamento ofereciam-se sacrifícios sobre o altar de bronze do santuário. Queimava-se o sacrifício e derramava-se o sangue ao pé do altar. O texto de Levítico 4:7 confirma esse pensamento.

■ *“Também daquele sangue porá o sacerdote sobre os chifres do altar do incenso aromático, perante o Senhor, altar que está na tenda da congregação; e todo o restante do sangue do novilho derramará à base do altar do holocausto, que está à porta da tenda da congregação” (Levítico 4:7).*

No Céu não há altar de sacrifício. Esse altar indica o lugar onde as vítimas eram mortas aqui na Terra, no santuário terrestre. Os animais eram degolados sobre ele. O corpo desses animais era queimado e o sangue escorria para a base do altar (ver Levítico 4:7). A simbologia é clara: o sangue daqueles homens e mulheres que discordavam dos erros do papismo foi derramado como um sacrifício ao pé do altar. As almas não são imortais, mas morrem (ver Ezequiel 18:4). *“E disse Deus [a Caim]: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão [Abel] está clamando a Mim desde a terra” (Gênesis 4:10).* Há aqui o emprego de um estilo de linguagem conhecido como *prosopopeia* na língua portuguesa. Ela confere a seres inanimados e animais as características próprias de uma pessoa. O sangue não tem voz e muito menos poder para falar. Assim como o sangue de Abel *“clamava”* a Deus, a memória dessas pessoas também exigia da parte do Senhor uma punição contra os homens maus que as destruíram.

As vestes brancas simbolizam a dignidade que a justiça de Cristo lhes confere. Assim, se alcançaram a vitória em Cristo no período anterior, deviam descansar na sepultura até que Jesus volte e lhes dê a recompensa final. As vestes também simbolizam a *“vingança do Senhor”* contra os torturadores. Os *“hereges”* morreram carregados de vergonha e desprezo social. Suas reputações foram destruídas. O trabalho realizado pela Reforma Protestante *“vestiu”* a memória daquelas pobres pessoas com as roupas brancas da inocência. Lendo a Bíblia na sua própria língua, o povo entendeu que o erro estava com o catolicismo medieval e não com aqueles que morreram por ensinar a verdade. Nesse sentido receberam compridas vestes brancas de pureza.

O término do período do quinto selo foi marcado pelo início do sexto, pois o ano de 1755 indica claramente essa transição. Esses foram os cinco primeiros selos descritos no Apocalipse.

Capítulo 3

■ O sexto selo — sinais na Terra e no Céu

Esse é o período mais decisivo da história mundial, pois abrange também o segundo advento de Jesus. Teve início em 1755 e se encerrará com o maior de todos os eventos já ocorridos na história universal: a volta de Jesus. O período histórico presente no sexto selo abrange o fim da supremacia papal.

O término dessa supremacia ocorreu em 10 de fevereiro de 1798, quando Berthier, general das forças revolucionárias francesas, invadiu Roma e prendeu o papa Pio VI, retirando-lhe os poderes e exilando-o.

Quatro acontecimentos ocorridos na abertura do sexto selo:

■ *“Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O Sol se tornou negro como saco de crina, a Lua toda como sangue, as estrelas do céu caíram pela Terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então, todos os montes e ilhas foram movidos do seu lugar. E os reis da Terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes e disseram aos montes e aos rochedos: Cai sobre nós e escondei-nos da face dAquele que Se assenta no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande Dia da ira dEles; e quem é que pode suste-se?”* (Apocalipse 6:12-17).

Estes foram os quatro acontecimentos:

- Um grande terremoto;
- O Sol se tornou negro;
- A Lua se tornou como sangue;
- As estrelas “caíram do céu”.

Após esses quatro grandes sinais no céu, João vê o firmamento se enrolando como um pergaminho e o Filho do Homem vindo com poder e grande glória enquanto reis, comandantes, ricos e pobres, senhores e escravos que desdenharam do evangelho e de sua oferta de salvação, se escondem de Cristo nas cavernas das rochas e nos penhascos.

As afirmações de desespero dos perdidos soarão como uma triste prece na inútil tentativa de ocultar sua fracassada existência da vista dAquele que é a luz e a salvação para os santos e redimidos do Senhor.



Identificando os acontecimentos que ocorreram na transição entre o quinto e o sexto selos do Apocalipse

O grande terremoto de Lisboa

Na manhã de 1º de novembro de 1755, Dia de Todos os Santos, Lisboa foi palco de uma das maiores tragédias da história. Um terremoto seguido por tsunamis e incêndios deixou milhares de mortos e igrejas destruídas no extremamente devoto Reino de Portugal — uma ironia que impactou o pensamento da época.

Embora conhecido por terremoto de Lisboa, “estendeu-se pela maior parte da Europa, África e América do Norte. Foi sentido na Groenlândia, nas Índias Ocidentais, na Ilha da Madeira, na Noruega e Suécia, Grã-Bretanha e Irlanda. [...]”

“Abrangeu uma extensão de mais de dez milhões de quilômetros quadrados. Na África, o choque foi quase tão violento como na Europa. Grande parte da Argélia foi destruída, e uma aldeia de oito ou dez mil habitantes foi tragada a pequena distância de Marrocos. Uma vasta onda varreu a costa da Espanha e da África, submergindo cidades e causando grande destruição.” — *O grande conflito*, p. 304.



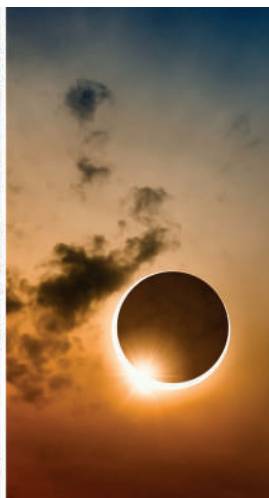
Foi um dos sismos mais mortíferos da história, marcando o que alguns historiadores chamam de “*a pré-história da Europa Moderna*”. Os sismólogos estimam que o terremoto de 1755 atingiu magnitudes entre 8,7 e 9 graus na escala de Richter.

Esse evento natural exerceu um enorme impacto político e socioeconômico na sociedade portuguesa do século 18, dando origem aos primeiros estudos científicos do efeito de um terremoto numa área ampla, marcando assim o nascimento da sismologia moderna.

O escurecimento do Sol ocorrido em 19 de maio de 1780

Vinte e cinco anos depois ocorreu o próximo sinal mencionado na profecia — o escurecimento do Sol e da Lua. O que deixou o evento ainda mais surpreendente foi o fato de que a época de seu cumprimento havia sido definidamente indicada.

Capítulo 3



“Na palestra do Salvador com Seus discípulos, no Monte das Oliveiras, depois de descrever o longo período de provação da igreja — os 1 260 anos da perseguição papal, relativamente aos quais prometera Ele ser abreviada a tribulação — mencionou Jesus certos acontecimentos que precederiam Sua vinda, e fixou o tempo em que o primeiro destes deveria ser testemunhado:

‘Naqueles dias, depois daquela aflição, o Sol se escurecerá, e a Lua não dará a sua luz’ (Marcos 13:24).

“Os 1 260 dias ou anos terminaram em 1798. Um quarto de século antes a perseguição tinha cessado quase inteiramente. Em seguida a essa perseguição, segundo as palavras de Cristo, o Sol deveria se escurecer. A 19 de maio de 1780 cumpriu-se a profecia.” — *O grande conflito*, p. 306.

“O Dia Escuro, também conhecido como Dia Escuro da Nova Inglaterra, refere-se a um evento ocorrido quando os céus da Nova Inglaterra e de partes do Canadá ficaram demasiadamente escuros apesar de ser dia.

“Uma testemunha ocular que vivia em Massachusetts, descreve o acontecimento nestes termos: ‘Pela manhã surgiu claro o Sol, mas logo se ocultou. As nuvens se tornaram sombrias, e negras e ameaçadoras como logo se mostraram, emitiram relâmpagos; ribombaram trovões, deixando cair leve aguaceiro. Por volta das nove horas, as nuvens se tornaram mais finas, tomando uma aparência bronzeada ou acobreada, e a terra, pedras, árvores, edifícios, água e pessoas tinham aspecto diferente por causa dessa estranha luz sobrenatural. Alguns minutos mais tarde, pesada nuvem negra se espalhou por todo o céu, exceto numa estreita orla do horizonte, e ficou tão escuro como usualmente é às nove horas de uma noite de verão. [...]’

“Acenderam-se velas, e o fogo na lareira brilhava tanto como em noite de outono sem luar. [...] As aves retiravam-se para os poleiros e iam dormir; o gado ajuntava-se no estábulo e berrava; as rãs coaxavam; os pássaros entoavam seus gorjeios vespertinos; e os morcegos voavam em derredor. Mas os seres humanos sabiam que não era vinda a noite.” — *O grande conflito*, pp. 306 e 307.



A “chuva de estrelas” de 13 de novembro de 1833

Essa profecia se cumpriu de forma surpreendente e impressionante na maior chuva de meteoros da história ocorrida e observada nos Estados Unidos na noite de 12 para 13 de novembro de 1833.

“Aquele foi a mais extensa e maravilhosa exibição de estrelas cadentes que já se tem registrado, ‘achando-se então o firmamento inteiro, sobre todos os Estados Unidos, durante horas, em faiscante comoção! Neste país, desde que começou a ser colonizado, nenhum fenômeno celeste já ocorreu que fosse visto com tão intensa admiração por uns ou com tanto terror e alarma por outros’. ‘Sua sublimidade e terrível beleza ainda perdura em muitos espíritos. [...] Raras vezes caiu chuva mais densa do que caíram os meteoros em direção à Terra; Leste, Oeste, Norte e Sul, tudo era o mesmo. Em uma palavra, o céu inteiro parecia em movimento. [...] O espetáculo foi visto por toda a América do Norte. Desde as duas horas até pleno dia, estando o céu perfeitamente sereno e sem nuvens, um contínuo jogo de luzes deslumbrantemente fulgurantes se manteve em todo o firmamento’ [...]” — *O grande conflito*, p. 333.

Muitos cristãos viram esse evento como um cumprimento de Mateus 24:29.

Como podemos constatar, esses quatro episódios deram origem ao tempo do fim, o qual se encerrará com a segunda vinda de Cristo. Os episódios descritos por ocasião da abertura do sexto selo apontam para a proximidade de nossa redenção e para um dos maiores acontecimentos da história desde o nascimento de Cristo: a Sua segunda vinda.

O Apocalipse é um livro puramente adventista. A segunda vinda de Jesus será breve, real, visível, histórica e universal.

Embora esse importante evento certamente mudará a história do universo, é bom não esquecer que também irá mudar a história individual de cada um de nós. De que lado estaremos naquele dia? Entre os salvos ou entre os perdidos? Não é uma questão de ameaça, mas de escolha. ■



O selamento do povo de Deus e a grande multidão





O capítulo 7 do Apocalipse pode ser classificado como parentético, ou seja, é um trecho inserido como um parêntese entre os eventos do sexto e do sétimo selo. É importante analisá-lo, mas não de maneira isolada, e sim como parte de um contexto profético decisivo para a história humana. Podemos perceber que o conceito do Apocalipse como revelação de Jesus Cristo é repetidamente apresentado em todo o livro, e neste trecho não poderia ser diferente. Assim como em todos os capítulos anteriores, o Senhor também é a figura central deste.

Anjos contêm os ventos

■ *“E, depois destas coisas, vi quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da Terra, retendo os quatro ventos da Terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma” (Apocalipse 7:1).*

Os quatro agentes celestiais seguem atentos aos assuntos da Terra. Os quatro ventos retidos por quatro anjos nos quatro pontos cardeais do globo representam o controle de contenção que Deus exerce sobre todos os elementos de contenda e luta que existem no mundo.

Na Bíblia, ventos simbolizam conflitos políticos, disputas e guerras, conforme descrito em Daniel 7:2. Em visão, Daniel menciona que viu “[...] quatro ventos do céu [combatendo] no mar grande [...]”.

O profeta Jeremias também reforça essa metáfora em seu livro ao mencionar: “Assim diz o Senhor dos Exércitos: Eis que o mal sai de nação para nação, e grande tormenta se levantará dos confins da Terra” (Jeremias 25:32). “Assim diz o Senhor: Eis que levantarei um vento destruidor contra a Babilônia e contra os que habitam no coração dos que se levantam contra Mim. E enviarei padejadores contra a Babilônia, que a padejarão e despojarão a sua terra, porque virão contra ela em redor no dia da calamidade” (Jeremias 51:1 e 2).

Quando os ventos forem soltos e soprarem juntos, constituirão a grande tormenta. A história apresenta provas inequívocas dessas comoveções. A Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918, foi uma prova contundente do cumprimento do texto do profeta de Patmos, na qual se registraram quase 20 milhões de mortes, entre civis e militares. Vinte anos depois, outro forte e impetuoso vento soprou provocando um conflito global ainda maior: a Segunda Guerra Mundial, com mais de 70 milhões de mortos, a qual ocorreu entre os anos 1939 e 1945. Essa foi a guerra mais abrangente da história, com mais de

Capítulo 4

cem milhões de militares mobilizados, envolvendo cerca de 72 nações do mundo, incluindo todas as grandes potências.

O anjo do selamento

■ “E vi outro anjo subir da banda do Sol nascente, e que tinha o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de danificar a terra e o mar, dizendo: Não danifiquéis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalado na testa os servos do nosso Deus” (Apocalipse 7:2 e 3).

Em meio a toda essa tensão política e militar, João vê um anjo que subia da banda do Sol nascente. Apresenta-se aqui outro anjo com o encargo de outra obra específica. A expressão que nossa versão traduz literalmente “do Sol nascente”, se refere mais ao modo do que ao local. Assim como o Sol vai subindo, a princípio com raios relativamente fracos, e aumenta em força até brilharem em todo o seu meridiano poder e esplendor, também a obra desse anjo começa em fraqueza, avança com crescente influência e termina em força e poder.

“Vi então que de Deus, que estava sentado sobre o grande trono branco, saía uma luz extraordinariamente brilhante e se derramava em redor de Jesus. **Vi, a seguir, um anjo com uma missão da parte de Jesus, voando velozmente aos quatro anjos que tinham a obra a fazer na Terra, agitando para cima e para baixo alguma coisa que tinha na mão, e clamando com grande voz: ‘Segurai! Segurai! Segurai! até que os servos de Deus sejam selados na frente!’**”

“O poderoso anjo é visto subindo do Oriente [ou nascente do Sol]. **O mais poderoso dos anjos tem na mão o selo do Deus vivo**, ou daquele que é o único que pode dar a vida, que pode gravar nas fronteiras o sinal ou inscrição, dizendo a quem será concedida a imortalidade, a vida eterna. É a voz desse mais elevado dos anjos que tem autoridade para ordenar aos quatro anjos que segurem os quatro ventos até que se realize essa obra, e até que ele ordene que os soltem.” — *Testemunhos para ministros*, p. 445.

“Em Apocalipse 14 encontramos a mesma obra apresentada sob o símbolo de um anjo voando pelo meio do céu com a mais terrível ameaça que jamais soou aos ouvidos dos homens. O anjo com o selo de Deus, mencionado no capítulo sete, é, portanto, o mesmo anjo mencionado no capítulo 14.” — *As profecias do Apocalipse*, p. 119.

“Vi então o terceiro anjo. Disse meu anjo acompanhante: *‘Terrível é sua obra. Tremenda sua missão. Ele é o anjo que deve separar o trigo do joio, e selar, ou atar, o trigo para o celeiro celestial.’*” — *Primeiros escritos*, p. 118.

“Encerrando-se o ministério de Jesus no lugar santo, e passando Ele para o lugar santíssimo, e ficando em pé diante da arca que contém a Lei de Deus, enviou outro poderoso anjo com uma terceira mensagem ao mundo.” — *Ibidem*, p. 254.



O selo do Deus vivo

“Do mesmo modo lhes concedi os meus sábados, como um sinal entre nós, para que compreendessem que Eu sou Yahweh, o Senhor que os santifica [...] Santificai os meus sábados, que servirão de sinal entre Mim e vós, para que entendais que Eu sou Yahweh, o Senhor vosso Deus” (Ezequiel 20:12 e 20, Versão King James Atualizada).

“Tu, pois, fala aos filhos de Israel, dizendo: Certamente guardareis Meus sábados, porquanto isso é um sinal entre Mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que Eu sou o Senhor, que vos santifica. Portanto, guardareis o sábado, porque santo é para vós; aquele que o profanar certamente morrerá; porque qualquer que nele fizer alguma obra, aquela alma será extirpada do meio do seu povo. Seis dias se fará obra, porém o sétimo dia é o sábado do descanso, santo ao Senhor; qualquer que no dia do sábado fizer obra, certamente morrerá. Guardarão, pois, o sábado os filhos de Israel, celebrando o sábado nas suas gerações por concerto perpétuo. Entre Mim e os filhos de Israel será um sinal para sempre; porque em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, e, ao sétimo dia, descansou, e restaurou-Se” (Êxodo 31:13-17).

“Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo que neles há e ao sétimo dia descansou; portanto, abençoou o Senhor o dia do sábado e o santificou” (Êxodo 20:8-11).

As passagens dos parágrafos anteriores revelam que o selo de Deus se encontra em Sua Lei, nos Dez Mandamentos, especificamente no quarto. O selo de Deus é a parte de Sua legislação que contém o Seu nome, o título descritivo, mostrando quem é Ele, a extensão do Seu domínio e o Seu direito de governar.

■ *“Vi outro anjo que subia da banda do Sol nascente tendo o selo do Deus vivo, e clamou em grande voz aos quatro anjos, aqueles aos quais fora dado fazer dano à terra e ao mar, dizendo: Não danifiqueis nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até selarmos na fronte os servos do nosso Deus” (Apocalipse 7:2 e 3).*

Na antiguidade, imperadores e monarcas tinham o costume de selar documentos, decretos e até mesmo rebanhos e animais. O selo era uma marca de autoridade, domínio e extensão do governo de reis e soberanos.

O Apocalipse revela a existência de um sinal chamado “o selo do Deus vivo”. Entretanto, não se trata de uma marca visível ou um chip implantado na mão ou no cérebro humano, mas um sinal lido apenas por Deus e pelos anjos. Porém,



Capítulo 4

“qual é o selo do Deus Vivo, que será colocado nas fronteiras de Seu Povo? É um sinal que os anjos podem ler, mas não os olhos humanos, pois é o anjo destruidor que deve ver a marca da redenção.” — *Carta 126*, 1898.

O parágrafo anterior confirma que o ato de selar está intimamente relacionado à redenção humana. Quando recebemos a Cristo e aceitamos um poder fora de nós, sendo também superior a nós, as faculdades da alma são revestidas desse poder, e dali em diante se inicia o compartilhamento da natureza divina, que possibilita a libertação da corrupção e das paixões que há no mundo (2 Pedro 1:4). Caso não ocorra esse processo, o anjo destruidor não verá os sinais da marca de redenção. Esse é o motivo de o texto inspirado afirmar que “o selo do Deus vivo só será colocado nos que se assemelham a Cristo no caráter”. (*The SDA Bible Commentary*, vol. 7, p. 970.)

Percebamos que só receberão o selo de Deus aqueles que refletirem completamente a imagem de Jesus na vida e no caráter. Para isso, somos inteiramente dependentes do trabalho e da obra do Espírito Santo para que sejamos assinalados com o selo do Deus vivo. O apóstolo Paulo nos adverte em Efésios 4:30: “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção.”

Portanto, “procuremos, com todo o poder que Deus nos tem dado, estar entre os 144 mil. [...] Só os que receberem o selo do Deus vivo terão o passaporte para transpor os portais da cidade santa.” — *The SDA Bible Commentary*, vol. 7, p. 970.

Qual o conteúdo do selo?

Podemos analisar três aspectos importantes relativos ao objetivo e finalidade do selo. São eles:

- Seu nome: “o Senhor”, Aquele que é eterno e existe por Si mesmo (Êxodo 3:14; Isaías 44:6; João 8:58; Apocalipse 1:18).
- Sua autoridade: “Criador”, Aquele que tudo fez e que sustenta todas as coisas pela Palavra do Seu poder (Gênesis 1:1; Neemias 9:6; João 1:1-3; Colossenses 1:15 e 16; Hebreus 1:1-3).
- Seu domínio: “Os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há” (Deuteronômio 10:14; Jó 22:12; Salmo 24:1 e 2; 89:11; 103:19; Isaías 66:1).

O processo do selamento

■ “[...] dizendo: Não danifiqueis nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até selarmos na frente os servos do nosso Deus” (Apocalipse 7:3).



“Vi que a presente prova do sábado não poderia vir até que a mediação de Jesus no lugar santo terminasse e Ele passasse para dentro do segundo véu; **portanto, os cristãos que dormiram antes que a porta fosse aberta no santíssimo, quando terminou o clamor da meia-noite no sétimo mês, em 1844, e que não haviam guardado o verdadeiro sábado, agora repousam em esperança, pois não tiveram a luz e o teste sobre o sábado que nós agora temos, uma vez que a porta foi aberta.** Eu vi que Satanás estava tentando alguns do povo de Deus neste ponto. Sendo que grande número de bons cristãos adormeceu nos triunfos da fé e não guardaram o verdadeiro sábado, eles estavam em dúvida quanto a ser isso um teste para nós agora.” — *Primeiros escritos*, p. 43.

A importância da participação do elemento humano

Convencidos agora de que o selo de Deus é o Seu santo sábado, que tem o Seu nome, Sua autoridade e a extensão de Seu governo, estamos preparados para continuar com a análise do texto profético. As cenas apresentadas pelos versículos considerados, onde os quatro ventos prestes a soprar trazendo a guerra e perturbação sobre a Terra revelam que o caos e a desordem serão adiados até que os servos de Deus sejam selados. Isso relembra a última praga que assolou o Egito, quando o anjo destruidor percorria o país para matar os primogênitos. Ele só poupou as casas dos israelitas que continham a marca do sangue do cordeiro pascal (Êxodo 12). Nossa única segurança nesse tempo e em qualquer outro reside unicamente em nosso Senhor Jesus Cristo e Sua justiça.

Concluímos, pois, que o anjo a subir do “*Sol nascente*”, com o selo do Deus vivo, representa homens e mulheres encarregados da obra de reforma que deve ser realizada com respeito à observância do sábado do quarto mandamento. Os agentes dessa obra na Terra são ministros e membros da igreja de Cristo, qualificados para a missão de instruir os outros na verdade bíblica.

Contudo, a fim de recebermos o selo do Deus vivo é necessário que participemos do processo de selamento. A esse respeito comenta E. G. White:

“Somente os que, em sua atitude diante de Deus, desempenham a parte dos que se arrependem e confessam os pecados no grande dia antitípico da expiação, serão reconhecidos e assinalados como dignos da proteção de Deus. O nome dos que firmemente aguardam e esperam o aparecimento do Salvador e por ele vejam — mais ardorosa e ansiosamente do que os que esperam pela manhã — será contado como dos selados.” — *Testemunhos para ministros*, p. 445.

Como mencionado anteriormente, existe um processo que necessita ser desenvolvido no coração humano. Nesse processo, cabe ao homem aceitar a influência do Espírito Santo visando o despertamento e o alcance de um genuíno arrependimento e confissão. Os que serão vitoriosos na batalha contra a besta e a sua imagem necessitam antes passar por esse combate e vencerem as lutas travadas dentro do ser através da aceitação do trabalho do Espírito Santo na alma.

Capítulo 4

Nesse sentido, a serva de Deus afirma que **“os que vencem o mundo, a carne e o diabo, serão os agraciados que receberão o selo do Deus vivo.** Aqueles cujas mãos não são limpas, cujo coração não é puro, não terão o selo do Deus vivo. Os que planejam o pecado e o praticam serão omitidos.” — *Testemunhos para ministros*, p. 445.

Percebam que a questão é extremamente séria, cabendo-nos profunda reflexão. Como não há constrangimento na obra da redenção, somos deixados livres para escolher a quem serviremos. Entretanto, ao nos acomodarmos no pecado, nos afastamos dAquele que deseja nos livrar dele, e, conseqüentemente, pela condescendência inibimos e comprometemos todo processo que teve seu início a partir do momento em que O recebemos como nosso Salvador. Portanto, se professamos ser cristãos, mas o pecado não nos entristece, há algo a pensar. Sobre esse assunto, a inspiração nos orienta:

“A classe que não se entristece por seu próprio declínio espiritual nem chora sobre os pecados dos outros, será deixada sem o selo de Deus.” — *Testemunhos seletos*, vol. 2, p. 65.

“O selo de Deus será colocado somente na testa daqueles que suspiram e clamam por causa das abominações cometidas na Terra. **Aqueles que se ligam ao mundo por laços de simpatia, estão comendo e bebendo com os temulentos, e certamente serão destruídos com os que praticam a iniquidade.**” — *Ibidem*, p. 67.

O número dos assinalados

A numerologia bíblica é o estudo dos números na Bíblia. Dois dos números mais comumente repetidos na Palavra de Deus são o 7 e o 40. O 7 significa totalidade ou perfeição (Gênesis 7:2-4; Apocalipse 1:20). É muitas vezes chamado de “o número de Deus”, já que Ele é o único que é perfeito e completo (Apocalipse 4:5, 5:1, 5 e 6). [...] O número 40 é muitas vezes conhecido como o “número de provação ou julgamento”. Por exemplo, os israelitas vagaram durante 40 anos (Deuteronômio 8:2-5); Moisés ficou no monte durante 40 dias (Êxodo 24:18); Jonas advertiu Nínive de que o julgamento viria após 40 dias (Jonas 3:4); Jesus foi tentado por 40 dias (Mateus 4:2), houve 40 dias entre a ressurreição e a ascensão de Jesus (Atos 1:3).

De acordo com o dr. Henry, é provável que a maioria dos eruditos de nossos tempos rejeite a noção de símbolos universais, mas aceite a ideia de uma regularidade no simbolismo de alguns autores bíblicos.

Ao considerar sobre as especulações com respeito ao número dos 144 mil no livro do Apocalipse, o dr. Zuck comenta: “Se esses números do livro do Apocalipse não possuem valor numérico normal nem literal, então o que foi feito do princípio normal, gramatical? Como podemos assegurar que os 144 mil sejam



um número simbólico quando o trecho em [Apocalipse] 7:5-8 fala especificamente de 12 mil de cada uma das tribos de Israel?” — ZUCK, *A interpretação da Bíblia*, p. 281.

Leia atentamente estes textos do Espírito de Profecia que apoiam a ideia de que o número é literal:

“Os santos vivos, em **número de 144 mil**, reconheceram e entenderam a voz, ao passo que os ímpios julgaram fosse um trovão ou terremoto.” — *Primeiros escritos*, p. 15.

“Cessa então Jesus de interceder no santuário celestial. Com grande voz diz: ‘*Está feito*’. [...] Todos os casos foram decididos para a vida ou para a morte. Cristo fez expiação por Seu povo e apagou os seus pecados. O **número** de Seus súditos **completou-se**.” — *O grande conflito*, p. 619.

“Vi anjos indo aceleradamente de um lugar para outro no Céu. Um anjo com um tinteiro de escrivão ao lado voltou da Terra, e referiu a Jesus que sua obra estava feita, e **os santos** estavam **numerados** e selados.” — *Primeiros escritos*, p. 279.

Exatamente quem serão as pessoas que farão parte do grupo dos 144 mil?

É relevante entendermos o plano de Deus para a vida humana. Nosso Criador sabe o que é necessário para o nosso bem presente e eterno. Quando esteve entre os discípulos, Jesus deixou claro que não podia contar-lhes tudo que sabia (João 16:12). Entretanto, em seus dias Ellen White se deparou com irmãos que persistiam em discussões sobre quem faria parte dos 144 mil. Na verdade, a Bíblia oferece os pontos indispensáveis ao que se faz necessário saber. Por exemplo, sobre os 144 mil a Bíblia afirma que:

- Foram comprados da Terra (Apocalipse 14:3);
- Não se macularam com outras confissões (igrejas) (Apocalipse 14:4);
- Foram redimidos na pior fase da história humana (Apocalipse 14:4);
- Não se achou mentira em sua boca (Apocalipse 14:5).

Essa é a verdade presente, e é exatamente o que o povo necessita saber. Naquela ocasião, a fim de conter as discussões sobre o assunto a respeito de quem exatamente faria parte do grupo dos 144 mil, E. G. White argumentou:

“Não é Sua vontade [de Deus] que eles se metam em discussões acerca de questões que os não ajudam espiritualmente, tais como: Que pessoas vão constituir os 144 mil? Os que forem os eleitos de Deus hão de, sem dúvida, saber isso em breve.” — *Mensagens escolhidas*, vol. 1, p. 174.

Capítulo 4

Noutro momento, ela repetiu a orientação do Senhor a esse respeito ao dizer:

“Não tenho luz sobre o assunto no tocante a **quem** constitui **precisamente** os 144 mil. [...] Tenha a bondade de dizer a meus irmãos que nada me foi apresentado acerca das circunstâncias de que escrevem, e só lhes posso expor aquilo que me foi apresentado.” — *Mensagens escolhidas*, vol. 3, p. 51.

O plano da redenção dotou a humanidade de grandes possibilidades, mas não lhe concedeu analisar as coisas não reveladas. Por essa razão, Moisés foi feliz ao afirmar: “*As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta Lei*” (Deuteronômio 29:29).

Em certa ocasião, de modo excepcional Deus revelou a Ellen White o caso de uma irmã que morreu selada no grupo dos 144 mil.

“Quase não sei o que lhe dizer. A notícia do falecimento de sua esposa foi para mim avassalante. Quase não o pude acreditar, e ainda agora dificilmente acredito. Deus, na noite do sábado passado, deu-me uma visão que escreverei. [...]”

“Vi que ela estava selada, e à voz de Deus ressurgiria e se ergueria sobre a Terra, e estaria com os 144 mil. Vi que não precisamos chorar sobre ela; ela repousaria durante o tempo da angústia, e tudo que pudéssemos lamentar seria nossa perda de ficar privados de sua companhia. Vi que seu falecimento redundaria em bem. [...]”

“Não vos entristeçais como os que não têm esperança. O túmulo só a poderá reter por um pouco de tempo. Esperai em Deus e animai-vos, caro irmão, e haveis de revê-la dentro em pouco.” — *Mensagens escolhidas*, vol. 2, p. 265.

Pelo que percebemos, a Bíblia também não nos dá plena certeza sobre quem são os 24 anciãos, nem mesmo os que compunham o grupo que subiu ao Céu por ocasião da ressurreição de Cristo. Mas cremos que Aquele que conhece nosso coração nos dará o que for necessário para nos conduzir às mansões celestiais.

“Os anjos celestiais são enviados para servir os que hão de herdar a salvação. Não sabemos agora quem são eles; ainda não é manifesto **quem vencerá e participará da herança dos santos na luz**; mas anjos do Céu estão atravessando a Terra de alto a baixo, de lado a lado, buscando confortar os tristes, proteger os que estão em perigo, conquistar o coração dos homens para Cristo. Ninguém é negligenciado ou deixado à margem. Deus não faz acepção de pessoas, e tem igual cuidado pelas almas que criou.” — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 639.

Um ponto digno de nota que merece nossa consideração se refere à ausência das tribos de Efraim e Dã entre as 12 tribos mencionadas em Apocalipse 7. A razão que levou à remoção desses nomes reside no fato de que essas tribos apresentaram uma história intimamente vinculada à idolatria (Juizes 18 e Oseias 4:17). José e Manassés substituíram a posição dessas tribos primitivas (Apocalipse 7:6 e 8).



Os 144 mil e alguns ímpios ressuscitam num evento separado

Em João 5:28 e 29 pode-se ler: *“Não vos maravilheis disso, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação”*.

De acordo com a Palavra, haverá duas ressurreições gerais — a da vida e a da condenação. Elas não ocorrem ao mesmo tempo. O livro do Apocalipse as retrata ocorrendo na inauguração do milênio (a dos justos) e no término dos mil anos (a dos ímpios). Veja:

“Vi tronos em que se assentaram aqueles a quem havia sido dada autoridade para julgar. Vi as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus. Eles não tinham adorado a besta nem a sua imagem, e não tinham recebido a sua marca na testa nem nas mãos. Eles ressuscitaram e reinaram com Cristo durante mil anos. (O restante dos mortos não voltou a viver até se completarem os mil anos.) Esta é a primeira ressurreição” (Apocalipse 20:4 e 5, Nova Versão Internacional).

Contudo, o profeta Daniel já havia mencionado uma ressurreição à parte desses dois grandes eventos universais. Ele comenta: *“E naquele tempo [...] haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; [...] e muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna e outros para vergonha e desprezo eterno”* (Daniel 12:4 e 5). A diferença de abordagem entre Daniel e João é bem óbvia. Enquanto João, no seu evangelho, menciona que **“todos os que estão nos sepulcros** ouvirão a Sua voz [de Jesus]” (João 5:29 e 30), Daniel diz “uns” e “outros”, sugerindo claramente que não é a totalidade de bons e maus de todos os tempos que ressurgirá nesse evento incomum, mas apenas uma fração de cada grupo.

O texto de Apocalipse 1:7 menciona: *“Eis que vem com as nuvens, e todo olho O verá [a Cristo em Sua segunda vinda], até os mesmos que O traspassaram”*. Se a ressurreição da condenação só ocorre depois do final do milênio (Apocalipse 20:4 e 5), então é óbvio que os piores inimigos de Jesus e de Sua igreja e povo ressuscitarão um pouco antes da vinda de Cristo para contemplarem Seu retorno nas nuvens do céu.

“Há um grande terremoto [...]. O firmamento parece abrir-se e fechar-se. A glória do trono de Deus dir-se-ia atravessar a atmosfera. As montanhas agitam-se como a cana ao vento, e rochas irregulares são espalhadas por todos os lados. [...] A Terra inteira se levanta, dilatando-se como as ondas do mar. Sua superfície está a quebrar-se. [...]

“Abrem-se sepulturas, e ‘muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno’ (Daniel 12:2). Todos os que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo saem do tú-

Capítulo 4

mulo glorificados, para ouvirem o concerto de paz, estabelecido por Deus com os que guardaram a Sua Lei. ‘Os mesmos que O traspassaram’ (Apocalipse 1:7), os que zombaram e escarneceram da agonia de Cristo, e os mais acérrimos inimigos de Sua verdade e povo, ressuscitam para contemplá-LO em Sua glória, e ver a honra conferida aos fiéis e obedientes.” — *O grande conflito*, pp. 636 e 637.

De acordo com esses parágrafos inspirados, alguns dias antes da segunda vinda de nosso Senhor ocorre essa ressurreição. Os que morrem depois de terem se identificado com a mensagem do terceiro anjo são contados como uma parte dos 144 mil porque essa tríplice mensagem é a mesma proclamada no assinalamento do cap. 7 de Apocalipse, e ela só assinala 144 mil.

Mas existem muitos irmãos que viveram uma vida inteira sob o controle dessa mensagem e caíram na morte antes do retorno de Jesus. Nesse caso, são contados como selados, pois estão salvos. O detalhe é que a tríplice mensagem resulta no assinalamento apenas de 144 mil pessoas. Sendo assim, essas pessoas que vieram a óbito têm de ser incluídas nesse número. Ao tomarem parte na ressurreição especial (Daniel 12:2; Apocalipse 1:7) que ocorre quando Deus pronuncia Sua voz do Seu templo, bem no início da sétima e última praga (Apocalipse 16:7; Joel 3:16; Hebreus 12:26), passam vivos pelo período dessa praga, e por isso pode se dizer deles que vieram da “grande tribulação” (Apocalipse 7:14).

Por isso, tendo saído da sepultura para uma vida ainda mortal, unem-se aos crentes que não chegaram a morrer, e com eles recebem a imortalidade ao som da última trombeta (1 Coríntios 15:52). São todos transformados num momento, num abrir e fechar de olhos. Assim, embora tenham passado pela sepultura, pode-se finalmente dizer deles que “foram comprados dentre os homens” (Apocalipse 14:4). Como assim? Só podem ter sido “comprados” dentre os vivos, porque a vinda de Cristo os encontra já vivos, e não mortos como os demais justos de todos os tempos, que têm de ser ressuscitados por Jesus ao descer nas nuvens do céu. Esses que haviam sido ressuscitados há algum tempo aguardam apenas a mudança de estado para a imortalidade, do mesmo modo que os que nunca passaram pela morte. E pelo fato de Jesus encontrar vivo o grupo inteiro dos 144 mil por ocasião de Sua vinda, é como se todos os que dele participam nunca tivessem passado pela morte.

A grande multidão

■ “Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos; e clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus, que Se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação. Todos os anjos estavam de pé rodeando o trono, os anciãos e os quatro seres viventes, e ante o trono se prostraram sobre o seu rosto, e adoraram a Deus, dizendo: Amém! O louvor, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graças, e a honra, e o





poder, e a força sejam ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amém!” (Apocalipse 7:9-12).

Ao concluir a visão do selamento, João contempla uma inumerável multidão que em arrebatamento adora a Deus perante o trono. Essa vasta multidão é constituída pelos salvos de toda nação, povo, tribo e língua, que foram ressuscitados na segunda vinda de Cristo.

O número dos salvos é maior que qualquer capacidade de enumerá-los. Assim se cumpre a promessa que Deus havia feito a Abraão sobre a quantidade inumerável de seus descendentes (Gênesis 15:5; 32:12). A promessa feita ao patriarca se cumprirá porque o número dos membros do verdadeiro Israel superará qualquer cálculo humano.

As diferenças humanas entre raça, nível social, intelectualidade e profissão já não existem; qualquer alma fiel pode chegar a Deus sem obstáculos. Todos os fiéis têm direito de ingressar até a presença de Deus mediante a purificação de seus pecados pelo sangue do Cordeiro.

Capítulo 4

Agora se apresentam duas classes: os 144 mil e a grande multidão; ou seja, dois grupos diferentes. A grande multidão é descrita como sendo composta por “todas as nações, e tribos, e povos, e línguas” (Apocalipse 7:9). Porém, os 144 mil podem ser contados e numerados (Apocalipse 7:4).

Essa grande multidão é descrita como estando “diante do trono e perante o trono.” Alguns entendem que esse trono se encontra no templo, onde a grande multidão estará; mas se somente os 144 mil entram no templo, isso poderia significar que não existem dois grupos, mas apenas um. No entanto, o local do trono de Deus e o templo são lugares bem diferentes.

A Bíblia é clara ao afirmar que o trono de Deus se encontra dentro da nova Jerusalém. “E mostrou-me o **rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro**” (Apocalipse 22:1).

“Por meio de um viver cristão, o povo do Senhor deve testificar que Deus tem na Terra um povo que representa o grupo puro e santo que se encontrará **ao redor do trono de Deus quando os redimidos forem reunidos dentro da cidade santa.**” — *Medicina e salvação*, p. 48.

“A gloriosa **cidade de Deus** tem doze portas, engastadas com as mais deslumbrantes pérolas. Também tem doze fundamentos de várias cores. As ruas da cidade são de ouro puro. **Nessa cidade está o trono de Deus**, de onde procede um rio belo e puro, claro como cristal. Sua cintilante pureza e beleza alegram a **cidade de Deus**. Os santos beberão livremente das águas curadoras do rio da vida.” — *Minha consagração hoje*, p. 357.

Nessa cidade, onde fica o trono de Deus, não há nenhum templo. “**E nela** [na cidade] não vi templo, *porque o seu templo é o Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro*” (Apocalipse 21:22).

O fato de a grande multidão ser descrita como estando perante o trono não quer dizer, de forma alguma, que estará dentro do templo de Deus.

Percebe-se que, apesar de todos usufruírem do direito à salvação, existe uma diferença no posicionamento entre os salvos a partir das experiências vividas em cada período da história. Nesse contexto, Ellen White destaca três grupos.

Ao citar o primeiro grupo, a inspiração usa as seguintes palavras:

“Mais próximo do trono estão os que já foram zelosos na causa de Satanás, mas que, arrancados como tições do fogo, seguiram seu Salvador com devoção profunda, intensa.” — *O grande conflito*, p. 665.

Quando, porém, menciona o segundo grupo, ela os diferencia a partir das suas experiências em contextos diferentes. Nota-se que a distinção se torna bem nítida quando a inspiração cita a experiência dos 144 mil e dos mártires de todos os séculos:



“Em seguida estão os que aperfeiçoaram um caráter cristão em meio de falsidade e incredulidade, os que honraram a Lei de Deus quando o mundo cristão a declarava nula, e os milhões de todos os séculos que se tornaram mártires pela sua fé”.

Na sequência, finalmente é que aparece a grande multidão:

“E além está a *‘multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, [...] trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos’* (Apocalipse 7:9). Terminou a sua luta, a vitória está ganha.” — *Idem*.

Um destaque entre as experiências de todos os séculos


Como lemos nos textos mencionados, em todas as épocas Deus teve servos fiéis que enfrentaram situações difíceis em meio a perseguições, calúnias e martírio. Entretanto, o texto de Apocalipse 7:13 assinala que existe um destaque para os que passaram pela grande tribulação por honrarem Sua Lei diante do mundo. Esses receberão o privilégio de servir a Deus em Seu templo. A respeito desses, a inspiração menciona:

“O Monte Sião estava exatamente diante de nós, e **sobre o monte um belo templo**, em cujo redor havia sete outras montanhas, sobre as quais cresciam rosas e lírios. E vi as crianças subirem, ou, se o preferiam, fazer uso de suas pequenas asas e voar ao cimo das montanhas e apanhar flores que nunca murcharão. Para embelezar o lugar, havia em redor do **templo** todas as espécies de árvores; o buxo, o pinheiro, o cipreste, a oliveira, a murta, a romãzeira e a figueira, curvada ao peso de seus figos maduros, embelezavam aquele local. E quando estávamos para entrar no santo **templo**, Jesus levantou Sua bela voz e disse: **‘Somente os 144 mil entram neste lugar’**, e nós exclamamos: *‘Aleluia!’*” — *Primeiros escritos*, p. 19.

Referindo-se primeiramente a esses, mas também a todos os fiéis servos de Deus de todos os séculos, o apóstolo João conclui o capítulo com estas palavras:

“Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o Sol, nem ardor algum, pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima” (Apocalipse 7:13-17).

Os fiéis chegam à presença de Deus e do Cordeiro como vencedores. Não se apresentam cansados, fatigados, nem tampouco derrotados, mas sim como conquistadores e vencedores. As vestes brancas, limpas no sangue do Cordeiro, são o símbolo da vitória contra o mal e o pecado. Os generais romanos celebravam suas vitórias vestidos de branco, mas os salvos aqui citados estão revestidos de uma roupa mais alva que a neve. A fome que ceifa milhões todos os dias não mais existirá, a insaciável sede ficará no passado. Os eleitos e salvos terão livre acesso às fontes eternas no paraíso de Deus. ■

A man with long brown hair and a beard, wearing a dark green cloak over a chainmail tunic and a wide brown belt. He is holding a sword in his right hand. The background is a plain, light-colored wall.

O juízo de Deus contra os opressores de Seu povo (8:2-9:21)



As seis primeiras trombetas

A base para o toque das sete trombetas do Apocalipse se encontra no Antigo Testamento. O ato de tocar a trombeta incluía vários contextos da vida de Israel. Por isso, o texto-chave para compreender o significado do toque das trombetas no contexto apocalíptico se encontra em Números 10:8 e 9.

“E os filhos de Arão, sacerdotes, tocarão as trombetas; e a vós serão por estatuto perpétuo nas vossas gerações. E, quando na vossa terra sairdes a pelejar contra o inimigo, que vos aperta, também tocareis as trombetas retinindo; e perante o Senhor vosso Deus haverá lembrança de vós, e sereis salvos de vossos inimigos.”

De acordo com o texto, o toque das trombetas se relacionava à necessidade de libertação do povo de Deus da mão de um adversário que o estivesse oprimindo. O toque convocava a proteção e a libertação divinas. O texto de Apocalipse apresenta esse conceito, que é crucial para a compreensão do significado teológico das trombetas nos capítulos 8 e 9, especialmente porque simboliza um pedido de socorro a Deus, para vir e confrontar o opressor do Seu povo.

É importante observar também que Deus nem sempre usou elementos do próprio povo de Israel como libertadores. O Antigo Testamento registra episódios em que Deus usou reinos estrangeiros com esse objetivo (ver Jeremias 51:10, 11, 27, 35 e 36).

As Escrituras revelam a existência de vários reinos que Satanás usou para oprimir o povo de Deus, tais como Egito, Assíria, Babilônia etc. Contudo, Daniel 7 nos apresenta ao mais terrível desses poderes perseguidores, cuja trajetória sangrenta se divide em duas fases: Roma pagã e papal (Daniel 7:7, 8, 11, 19-25). A atroz perseguição desse reino é que levou os mártires — de forma simbólica e num sentido figurado, pois mortos não podem falar — a clamar por justiça da parte de Deus. Eles dizem: “*Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a Terra?*” (Apocalipse 6:10). As trombetas do Apocalipse são a resposta. Nas palavras de Treiyr,

“As sete trombetas do Apocalipse são um chamado divino à guerra proferido do Templo no Céu (Apocalipse 8:2-5). É dado como uma resposta ao clamor de Seu povo que é oprimido ‘por causa da Palavra de Deus e do testemunho que deram’ (Apocalipse 6:9 e 10). Deus responde ao clamor convocando exércitos que se apresentam para restringir o poder do último império tirânico predito pela Bíblia. Através desses exércitos, Deus impediu o diabo de cumprir seu propósito de silenciar completamente a voz do Céu.”¹

As sete trombetas do Apocalipse são um chamado divino à guerra



As trombetas apocalípticas anunciam os terríveis juízos que deveriam se abater sobre o Império Romano. Essa é a resposta de Deus ao clamor de Seu povo oprimido. As quatro primeiras anunciam os quatro primeiros golpes contra Roma pagã ocidental, e as três seguintes contra Roma “cristã” oriental, incluindo a fase opressiva desse poder na última crise.

A visão de abertura das trombetas

■ “E vi os sete anjos que estavam diante de Deus, e foram-lhes dadas sete trombetas. E veio outro anjo e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que está diante do trono. E a fumaça do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do anjo até diante de Deus. E o anjo tomou o incensário, e o encheu do fogo do altar, e o lançou sobre a Terra; e houve depois vozes, e trovões, e relâmpagos, e terremotos. E os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las” (Apocalipse 8:2-6).

Na visão relatada no vers. 2, João contempla sete anjos encarregados de tocar sete trombetas. Inicia-se aqui mais um bloco de textos que nos revela cenas turbulentas referentes ao mesmo período histórico coberto pelas sete igrejas e



pelos sete selos. Fica clara para o leitor uma característica básica da estrutura do livro: a recapitulação. Essa técnica de escrita retoma um assunto anteriormente abordado e o apresenta sob um ângulo diferente visando complementá-lo. Assim, o texto analisa eventos que ocorrem na era cristã, mas o foco agora é nas guerras e lutas políticas que se abatem sobre o maior reino opressor de Seu povo, o Império Romano.

Contudo, ainda que as trombetas anunciem punições contra os opressores do povo do Senhor, Seus filhos ainda se encontram no mundo, em meio aos que os desprezam e rejeitam. Por essa razão, antes do toque das trombetas e do cumprimento dos castigos de Deus na Terra, João vê um anjo com um incensário de ouro repleto de incenso se aproximando do altar. Esse incenso representa as orações de todos os santos, e o anjo as oferece diante do trono. Essa cena é “um retrato da mediação de Cristo no santuário celestial”²

Enquanto os que oprimem o povo de Deus estão prestes a sentir a ira divina, a visão de que temos um Amigo a interceder por nós mesmo em meio aos males deste mundo nos conforta. As trombetas do Apocalipse servem para nos garantir que no tempo devido Ele chamará Seus opositores à prestação de contas. Deste ponto em diante, veremos como o Senhor justificou Seus santos quando enviou punições contra o terrível Império Romano.

■ A primeira trombeta

■ *“E o primeiro anjo tocou a trombeta, e houve saraiva e fogo misturado com sangue, e foram lançados na Terra, que foi queimada na sua terça parte; queimou-se a terça parte das árvores, e toda a erva verde foi queimada” (Apocalipse 8:7).*

O primeiro golpe que contribui para o colapso do Império Romano do ocidente é o ataque dos visigodos comandados por Alarico. A imagem de granizo e fogo misturado com sangue representa a destruição que essa invasão causou. Essa linguagem também está presente na descrição da sétima praga que caiu sobre o Egito (Êxodo 9:23-25), quando o Senhor fez cair uma tempestade literal de granizo com raios e trovões que causou um terrível estrago. A combinação de granizo (saraiva), fogo e sangue aparece no Antigo Testamento como um severo instrumento divino de juízo (Ezequiel 38:22), armas de condenação divina contra as nações que se opõem a Deus e a Seu povo (Salmo 18:12-14; Isaías 10:16-19; 30:30 etc).

Logo, é compreensível que João, inspirado por Deus, tenha combinado esses elementos na narrativa para descrever a devastação causada por Alarico e seu exército visigodo. Conforme o Comentário Bíblico Adventista, “a partir de 396 d.C., os visigodos dominaram a Trácia, Macedônia e Grécia, na parte oriental do império. Posteriormente atravessaram os Alpes e saquearam a cidade de Roma em 410. Também saquearam boa parte do território que hoje é a França até se estabelecerem na Espanha”.³

Capítulo 5

A profecia menciona a expressão “um terço” (ou terça parte) como uma figura de linguagem referente à amplitude da destruição. Treiyer explica que esse termo “não apontava necessariamente para uma proporção matemática exata, mas revelava que a punição não seria total”.⁴ Embora Alarico e seu exército tenham efetuado um ataque devastador contra o Império Romano, não foi o bastante para aniquilá-lo.

■ A segunda trombeta

■ *“E o segundo anjo tocou a trombeta; e foi lançada no mar uma coisa como um grande monte ardendo em fogo, e tornou-se em sangue a terça parte do mar. E morreu a terça parte das criaturas que tinham vida no mar; e perdeu-se a terça parte das naus”* (Apocalipse 8:8 e 9).

A descrição desses versículos indica claramente que a segunda investida contra Roma se deu pelo mar. O registro histórico nos informa que o flagelo da segunda trombeta se refere à invasão e conquista da África e da Itália pela mão do terrível Genserico, rei dos vândalos, entre os anos 428 e 468. De fato, suas conquistas foram em grande parte navais, o que justifica sua fama universal de “o temido rei do mar, terror das ilhas e dos marinheiros”. “Ele se apoderou do mar e do comércio marítimo, e tornou-se um verdadeiro pirata que saqueava as cidades costeiras e os navios que ousavam ir para o mar. [...] Todas as tentativas de derrotar esse terrível pirata falharam por meio século”.⁵

Um monte em chamas caindo no mar foi a imagem que Cristo escolheu mostrar a João para Se referir aos violentos confrontos que Genserico empreendeu em suas campanhas militares. É evidente que essas guerras resultaram em grande estrago, conforme indicam as especificações da catástrofe anunciada pela segunda trombeta. Com respeito a isso, Gibbon faz esta significativa declaração: “Genserico, um nome que na destruição do Império Romano se eleva ao mesmo nível dos nomes de Alarico e Átila”.⁶ Este último nome mencionado por Gibbon é justamente o foco da trombeta seguinte.

■ A terceira trombeta

■ *“E o terceiro anjo tocou a trombeta, e caiu do céu uma grande estrela, ardendo como uma tocha, e caiu sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes das águas. E o nome da estrela era Absinto, e a terça parte das águas tornou-se em absinto, e muitos homens morreram das águas, porque se tornaram amargas”* (Apocalipse 8:10 e 11).

Em Juízes 5:19-21, lemos: “**Vieram reis e pelejaram; então, pelejaram os reis de Canaã em Taanaque, junto às águas de Megido; não tomaram ganho de prata. Desde os Céus pelejaram; até as estrelas desde os lugares dos seus cursos pelejaram contra Sísera. O ribeiro de Quisom os arrastou, aquele antigo ribeiro, o**



ribeiro de Quisom. Pisaste, ó minha alma, a força. Esse texto de Juízes chama os reis de Canaã de *estrelas*. “*As estrelas lutaram*” é uma linguagem fundamental para a análise da terceira trombeta. Assim, que rei guerreiro essa grande estrela representa?

O terceiro invasor que entrou para a história como um dos grandes responsáveis pela ruína do Império Romano foi Átila, rei dos hunos. Vindo do Oriente, atacou os romanos tal qual um meteoro. O Comentário Bíblico Adventista descreve a trajetória dessa tribo: “Entrando na Europa, pela Ásia Central, por volta de 370, os hunos se estabeleceram primeiro no baixo Danúbio. Três quartos de século depois se mudaram mais uma vez e, por um breve período, *devastaram várias regiões do cambaleante Império Romano*. Após uma curta temporada de saques na Itália, Átila morreu em 453 e os hunos em seguida desapareceram da história. A despeito da breve duração de seu domínio, *os hunos foram tão vorazes em suas destruições que o nome deles entrou para a história como sinônimo de extermínio e destruição da pior natureza*”.⁷

■ A quarta trombeta

■ “O quarto anjo tocou a sua trombeta, e foi ferido um terço do Sol, um terço da Lua e um terço das estrelas, de forma que um terço deles escureceu. Um terço do dia ficou sem luz, e também um terço da noite” (Apocalipse 8:12).

Capítulo 5

As três primeiras trombetas indicam, cada uma, um ataque comandado por um líder bárbaro. Alarico, Genserico e Átila deram início ao desmantelamento do grande Império Romano, mas seus ataques não foram suficientes para destruir os alicerces do grande império.

Esta trombeta se refere à atuação de Odoacro, o líder bárbaro que esteve intimamente ligado ao desmoronamento de Roma Ocidental. Os símbolos Sol, Lua e estrelas representam os grandes cargos públicos do governo romano — imperadores, senadores e cônsules. Veja bem, o último imperador romano do ocidente foi Rômulo Augusto, que ficou também conhecido pelo apelido “Augústulo”, ou seja, “Augustinho” numa linguagem mais contemporânea. Roma Ocidental ruiu em 476, mas embora o Sol romano (a figura política do imperador) tivesse se apagado, as luzes menores continuaram a brilhar fracamente: a Lua (o senado) e as estrelas (o consulado). No entanto, após muita instabilidade, a estrutura inteira do antigo governo ruiu, e a própria cidade de Roma se viu obrigada a cumprir o papel de um pobre ducado que pagava impostos ao Exarcado de Ravena. Esse exarcado foi o que sobrou do império a partir do quinto século, composto pelos territórios não conquistados pelos líderes bárbaros.

■ A quinta trombeta

■ *“E o quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela que do céu caiu na Terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo. E abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço como a fumaça de uma grande fornalha e, com a fumaça do poço, escureceu-se o Sol e o ar. E da fumaça vieram gafanhotos sobre a Terra; e foi-lhes dado poder como o poder que têm os escorpiões da Terra. E foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma, mas somente aos homens que não têm na testa o sinal de Deus. E foi-lhes permitido, não que os matassem, mas que por cinco meses os atormentassem; e o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião quando fere o homem. E naqueles dias os homens buscarão a morte e não a acharão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles. E o aspecto dos gafanhotos era semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra; e sobre a sua cabeça havia umas como coroas semelhantes ao ouro; e o seu rosto era como rosto de homem. E tinham cabelos como cabelos de mulher, e os seus dentes eram como de leão. E tinham couraças como couraças de ferro; e o ruído das suas asas era como o ruído de carros, quando muitos cavalos correm ao combate. E tinham cauda semelhante à dos escorpiões e aguilhão na cauda; e o seu poder era para danificar os homens por cinco meses. E tinham sobre si rei, o anjo do abismo; em hebreu era o seu nome Abadom, e em grego Apoliom [...]”* (Apocalipse 9:1-12).

Estamos aqui diante do surgimento de outro poder humano na profecia que também teve significativa participação na ruína do grande Império Romano. Contudo, Roma Imperial desmoronou em 476 após as punições infligidas pelas quatro primeiras trombetas. De que Roma então estamos falando?



As quatro primeiras trombetas decretaram a ruína da parte ocidental do Império Romano. Conforme as invasões bárbaras causavam o declínio do império, em 395 o imperador Teodósio decidiu dividir o reino em duas partes, gerando Roma Ocidental e Oriental. A parte ao oriente sediou-se em Constantinopla, atual Istambul, na Turquia.

Mas a retribuição divina contra esse grande opressor do povo de Deus ainda não estava completa. Os juízos divinos agora se direcionam a essa outra metade do Império Romano, a saber, Roma Oriental. Enquanto as invasões bárbaras assolavam a primeira metade do Império, Roma Oriental se desenvolvia econômica e territorialmente. Expandiu-se dominando as antigas colônias e cidades gregas do Oriente. Por séculos esteve livre de qualquer ameaça de queda. Mas a profecia de Deus anunciava que isso iria mudar.

João introduz a sexta trombeta com a visão de uma “*estrela que havia caído do céu sobre a Terra*” (vers. 1). A descrição da terceira trombeta já havia apresentado a figura de uma estrela cadente — era o grande guerreiro Átila, rei dos hunos. Assim, que outro poderio militar estaria em vista aqui?

Segundo a história, a única potência que causou danos permanentes a Roma Oriental foi o Império Islâmico, fundado por Maomé. Ele é a estrela da descrição. Maomé nasceu em Meca, Península Arábica, em 570. Na vida adulta, tornou-se comerciante. Segundo a tradição islâmica, “tinha a prática de retirar-se para orar e meditar em montes e desertos aos arredores de Meca. Em um desses retiros, [supostamente] o anjo Gabriel apareceu para Maomé e pediu que ele recitasse um texto. Conta-se que o anjo referiu-se ao profeta como ‘*rasul Allah*’, traduzido como ‘*Enviado de Deus*’.”⁸

A partir desse suposto encontro com Gabriel em 612, Alá iniciou suas revelações a Maomé, que as compilou e produziu o que hoje se conhece como o Alcorão, o livro sagrado do Islã. Dali em diante, Maomé assume como missão de vida propagar a fé no único Deus verdadeiro, Alá. Ao tentar pregar a recém-descoberta fé em Meca, sua cidade natal, deparou-se com um problema: a Arábia pré-islâmica era politeísta, e Maomé divulgava uma religião monoteísta. Esse confronto o levou a fugir para Medina em 622.

Com sua mensagem bem recebida em Medina, a profecia de uma poderosa ascensão militar começou a se cumprir. Ao contrário do que ocorreu em Meca, a nova região honrou grandemente o profeta de Alá, que se tornou o chefe de Medina. Ao alcançar esse posto, organizou um exército para guerrear contra Meca. Medina se tornou um Estado muçulmano, que determinava a conversão ao islamismo de todos os que pertenciam àquela sociedade.

A profecia afirma que essa estrela recebeu a chave do abismo (vers. 1). Há dois termos importantes aqui. A palavra grega traduzida como *chave* aparece em cinco outros textos do Novo Testamento e sempre se refere a uma *autoridade recebida*. Já o termo *abismo* aponta para dois significados: um social e outro ge-

Capítulo 5

ográfico. No primeiro caso, significa estado ou circunstâncias caóticas. Esse era precisamente o estado social da Arábia antes de Maomé. Não havia um governo central, mas numerosas tribos com governo próprio, que se matavam e roubavam umas às outras. Não havia ordem moral nem estabilidade social. Matavam-se os filhos no berço para que não passassem fome.⁹

Além disso, *abismo* na língua original do Novo Testamento pode ser traduzido como qualquer lugar solitário e desértico — características que descrevem bem a Península Arábica. Foi nesse estado social caótico e nessa região com muitas terras não habitadas que surgiu um enorme exército, cuja expansão cruzaria o caminho de Roma Oriental, levando ao seu prévio registro na profecia.

O fumo (fumaça) como de uma fornalha, que escurece o Sol e o ar (vers. 2), representam o efeito espiritual sobre o mundo com a propagação do Islã. O Sol e o ar simbolizam a religião de Jesus, na qual encontramos tudo que é básico para uma vida espiritual abundante. O Islã obscureceu as verdades do evangelho divino ao espalhar pelo mundo a descrição de um Deus que não é amor, mas só justiça. Vemos isso nas várias passagens do Alcorão em que Deus ordena que se aniquile todos os que não aceitem a pregação da fé islâmica.

Diz ainda o texto sagrado que dessa fumaça densa saíram gafanhotos com o poder de escorpiões (vers. 3). A figura dos gafanhotos é conhecida na Bíblia. O Antigo Testamento a usa para descrever soldados invasores (Juizes 6:5; 7:12; Jeremias 51:27). O poder dos escorpiões obviamente se refere à natureza mortal e violenta dos seus ataques.

O versículo 4 diz: *“Eles receberam ordens para não causar dano nem à relva da terra nem a qualquer planta ou árvore, mas apenas àqueles que não tinham o selo de Deus na testa”*. Depois da morte de Maomé, Abu-Becre o sucedeu no comando do exército islâmico em 632. Com sua autoridade de líder já bem estabelecida, enviou uma carta às tribos árabes, da qual um trecho demonstra a exatidão do cumprimento da profecia contida nesse versículo:

“Quando travardes as batalhas do Senhor, portai-vos como homens, nunca voltando as costas, mas que a vossa vitória não seja manchada com o sangue de mulheres e crianças. *Não destruais as palmeiras nem queimeis as searas. Não corteis árvores frutíferas nem maltrateis os animais.* [...] Encontrareis no vosso caminho algumas pessoas religiosas que vivem retiradas em mosteiros, e que desse modo se propõem servir a Deus. *Deixai-as e não as mateis nem destruais seus mosteiros.* E encontrarão outra classe de pessoas que pertencem à sinagoga de Satanás, e que têm a tonsura¹⁰ na cabeça; vocês devem partir o crânio desses homens, e não lhes deem descanso até que se tornem islâmicos ou paguem impostos.”¹¹

Esse registro de Gibbon das palavras do comandante árabe confirma a descrição do texto sagrado ao apontar que a hoste islâmica só atacaria os que não têm o selo de Deus na testa. Obviamente isso implica que naquela época havia pessoas que tinham o selo divino. Partindo do que a própria Bíblia afirma sobre



o selo de Deus, é evidente ser essa uma referência a um grupo guardador do sábado. Observe:

“Na verdade, não só nos séculos das conquistas do Islã existiam fiéis que tinham o selo de Deus na testa, mas também por toda era cristã muitos cristãos observaram com fiel reverência o verdadeiro dia de repouso semanal.”¹²

Diz-nos a serva do Senhor:

“Em terras que ficavam além da jurisdição de Roma, existiram por muitos séculos corporações de cristãos que [...] acreditavam na perpetuidade da Lei de Deus e **observavam o sábado do quarto mandamento**. Igrejas que se mantinham nesta fé e prática existiram na África Central e entre os armênios, na Ásia.”¹³

“*E o seu poder era para danificar os homens por cinco meses*” (vers. 5 e 10) — A compreensão desse período de cinco meses usa a chave dia-ano de interpretação profética (Números 14:34; Ezequiel 4:6), que consiste numa afirmação bem simples: Em profecia, um dia literal equivale a um ano literal. Logo, cinco meses têm 150 dias (tomando o mês por 30 dias). Assim, o período profético aqui significa um intervalo de tempo de 150 anos, no qual o Islamismo danificaria, atormentaria, mas não destruiria o Império Romano.

O cálculo que se segue foi publicado numa obra intitulada *Christ's Second Coming* (A Segunda Vinda de Cristo), por *Josiah Litch*, em 1838.

“*E o seu poder era para danificar os homens por cinco meses*’. Até aqui sua missão consistia em atormentar por constantes depredações, mas sem matá-los politicamente. ‘*Cinco meses*’ quer dizer 150 anos, começando em 27 de julho de 1299. Somando-se 150 anos a essa data, chega-se a 1449. Durante todo esse período os turcos estiveram empenhados numa guerra quase contínua contra o Império Grego [Constantinopla], mas sem o conquistar. Chegaram a tomar várias províncias gregas, mas a independência grega era ainda mantida em Constantinopla. Em 1449, porém, operou-se uma mudança.”

A sexta trombeta apresentará essa mudança significativa.

■ A sexta trombeta

■ “*E tocou o sexto anjo a trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro que estava diante de Deus, a qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos que estão presos junto ao grande rio Eufrates. E foram soltos os quatro anjos que estavam preparados para a hora, e dia, e mês, e ano, a fim de matarem a terça parte dos homens. E o número dos exércitos dos cavaleiros era de duzentos milhões; e ouvi o número deles. E assim vi os cavalos nesta visão; e os que sobre eles cavalgavam tinham couraças de fogo, e de jacinto, e de enxofre; e a cabeça dos cavalos era como cabeça de leão; e de sua boca saía fogo,*

Capítulo 5

e fumaça, e enxofre. Por estas três pragas foi morta a terça parte dos homens, isto é, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre, que saíam da sua boca. Porque o poder dos cavalos está na sua boca e na sua cauda, porquanto a sua cauda é semelhante a serpentes e tem cabeça, e com ela danificam. E os outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependeram das obras de suas mãos, para não adorarem os demônios e os ídolos de ouro, e de prata, e de bronze, e de pedra, e de madeira, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar. E não se arrependeram dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem das suas ladroíces” (Apocalipse 9:13-21).

O “primeiro ai” começou com o surgimento do Islã e se estenderia ao fim do período dos cinco meses, e seria sucedido pelo “segundo ai”. E quando o sexto anjo tocou sua trombeta, recebeu ordens para remover as restrições que seguravam os quatro anjos presos junto ao grande Rio Eufrates.

Esses anjos, evidentemente simbólicos, eram os quatro principais sultanatos de que se compunha o Império Otomano, localizados nas terras banhadas pelo grande Rio Eufrates. Esses sultanatos estavam situados em Alepo, Icônio, Damasco e Bagdá. Até o momento vinham sendo contidos, mas Deus os liberou pelo toque da sexta trombeta.

Inumeráveis hordas de cavalos e cavaleiros! *Gibbon* descreve assim a primeira invasão do território romano pelos turcos: “Os milhares de cavalos turcos se espalharam por uma frente de quase mil quilômetros, desde o Tauro a Erzerum, e o sangue de 130 mil cristãos foi um grato sacrifício ao profeta árabe.”

“E assim vi os cavalos nesta visão; e os que sobre eles cavalgavam tinham couraças de fogo, e de jacinto, e de enxofre; e a cabeça dos cavalos era como cabeça de leão; e de sua boca saía fogo, e fumaça, e enxofre.”

É bem provável que a primeira parte da descrição bíblica se refira ao aspecto desses cavaleiros. A cor vermelha representa fogo; jacinto, azul; enxofre, amarelo. Essas eram as cores predominantes do uniforme daqueles guerreiros, de sorte que a descrição, segundo esse ponto de vista, se adequa bem ao uniforme turco, que era composto em larga escala por vermelho, azul e amarelo.

Já a última parte do versículo se refere ao uso de pólvora e armas de fogo para fins bélicos, pois era uma inovação para a época. Já que os turcos disparavam as armas de fogo montados sobre cavalos, parecia ao observador distante, num plano horizontal, que o fogo, a fumaça e o enxofre saíam da boca dos cavalos. Os comentaristas também concordam em aplicar a profecia quanto ao fogo, à fumaça e ao enxofre ao uso da pólvora pelos turcos na sua luta contra o império oriental.

A morte da terça parte dos homens se refere à tomada de Constantinopla e, por consequência, à destruição do Império Grego. Mais de mil anos haviam se passado desde que Constantino a fundou. Durante esse tempo, godos, hunos,

**Tomada de Constantinopla**

persas, sarracenos e os próprios turcos otomanos a tinham atacado ou a cercado, mas as fortificações eram inexpugnáveis.

Por isso o sultão queria encontrar o que quer que pudesse remover esse obstáculo. Perguntou a um fundidor de canhões que se havia unido a ele:

— Ei, você consegue fundir um canhão de tamanho suficiente para fazer um buraco nos muros de Constantinopla?

— Sim, acho que sim. Vai ser trabalhoso, mas penso que sim.

Logo em seguida, construíram a oficina de fundição em Adrianópolis, molhou-se o canhão, prepararam a artilharia e começaram o cerco. As fortificações que por séculos resistiram à terrível violência agora se desmantelavam por toda parte sob os canhões otomanos, abriram-se muitas brechas e, próximo à porta de São Romano, quatro torres caíram. Os turcos tomaram Constantinopla, subverteram o Império Romano Oriental e pisaram a pés a religião cristã tradicional.

■ *“Por estas três pragas foi morta a terça parte dos homens, isto é, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre, que saíam da sua boca. Porque o poder dos cavalos está na sua boca e na sua cauda, porquanto a sua cauda é semelhante a serpentes e têm cabeça, e com ela danificam.”*

Estes versículos exprimem o efeito mortífero do novo modo de guerra. A pólvora, as armas de fogo e os canhões (as “três pragas”) é que finalmente conquistaram Constantinopla para os turcos.

Capítulo 5

Os quatro anjos (sultanatos) foram liberados por uma hora, um dia, um mês e um ano para matar a terça parte dos homens. Esse período em que a supremacia otomana reinaria abrange 391 anos e 15 dias. Acompanhe o cálculo:

Um ano profético = 360 dias proféticos ou 360 anos literais;

Um mês profético = 30 dias proféticos ou 30 anos literais;

Um dia profético = a um ano literal;

Uma hora = divide-se um ano por 24, ou seja, 15 dias literais.

Assim, a soma de tudo é 391 anos e 15 dias.

A contagem começou no fim do período de 150 anos (os cinco meses), em 27 de julho de 1449. Somando-se 391 anos e 15 dias, a data é 11 de agosto de 1840.

Como a supremacia otomana iniciou com base num reconhecimento voluntário por parte do Império Romano Oriental, é lógico concluir que a queda ou a perda da independência otomana ocorreria da mesma forma, que no fim do período indicado, isto é, em 11 de agosto de 1840, o sultão entregaria voluntariamente sua independência às mãos das potências cristãs ocidentais. Tinha sido exatamente assim que 391 anos e 15 dias antes o império otomano havia recebido o poder das mãos do imperador cristão de Constantinopla, Constantino 13.

O pastor *Josias Litch* foi o primeiro adventista da história a chegar a essa conclusão em 1838, dois anos antes de o acontecimento predito ocorrer. Era questão de cálculo sobre os períodos proféticos da Escritura.

Quando terminou a independência maometana em Constantinopla?

Alguns anos antes de 1840, o sultão tinha se envolvido em guerra com Mohamed-Ali, paxá do Egito. Em 1838, a disputa entre o sultão e o seu vassalo egípcio se equilibrou graças à influência dos embaixadores estrangeiros. Em 1839 as hostilidades voltaram à tona e continuaram até que, numa batalha geral entre os exércitos do sultão e de Mohamed, o egípcio derrotou plenamente o exército turco, sequestrou sua frota e a levou para o Egito. A frota restante do sultão ficou tão enfraquecida que, quando a guerra começou de novo em agosto, ele tinha apenas dois navios de primeira classe e três fragatas como tristes vestígios da outrora poderosa frota turca. Mohamed recusou-se terminantemente a abandonar essa frota e não quis devolvê-la ao sultão. Por isso, em 1840 a Inglaterra, a Rússia, a Áustria e a Prússia (atual Alemanha) intervieram e determinaram uma solução do conflito, pois era evidente que, se Mohamed ficasse à vontade, dentro em breve se apoderaria do trono do sultão.

O sultão aceitou essa intromissão das grandes potências e concordou em fazer uma renúncia voluntária. Reuniu-se em Londres com essas nações oci-



dentais. Como resultado, apresentaram um texto do acordo ao paxá do Egito, segundo o qual o sultão lhe concederia o governo hereditário do Egito por toda a vida. Por sua vez, o paxá egípcio evacuaria todas as outras partes dos domínios do sultão então ocupados por ele e devolveria a frota otomana. É evidente que, caso o acordo fosse firmado, o assunto estaria para sempre fora do domínio do sultão, e os seus negócios estariam ao dispor de nações estrangeiras.

No mesmo dia, 11 de agosto de 1840, o sultão dirigiu uma nota aos embaixadores das quatro nações perguntando que plano devia ser adotado no caso de o paxá recusar cumprir os termos do ultimato, ao que fizeram responder que tinham tomado todas as providências e não havia necessidade de se alarmar por qualquer contingência que pudesse ocorrer. Desde a primeira publicação do cálculo desse assunto em 1838, milhares de pessoas ao redor do mundo ficaram atentas ao cumprimento da profecia. E a ocorrência exata do evento comprovou a aplicação correta da profecia e deu poderoso impulso ao grande movimento adventista que começava a chamar a atenção do globo. ■

1 - TREIYER, Alberto. *The Apocalyptic Times of the Sanctuary*, p. 274.

2 - DORNELES, Vanderlei. *Pelo sangue do Cordeiro — A vitória do remanescente na batalha final*. Tatui (SP): Casa Publicadora Brasileira, p. 40.

3 - Comentário Bíblico Adventista, vol. 7, p. 873.

4 - TREIYER, R. Alberto. *El enigma de los sellos y las trompetas*, p. 264

5 - *Ibidem*, pp. 268 e 269.

6 - GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*, p. 370.

7 - Comentário Bíblico Adventista, vol. 7, p. 873.

8 - SILVA, Daniel Neves. *Islamismo*. Portal História do Mundo. Disponível em: <<https://bit.ly/3nAoAZz>>. Acessado em 3 jul. 2022.

9 - CANTU, Cesare. *História Universal*, vol. VII, p. 339.

10 - Tonsura: A coroa dos clérigos católicos; corte redondo dos cabelos no topo da cabeça dos eclesiásticos.


11 - GIBBON, Edward. *Op. Cit.*, pp. 189 e 190.

12 - MELLO, Aracely S. *A verdade sobre as profecias do Apocalipse*. Taquara, RS: GRAFIACS, 1982, p. 226.

13 - WHITE, Ellen. O grande conflito, p. 63.

14 - LITCH, Josiah. *Prophetic Exposition*, vol. 2, p. 181.

Capítulo 6



**O anjo com o
livrinho na mão**
(Apocalipse 10:1-11:18)



Após a descrição da sexta trombeta, nossa expectativa é nos deparar com a revelação da sétima trombeta. Ao prosseguirmos a leitura, porém, o Apocalipse nos apresenta um bloco de conteúdo muito diferente do que vinha sendo exposto na descrição do toque das trombetas. Essa característica se chama interlúdio ou intercalação. O conceito é simples: “uma unidade de textos é dividida em duas partes. Entre elas, outra unidade de diferente conteúdo é intercalada [...], interrompendo, assim, a descrição da cena”.¹

Por exemplo, no caso da unidade textual dos sete selos (Apocalipse 6 e 8:1), o autor narra a abertura deles de modo sequencial até o sexto selo e, de repente, pausa a narrativa e introduz um bloco (Apocalipse 7) entre o sexto e o sétimo selo. Observa-se o mesmo fenômeno em Apocalipse 12:1-6, quando João está apresentando a guerra entre o dragão (Satanás/Roma imperial) e a mulher (igreja de Deus). Dos versículos 7 a 12 surge um interlúdio, um trecho no qual lemos sobre como essa guerra se iniciou e como se estendeu até o conflito decisivo na cruz. Do versículo 13 em diante, a narrativa volta a seguir um fluxo natural com a perseguição do dragão contra a mulher aqui na Terra. Pode-se oferecer outros exemplos, mas esses já são suficientes para comprovar a existência desse recurso no texto inspirado de João.

Por outro lado, é importante observar que o conteúdo desses blocos inseridos em meio a uma unidade textual sempre está relacionado de alguma forma com a unidade interrompida. Assim, devemos nos perguntar: Que mensagem tão importante é essa que João tem a transmitir a ponto de preferir expô-la antes de revelar o conteúdo da sétima trombeta?

Neste interlúdio é possível identificar com facilidade dois assuntos:

O anjo poderoso com o livrinho e sua comissão a João (10:1-11);

As duas testemunhas (11:11-14).

O anjo poderoso com o livrinho na mão

■ “E vi outro anjo forte, que descia do Céu vestido de uma nuvem; e por cima da sua cabeça estava o arco celeste, e o rosto era como o Sol, e os pés como colunas de fogo; e tinha na mão um livrinho aberto e pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra; e clamou com grande voz, como quando brama o leão; e, havendo clamado, os sete trovões fizeram soar as suas vozes” (Apocalipse 10:1-3).

O livrinho — Pode-se entender a partir desta linguagem que o livro esteve fechado durante algum tempo. Daniel fala de um livro que devia permanecer fechado e selado até um tempo determinado: “E tu, Daniel, fecha esta palavra e sela este livro até o tempo do fim:

Capítulo 6

muitos correrão de uma parte para outra e a ciência se multiplicará” (Daniel 12:4). Como este livro estaria fechado *até o tempo do fim*, é óbvio que seria aberto no último tempo. A predição de acontecimentos que deviam ocorrer no tempo do fim também incluiu a abertura desse livro. Não se fala de nenhum livro fechado e selado além do livro de Daniel, e só o capítulo 10 de Apocalipse é que menciona essa abertura.

Quando o anjo desse capítulo desce com o livrinho aberto, apresenta uma mensagem relativa a tempo, como se vê no versículo 6. Estabelece-se então um ponto importante para se confirmar a cronologia desse anjo. Vimos que a profecia, e em particular os períodos proféticos de Daniel, só seriam abertos (ou compreendidos) no tempo do fim. O que resta sobre esse ponto é certificar-nos de quando começou o tempo do fim, e vimos que o livro de Daniel fornece dados para localizar esse início. Em Daniel 11:30, apresenta-se o poder papal. No versículo 35 lemos: *“E alguns dos entendidos cairão para serem provados, e purificados, e embranquecidos, até o tempo do fim”*. O período aqui mencionado se refere à supremacia papal, que se encerrou em 1798, no término do período de 1 260 anos. Daí em diante começa o tempo do fim e o livro é aberto. Desde então muitos têm estudado o livro, e o conhecimento sobre esses assuntos proféticos só cresce desde essa época.

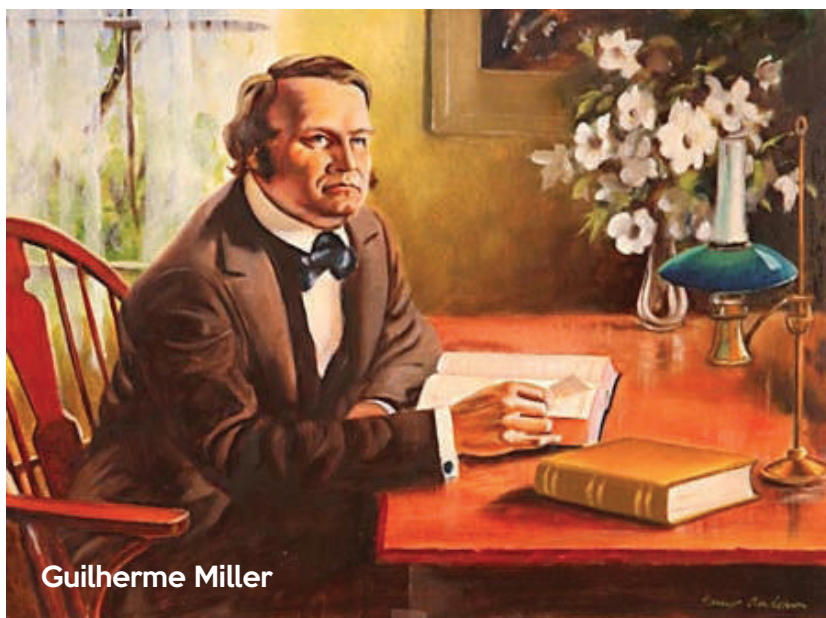
O fato de que o anjo de Apocalipse 10 é idêntico ao primeiro anjo da tríplice mensagem no capítulo 14 confirma a relação entre os acontecimentos descritos por ambos os capítulos. É fácil perceber os detalhes dessa identidade: Ambos têm uma mensagem especial a proclamar; ambos fazem a sua declaração com grande voz; ambos usam linguagem semelhante quando se referem a Deus como Criador do céu e da Terra, do mar e do que neles há; ambos anunciam algo relacionado a tempo. O anjo do capítulo 10 jura que não haveria mais tempo, e o do capítulo 14 afirma ter chegado a hora do juízo de Deus.

Só que a mensagem de Apocalipse 14:6 surge dentro do período do tempo do fim. É a revelação da vinda da hora do juízo de Deus, e por isso deve se aplicar à última geração. Paulo não pregou a vinda da hora do juízo. Lutero e seus auxiliares não a pregaram. Paulo falou de um juízo vindouro, num futuro indefinido.

“Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e pela nossa reunião com Ele, que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o Dia de Cristo estivesse já perto. Ninguém, de maneira alguma, vos engane, porque não será assim sem que antes venha a apostasia e se manifeste o homem do pecado” (2 Tessalonicenses 2:1-3).

Aqui Paulo menciona claramente o papado e engloba numa única advertência todo o período da supremacia papal, que durou 1 260 anos, terminando em 1798.

Nesse ano (1798) cessou a indefinição profética referente à proclamação de que o dia de Cristo estava às portas. Em 1798 começou o tempo do fim e o selo



Guilherme Miller

do livrinho foi removido. Desde então o anjo de Apocalipse 14 saiu anunciando que vinda era a hora do juízo de Deus. E por isso o anjo do capítulo 10 permaneceu em pé sobre o mar e a terra, e jurou que não haveria mais tempo. Logo, não se pode ter dúvida sobre a identidade desse anjo.

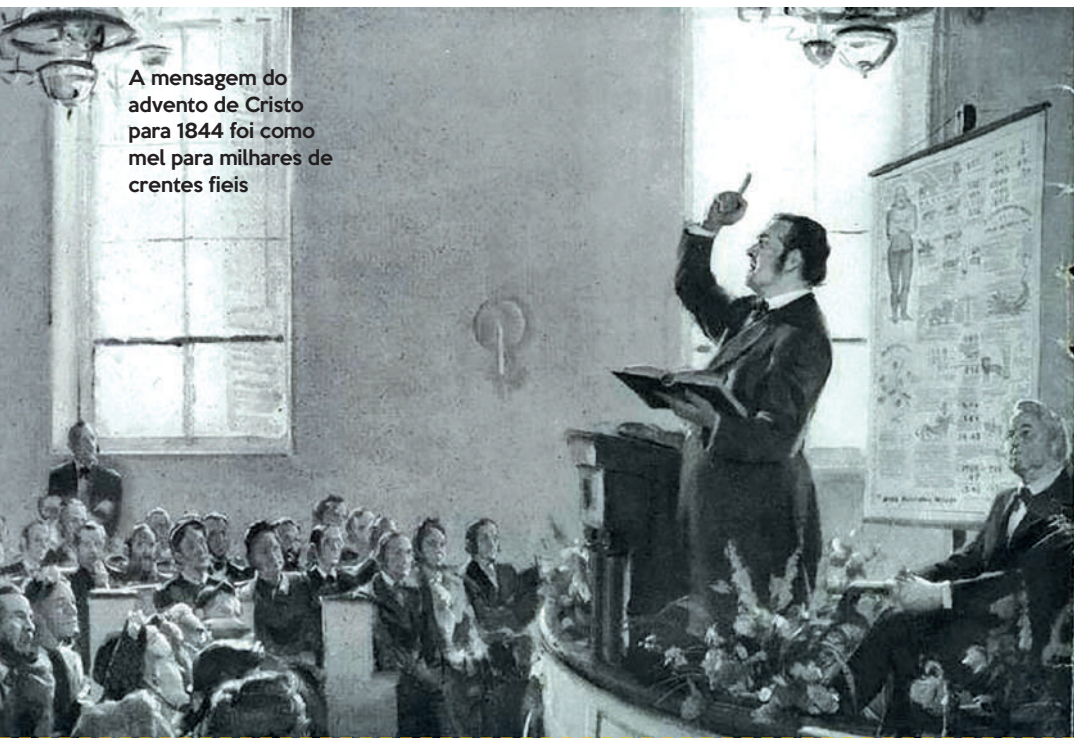
Um pé sobre e o mar e outro sobre a terra — A geração atual tem presenciado o cumprimento dessas duas profecias. Entre 1840 e 1844 começou o cumprimento pleno e circunstancial de ambos os anjos. A posição do anjo do capítulo 10, com um pé sobre o mar e o outro sobre a terra, sugere o amplo alcance do anúncio internacional da mensagem do livrinho. Se essa mensagem se destinasse a um só país, teria sido suficiente que o anjo pusesse os dois pés sobre a terra. Mas ele tem um pé sobre o mar, donde podemos inferir que a sua mensagem devia atravessar o oceano e se estender às várias nações e divisões do globo. O fato de que a proclamação do Advento alcançou cada estação missionária no mundo em 1843-44 confirma essa dedução.

O anjo comissiona João a pregar

■ “E a voz que eu do Céu tinha ouvido tornou a falar comigo e disse: Vai e toma o livrinho aberto da mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra. E fui ao anjo, dizendo-lhe: Dá-me o livrinho. E ele disse-me: Toma-o e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como mel. E tomei o livrinho da

Capítulo 6

A mensagem do advento de Cristo para 1844 foi como mel para milhares de crentes fieis



mão do anjo e comi-o; e na minha boca era doce como mel; e, havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo. E ele disse-me: Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas, e reis” (Apocalipse 10:8-11).

O ato de comer o livrinho — A experiência vivida por João em Apocalipse 10 simboliza um evento histórico. A princípio o sabor da mensagem de Deus lhe foi doce como mel, mas depois, ao transmiti-la, algo a fez ficar amarga. Nas palavras de Stefanovic, “quando é recebida, a Palavra de Deus é doce, proporcionando alegria ao coração. O evangelho sempre significa as boas-novas de um Deus que ama, cuida e que está no controle. Entretanto, ela se torna muitas vezes amarga para o mensageiro quando, ao proclamá-la, decepçiona-se de alguma forma”.²

Essa foi a experiência do grupo que creu no advento entre 1840 e 1844. Quando esses fiéis servos de Deus decifraram o conteúdo do livro de Daniel, perceberam a mensagem do breve retorno de Jesus. Por isso, ela lhes foi “doce como o mel”. Mas quando Cristo não veio em 22 de outubro de 1844 conforme esperavam, o sentimento de decepção foi profundamente amargo.



■ “E ele disse-me: Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas, e reis.”

Mas o desapontamento não indicava que o movimento religioso não fosse divino, pois neste capítulo 10 o Senhor antecipa o amargor que viveram, e o último versículo revela aos fiéis uma tarefa a cumprir, de extensão mundial, que deviam levar a cabo antes da gloriosa aparição de Jesus, porque sua obra ainda não tinha terminado. Em outras palavras, é a profecia referente à mensagem do terceiro anjo, que está em processo de cumprimento agora. Essa obra não é de caráter local. Deve ser levada a “*muitos povos, e nações, e línguas e reis*”, como você vai ver no estudo de Apocalipse 14:6-12 no ENAR do ano que vem. ■

1 - STEFANOVIC, Ranko. *O anjo no altar e as intercalações no livro do Apocalipse*, em: *Princípios do Fim — O Apocalipse à luz do Antigo Testamento*. (UNASPRESS, 2016), p. 121.

2 - STEFANOVIC, Ranko. *Revelation of Jesus Christ*, pp. 327 e 328.

A medição do templo, as duas testemunhas e a sétima trombeta



■ “E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara; e chegou o anjo e disse: Levanta-te e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram. E deixa o átrio que está fora do templo e não o meças; porque foi dado às nações, e pisarão a Cidade Santa por quarenta e dois meses” (Apocalipse 11:1 e 2).

As instruções do anjo a João continuam. Portanto, não devemos pensar que a mudança de capítulo equivale a uma fuga do tema da visão exposta no anterior. O anjo continua fornecendo informações solenes a João, as quais Deus revelaria à igreja no devido tempo. A mensagem deste capítulo está relacionada a uma determinada obra a ocorrer no templo divino referente ao verdadeiro povo de Deus, os adoradores.

A vara de medir — A palavra grega para *medir* aqui é *metron* ou *metreo*, e apresenta o sentido figurado de *avaliar* e *julgar*. As passagens do Novo Testamento que trazem esses termos se referem à obra judicial de Deus no juízo final (Mateus 7:2; Marcos 4:24). No Antigo Testamento, este episódio da vida de Davi é esclarecedor: “*Também [Davi] feriu os moabitas, e os mediu com cordel, fazendo-os deitar por terra, e os mediu com dois cordéis para os matar, e com um cordel inteiro para os deixar em vida; ficaram, assim, os moabitas por servos de Davi, trazendo presentes*” (2 Samuel 8:2). Vemos que o ato de medir nos tempos do Velho Testamento se relacionava a um processo de juízo cujo objetivo era determinar quem deveria morrer ou viver. É nesse contexto que se deve compreender o processo de medir em Apocalipse 11, o qual envolve consequências eternas.

“O grande julgamento está acontecendo há algum tempo. Agora o Senhor diz: *‘Meça o templo e seus adoradores’*. [...] Aqui está a obra em andamento, medindo o templo e seus adoradores para ver quem ficará de pé no último dia.”¹

Após o grande desapontamento de 1844, os que aguardavam o retorno de Cristo voltaram a atenção para a obra de Jesus como Sumo Sacerdote no santuário celestial, o templo de Deus. O Senhor está medindo, avaliando os adoradores desse templo. Somente o povo de Deus O adora; portanto, é evidente aqui que a referência é ao povo do Senhor. Essa obra de exame que agora se desenrola no templo celeste irá determinar quem receberá a vida eterna e quem sofrerá a morte eterna.

“*E deixa o átrio que está fora do templo e não o meças*” — A ordem para não medir o pátio exterior reforça o entendimento de que essa obra de julgamento se restringe apenas à igreja de Deus. O Comentário Bíblico Adventista fornece uma contextualização histórica que ajuda a compreender essa ordem dada a João:

“No templo de Herodes, que João conhecera bem, havia um átrio interno dividido em átrio das mulheres, átrio de Israel e átrio dos sacerdotes. Depois dele, havia um grande átrio externo, o átrio

Capítulo 7

dos gentios. Uma barreira, a ‘parede da separação’ (Efésios 2:14), dividia os átrios interno e externo. Nenhum gentio podia atravessá-la, e a pena para a transgressão era a morte [...]. Levando-se em conta que o átrio mencionado aqui foi ‘dado aos gentios’, parece que João tinha em mente o grande átrio exterior. Ele tem sido interpretado como uma representação desta Terra, em contraste com o ‘templo de Deus’ no Céu (vers. 1).”²

Ao contrário do Israel espiritual, os gentios representam todos os que não fizeram um concerto com Deus. São os que permanecem em seu estado natural de rebelião, e não podem receber os benefícios da purificação dos seus pecados por meio do sangue de Jesus, o único que pode nos livrar da pena eterna do juízo. Os gentios, no contexto do conflito cósmico retratado no Apocalipse, significam as forças hostis a Deus e ao evangelho que perseguem o fiel povo de Deus. Nesse ponto, o texto bíblico nos leva novamente ao passado, como que para nos apresentar uma nova série de acontecimentos relacionados à guerra dos ímpios contra a verdade de Deus.

Os 42 meses — O texto prossegue dizendo que os gentios pisariam a cidade santa por 42 meses. Essa expressão é análoga à que menciona “um tempo, dois tempos e metade de um tempo”, período durante o qual o chifre pequeno, símbolo de Roma papal, perseguiria e mataria os santos do Altíssimo. O mesmo período de 42 meses aparece em Apocalipse 13:5 como o tempo de atuação da besta do mar em sua obra de exterminar o povo de Deus. Assim, pelo princípio da comparação entre os textos bíblicos visando alcançar o ensino completo da Bíblia sobre determinado tema, a cidade santa que é pisada pelos gentios (o papado medieval) em Apocalipse 11:2 é uma representação da igreja de Deus, assim como a cidade de Babilônia é um símbolo espiritual de todo o sistema político-religioso que se opõe a Deus e Sua verdade no mundo.

■ *“E darei poder às Minhas duas testemunhas, e profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco. Estas são as duas oliveiras e os dois castiçais que estão diante do Deus da Terra”* (Apocalipse 11:3 e 4).

As duas testemunhas — A identidade das duas testemunhas está vinculada à luz do período de tempo em que atuam, os 1 260 dias. Esse tempo profético já apareceu em várias outras ocasiões sob diversas formas (Apocalipse 11:2; 12:6; 13:5; Daniel 7:25), e sempre se refere a um fato histórico: os terríveis e longos séculos de perseguição papal aos santos de Deus, de 538 a 1798 d.C. Nesse contexto, quem são as duas testemunhas que, mesmo nesse período de grande escuridão espiritual, não deixaram de profetizar (pregar) a verdade?

Assim como acontece com muitas imagens do Apocalipse, não é possível interpretar corretamente o símbolo das duas testemunhas sem identificar o contexto do Antigo Testamento no qual João, inspirado por Deus, se baseia. O contexto aqui é de Zacarias 4:1-6. João adapta a linguagem dessa passagem para compor seu texto sobre as duas testemunhas. Ela diz:



“E tornou o anjo que falava comigo, e me despertou, como a um homem que é despertado do seu sono, e me disse: Que vês? E eu disse: Olho, e eis um castiçal todo de ouro, e um vaso de azeite no cimo, com as suas sete lâmpadas; e cada lâmpada posta no cimo tinha sete canudos. E, por cima dele, duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e outra à sua esquerda. E falei e disse ao anjo que falava comigo, dizendo: Senhor meu, que é isto? Então, respondeu o anjo que falava comigo e me disse: Não sabes tu o que isto é? E eu disse: Não, Senhor meu. E respondeu e me falou, dizendo: Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel, dizendo: Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.”

Apocalipse 11 descreve dois castiçais em vez de um só, como é o caso de Zacarias 4:2. João afirma que as duas testemunhas são ao mesmo tempo os dois castiçais e as duas oliveiras. Quanto à figura dos castiçais, o profeta pergunta ao anjo qual o significado deles, ao que o anjo responde: *“Esta é a Palavra do Senhor”*. Davi diz: *“A exposição das Tuas palavras dá luz.”* *“Lâmpada para os meus pés é a Tua palavra, e luz para o meu caminho”* (Salmos 119:13 e 105). Zacarias também pergunta o que significam os dois raminhos de oliveira que vertem óleo pelos dois tubos de ouro, e o anjo responde que são dois ungidos que servem ao Senhor de toda a Terra (Zacarias 4:12-14). Contudo, o termo *ungidos* é uma interpretação do que está no hebraico, que é “filhos do azeite”. Ou seja, aqueles que são ungidos com azeite e consagrados para uma função especial.

Portanto, o texto de Zacarias fornece todas as chaves para compreendermos a imagem das duas testemunhas de Apocalipse 11. Trata-se da Palavra de Deus (o Antigo e o Novo Testamentos), a qual, pelo poder divino, sobreviveu à avassaladora perseguição do papado. Contudo, sabemos que os filhos do Senhor é que veiculam a Palavra de Deus, e são consagrados para servi-LO. Os santos de Deus desse período preservaram a mensagem das Escrituras por palavra e exemplo prático. Sobre a atuação das duas testemunhas no contexto dos 1 260 anos, Ellen White complementa:

“As duas testemunhas representam as Escrituras do Antigo e Novo Testamentos [...]. Quando a autoridade religiosa e secular proibiu a Bíblia; quando seu testemunho foi pervertido, fazendo homens e demônios todos os esforços para descobrir como desviar da mesma o espírito do povo; quando os que ousavam proclamar suas sagradas verdades eram perseguidos, traídos, torturados, sepultados nas celas das masmorras, martirizados por sua fé, ou obrigados a fugir para a fortaleza das montanhas e para as covas e cavernas da Terra —, então é que as fiéis testemunhas vestidas de saco profetizavam. Contudo, continuaram com seu testemunho por todo o período de 1 260 anos. Nos mais obscuros tempos houve fiéis que amavam a Palavra de Deus e eram zelosos de Sua honra. A esses fiéis servos foram dados sabedoria, autoridade e poder para anunciar Sua verdade durante aquele tempo todo.”³

Capítulo 7

■ “E, se alguém lhes quiser fazer mal, fogo sairá da sua boca e devorará os seus inimigos; e, se alguém lhes quiser fazer mal, importa que assim seja morto. Estas têm poder para fechar o céu, para que não chova nos dias da sua profecia; e têm poder sobre as águas para convertê-las em sangue e para ferir a Terra com toda sorte de pragas, quantas vezes quiserem” (Apocalipse 11:5 e 6).

O poder das duas testemunhas — Juízo de fogo é pronunciado contra todos os que se opõem, pervertem e afastam as Escrituras do povo. Essa linguagem lembra o episódio em que Elias pedia que fogo descesse do Céu sempre que os soldados do rei Acázias vinham para prendê-lo (2 Reis 1:9-14). Também ecoa a experiência do profeta Jeremias, em cuja boca as palavras do Senhor se tornaram fogo para consumir os rebeldes que rejeitavam a obra do mensageiro divino (Jeremias 5:14). O princípio em vista aqui é que os inimigos do testemunho da Escrituras, proclamado pelos servos de Deus, receberão do próprio Senhor a retribuição que lhes cabe no juízo final.

O poder das duas testemunhas é enorme. O texto de João nos diz que ela pode até “fechar o céu” para que não chova. A referência aqui é muito clara. Nos dias de Elias, a Palavra que o Senhor lhe havia dado para transmitir ao rei Acabe foi: “Juro pelo nome do Senhor, a quem sirvo, que não cairá orvalho nem chuva nos anos seguintes, exceto mediante a minha palavra” (1 Reis 17:1). E, de fato, não caiu nem uma gota de chuva por três anos e meio em Israel. As consequências dessa estiagem foram terríveis. Esse exemplo demonstra que opor-se às duas testemunhas, representadas aqui por Elias, é atrair o castigo divino para si.

O texto de Tiago 5:17 confirma o período total de 42 meses (três anos e meio) de estiagem em Israel que a Palavra de Deus por meio de Elias efetuou no tempo de Acabe. Essa observação inspirada por parte do apóstolo Tiago certamente tem relação simbólica com o período profético de Daniel (tempo, tempos e metade de um tempo) e com as referências apocalípticas aos 42 meses e aos três anos e meio. Do mesmo modo que Elias permaneceu praticamente isolado no deserto por três anos e meio literais, o povo genuíno de Deus resistiu solitário em meio a um mar de apostasia gerado pela supremacia papal durante os três anos e meio proféticos que o Apocalipse aponta.

■ “E, quando acabarem o seu testemunho, a besta que sobe do abismo lhes fará guerra, e as vencerá, e as matará. E jazerá o seu corpo morto na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde o seu Senhor também foi crucificado” (Apocalipse 11:7 e 8).

Após o período dos 1 260 anos em que as duas testemunhas profetizaram em meio ao massacre empreendido pelo papado, a profecia aponta o surgimento de outro poder hostil. Mesmo sob a forte ameaça de que a morte aguarda os que causam dano às duas testemunhas, a besta que sobe do abismo guerreia contra elas e as mata. Em profecia, uma besta significa um reino ou poder (Daniel 7:17

A nova ordem resultante da Revolução acabou por infligir perseguição à Palavra de Deus



e 23). Que governo surgiu por volta de 1798 e perseguiu as Escrituras de forma tão violenta a ponto de simbolicamente matá-las? Os fatos históricos apontam sem dúvida para a França revolucionária.

“No ano 1793, [...] por um ato solene da legislatura e do povo, o Evangelho foi abolido na França. Os ultrajes infligidos aos exemplares da Bíblia já não tinham importância; sua vida está em suas doutrinas, e a extinção das doutrinas é a extinção da Bíblia. Pelo decreto do governo francês que declarava que a nação não conhecia a Deus, o Antigo e o Novo Testamento foram mortos em todos os confins da França republicana. Mas não podiam falar das injúrias aos livros sagrados no saque geral de todo lugar de culto. Em Lion [os Testamentos] foram arrastados amarrados à cauda de um asno em uma procissão pelas ruas.”⁴

A grande cidade que, em figura, é Sodoma e Egito, é a Paris durante esse sombrio capítulo da história da França. Sodoma simboliza a imoralidade e a fornicação, pecados que eram predominantes nessa antiga cidade. Foi possível ver essa mácula em Paris naquela época? Sim, pois o governo revolucionário estabeleceu a fornicação por lei naquele período. A França também é comparada ao Egito. Nada mais adequado. Nas palavras de Ellen White:

Capítulo 7

“De todas as nações apresentadas na história bíblica, o Egito, de maneira mais ousada, negou a existência do Deus vivo e resistiu aos Seus preceitos. Nenhum monarca já se aventurou a rebelião mais aberta e arrogante contra a autoridade do Céu do que o fez o rei do Egito. Quando, em nome do Senhor, a mensagem lhe fora levada por Moisés, Faraó orgulhosamente respondeu: *‘Quem é o Senhor cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tão pouco deixarei ir Israel’* (Êxodo 5:2). Isso é ateísmo; e o país representado pelo Egito expressou uma negação idêntica às reivindicações do Deus vivo, e manifestaria idêntico espírito de incredulidade e desafio.”⁵

■ *“E homens de vários povos, e tribos, e línguas, e nações verão seus corpos mortos por três dias e meio, e não permitirão que o seu corpo seja posto em sepulcros. E os que habitam na Terra se regozijarão sobre eles, e se alegrarão, e mandarão presentes uns aos outros; porquanto estes dois profetas tinham atormentado os que habitam sobre a Terra. E depois daqueles três dias e meio, o espírito de vida, vindo de Deus, entrou neles; e puseram-se sobre os pés, e caiu grande temor sobre os que os viram”* (Apocalipse 11:9-11).

Essa parte em negrito da profecia descreve a alegria ímpia que os inimigos de Deus e de Sua Palavra sentiram com o que fizeram. Tinham ódio dos dois profetas (Antigo e Novo Testamento), e foi-lhes permitido matá-los. Contudo, a profecia predisse que esse demoníaco regozijo não duraria muito. Depois de três dias e meio proféticos, isto é, três anos e meio literais, as Escrituras voltaram à vida na França, e seus inimigos se apavoraram ao contemplar isso. Lembremos de que o decreto que sepultou as Escrituras ocorreu em 24 de outubro de 1793. Algo profético aconteceria a partir de abril de 1797, que marcaria a ressurreição das duas testemunhas de Deus, as Sagradas Escrituras.

“Em 1793 a Assembleia Francesa promulgou um decreto suprimindo a Bíblia. Justamente três anos depois apresentou-se à Assembleia uma resolução para suspender o decreto e dar tolerância às Escrituras. Essa resolução esteve na mesa durante seis meses, sendo então levantada e decretada sem nenhum voto contrário. Assim, exatamente em três anos e meio as testemunhas ‘puseram-se sobre seus pés e caiu grande temor sobre os que os viram’. Só os pavorosos resultados da rejeição da Bíblia podiam ter levado a França a tirar suas mãos destas testemunhas.”⁶

■ *“E ouviram uma grande voz do Céu que lhes dizia: Subi cá. E subiram ao Céu em uma nuvem; e os seus inimigos as viram. E naquela mesma hora houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade, e no terremoto foram mortos sete mil homens; e os demais ficaram muito atemorizados e deram glória ao Deus do Céu. É passado o segundo ai; eis que o terceiro ai cedo virá”* (Apocalipse 11:12-14).



A expressão bíblica chamando os dois profetas para subirem ao Céu é uma referência à exaltação e à glorificação das Escrituras Sagradas depois dos três anos e meio de hostilidades e morte. Em que consiste essa exaltação e glorificação? Como se pode enaltecer a Bíblia em contraste com sua rejeição? Divulgando-a, disponibilizando-a para o maior número possível de pessoas. Depois de um breve período de escuridão, a luz da Palavra de Deus voltou a brilhar com força. Pouco depois organizou-se a Sociedade Bíblica Britânica (1804). Seguiu-se a Sociedade Bíblica Americana (1816), e ambas, assim como as suas congêneres quase inumeráveis, têm espalhado a Bíblia por toda parte.

■ A sétima trombeta

■ *“E tocou o sétimo anjo a trombeta, e houve no Céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre. E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seu trono, diante de Deus, prostraram-se sobre seu rosto e adoraram a Deus, dizendo: Graças te damos, Senhor, Deus Todo-Poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir, que tomaste o teu grande poder e reinaste. E iraram-se as nações, e veio a Tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o Teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a Terra” (Apocalipse 11:15-18).*

Retoma-se aqui a série das trombetas. As seis primeiras se destinavam a estilhaçar todo o poderio do Império Romano, tanto na fase pagã quanto na papal. A sétima trombeta anuncia que o reino absoluto é de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é o Rei dos reis, e só estamos aguardando o bendito dia em que estabelecerá Seu reino eterno. Desde as revoluções de 1848 na Europa, as nações têm se irado cada vez mais. Já passamos por duas guerras mundiais, e hoje vivemos amedrontados por rumores bélicos.

No entanto, junto com o solene anúncio da ira (tanto das nações quanto divina) segue mais uma declaração fundamental. “[...] e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o Teu nome”. A grande maioria dos mortos (ímpios) permanecerá na sepultura depois do derramamento das pragas e do fim desta dispensação. Os santos, juntamente com Cristo, efetuarão uma obra de julgamento durante o milênio que segue à primeira ressurreição (a dos justos) para atribuir a cada um o castigo devido aos pecados que cometeram (1 Coríntios 6:2; Apocalipse 20:4). Todavia, esse anúncio também se refere a outro serviço solene: “[...] e o tempo de destruíres os que destroem a Terra”. De acordo com o prof. Alexandre de Araújo, “a humanidade deveria povoar o planeta, como foi ordenado aos demais seres vivos da Terra, mas também governar sobre a criação. Uma leitura superficial pode dar a entender que o ser humano recebeu autorização para ‘saquear’ a natureza, justificando a exploração e o desastre ecológico que vivemos

Capítulo 7

hoje. A intenção divina não era essa. Deus delegou aos humanos Sua própria autoridade real sobre a criação. Como ser criado à Sua imagem, **a humanidade deveria cuidar da Terra da mesma forma como Deus faz**. Se agirmos como tiranos sobre a criação, iremos negar e destruir a imagem de Deus em nós”.⁷

Apesar de a humanidade em geral demonstrar preocupação com o meio ambiente hoje, o impacto ambiental nunca foi tão devastador. É um discurso hipócrita. Ao passo que os ambientalistas têm forçado a indústria a abandonar os derivados de petróleo como matriz energética visando levá-la a adotar as “energias verdes” (eólica, solar e elétrica, dentre outras), os materiais usados na fabricação de placas solares, pás de usinas giratórias eólicas, de baterias de lítio e outros minerais recentemente descobertos, como o grafeno, costumam ter alta produção de poluentes e de CO₂ na fase de extração e processamento. Entre a produção e a chegada dessas tecnologias às mãos dos consumidores, a redução de poluentes projetada para a vida útil desses dispositivos é quase anulada pela alta produção na fase de preparo. Isso sem contar as inúmeras agressões à natureza que a vida contemporânea produz no dia a dia.

Logo, é mais do que justa a declaração de que chegou o “*tempo de destruíres os que destroem a Terra*”.

A sétima trombeta também anuncia o derramamento das sete últimas pragas, quando se consumará a ira de Deus contra todos os opositores de Sua obra de salvação na Terra. Chegará o tempo de julgar os mortos e de finalmente recompensar todos os fiéis servos de Deus. Estamos vivendo nos dias da sétima trombeta. O desfecho da história reserva grandes alegrias para os que se colocaram ao lado de Jesus no conflito entre o bem e o mal. ■

1 - WHITE, Ellen. *Manuscrito 4*, 1888.

2 - Comentário Bíblico Adventista, vol. 7, p. 887.

3 - WHITE, Ellen. *O grande conflito*, p. 267.

4 - CROLY, Jorge. *The Apocalypse of St. John*, p. 175.

5 - WHITE, Ellen. *O grande conflito*, p. 269

6 - STORRS, George, *Midnight Cry*, 4 de maio de 1843, vol. 4, p. 47.

7 - ARAÚJO, Alexandre de. Mordomos da Terra. Revista Missionária de Evangelização Anual. Itaquaquecetuba (SP): Edições Vida Plena, 4ª edição (2021), p. 8.

Não perca os **devocionais para 2023** especialmente preparados para você!



O Espírito de Profecia diz que a oração é o abrir do coração a Deus como a um amigo. O ato de orar, em si, não tem valor algum. Existem várias religiões que baseiam seu foco nas preces (a Deus ou a outras divindades), mas isso não é garantia de que essas orações alcançam de fato a Deus ou atingem algum objetivo válido. Usada adequadamente, a oração é a chave que abre os celeiros de bênçãos celestes. A meditação deste ano traz respostas a todas essas perguntas e a muitos outros questionamentos. Certamente as solenes mensagens deste livro ajudarão você a se aproximar cada vez mais do querido Salvador.

Essas meditações são fruto da pesquisa efetuada em uma série de 23 artigos publicados por Ellen White na *Review and Herald* entre 17 de agosto de 1905 e 22 de fevereiro de 1906. Nesses textos, a autora constrói o perfil psicológico-espiritual da personalidade daquele que foi o mais sábio dos homens. A história comentada desse rei é de interesse crucial para todos, pois ensina o modo como Deus trata o pecador e o pecador. Ele está sempre pronto a odiar o pecado, mas a amar o pecador, por outro. Esses textos nos ensinarão a administrar com sabedoria o tempo que temos aqui para que, finalmente, possamos alcançar a vitória completa.

